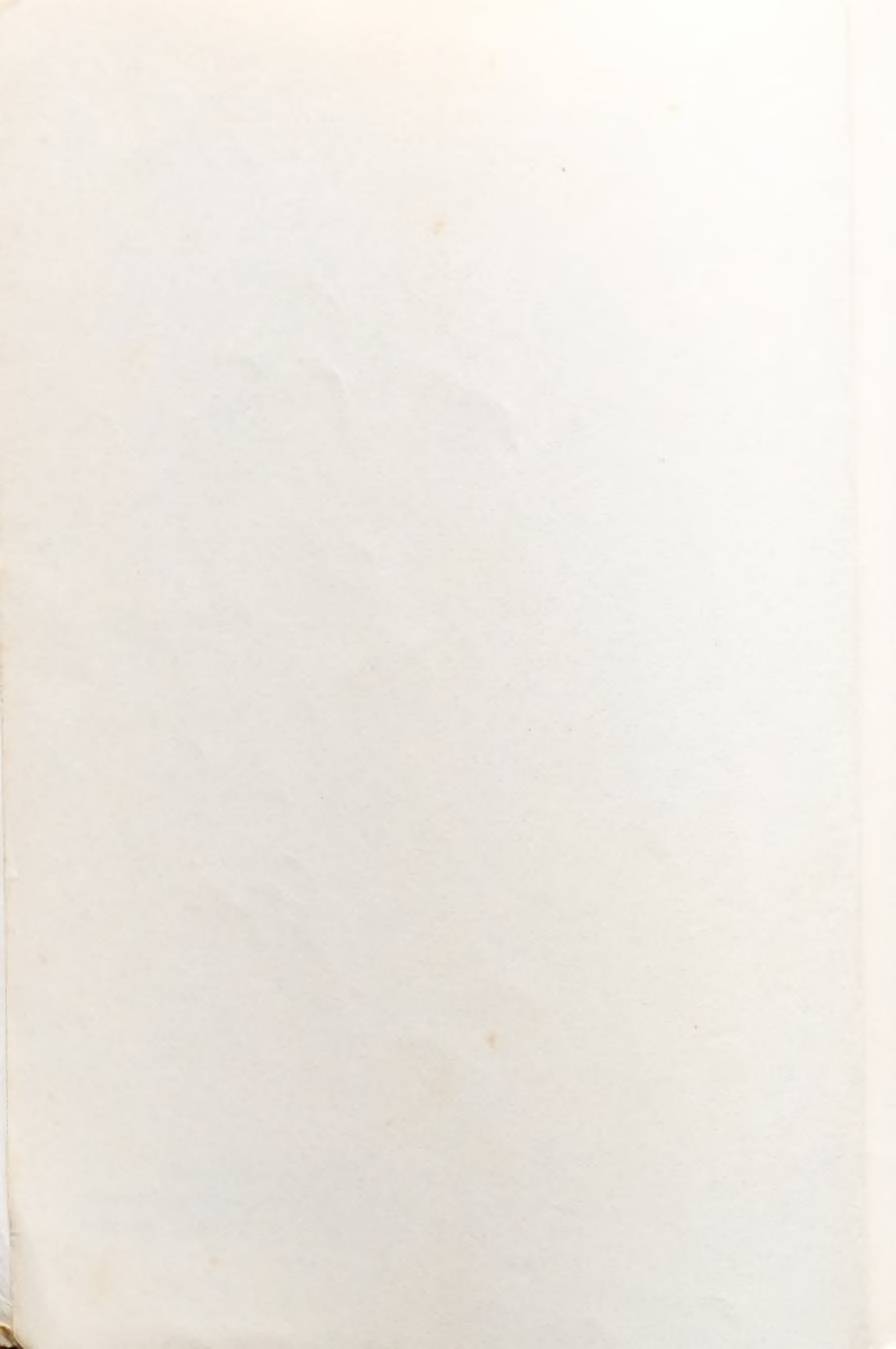


ANAIIS

DA
COMUNIDADE
BRASILEIRO-
POLONESA

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus respectivos autores. A reprodução "in toto" ou em parte da matéria contida nos ANAIS é livre, desde que citada a fonte.



**SUPERINTENDÊNCIA DO CENTENÁRIO
DA IMIGRAÇÃO POLONESA AO PARANÁ**

**RUA CARLOS DE CARVALHO, Nº 575
CURITIBA — PARANÁ — BRASIL**

ANAI S

DA

COMUNIDADE POLONESA BRASILEIRA

Publicação: **Superintendência do Centenário da Imigração Polonesa ao Paraná**

Contribuição: **Pedro Ignaszewski**

Coordenador Geral: **Prof. Francisco Dranka**

Coordenador Técnico: **Prof. Ruy Christovam Wachowicz**

Departamento Cultural:

Jan Krawczyk

Francisco Dranka

Mariano Kawka

Ruy C. Wachowicz

Romão Wachowicz

Zdzisław Zawadzki

ANAIIS DA COMUNIDADE BRASILEIRO POLONESA

VOLUME VII — ANO 1973

Sumário

1 — Agradecimento	7
2 — Apresentação	9
3 — Os Poloneses no Brasil — Antonio Hempel	11
4 — A Literatura Polono-Paranaense — João Krawczyk	101
5 — Textos e Documentos	123

ANNAIS DA COMISSÃO BRASILEIRA DE POLÍCIA

VOLUME VII — ANO 1973

Sumário

1	— Comentários
2	— Atualização
3	— O Processo de Sinal — Antônio Mendes
4	— A Lei sobre Polícia Científica — João Roberto
5	— Lei sobre Documentação

AGRADECIMENTO

O VII volume dos ANAIS da Comunidade Brasileiro Polonesa é fruto da espontaneidade generosa do Sr. Pedro Ignaszewski. Prontificou-se a financiar este número, gesto pelo qual a equipe redatora vem de público agradecer. É uma valiosa participação em prol da divulgação da história da imigração polonesa no Brasil. Nasceu o nosso benemérito em São Mateus do Sul, Paraná, no ano de 1910, filho de imigrantes poloneses provenientes da região sub-carpática da Polônia, ou seja da região de Cracóvia. Seu pai Antônio, chegou ao Paraná no início da última década do século passado, fixando-se na antiga colônia Barra Feia, atual Fluiópolis, no vale do Iguçu. Seu avô W. Oleskiewicz, que também fixou-se na mesma região, dedicou-se ao comércio, desenvolvendo concomitantemente acentuado trabalho social em prol de sua comunidade. Doou o terreno necessário para a construção da escola da colônia, a qual foi construída pela comunidade e desempenhou importante papel na formação cultural dos filhos dos imigrantes, na sua luta contra o analfabetismo.

Seu avô e pai dedicaram-se pois ao comércio. Porém este último, encontrando dificuldades na condução dos livros contábeis da firma, foi obrigado a liquidá-la.

O jovem Pedro Ignaszewski, aos nove anos de idade, saiu da casa paterna e foi ter com seu irmão Francisco em São Mateus, o qual já era comerciante estabelecido. Ali frequentou a Escola Secundária, percebendo que o mundo era bem maior do que o meio que o circundava. Partiu então para São Paulo. Ali trabalhava de dia na firma "Arembrust" enquanto à noite frequentava uma Escola de Comércio. Serviu à Pátria no Tiro de Guerra. De volta para Fluiópolis, sua terra natal, abriu uma casa comercial, que logo prosperou. Durante a revolução de 1930, os revolucionários saquearam-lhe o estabelecimento. Teve que reiniciar novamente partindo do nada, mas com os conhecimentos obtidos em São Paulo. Em 1933, contraiu nupcias com a Srta. Altiva Belo Sowinski.

De uma pequena fábrica de farinha de mandioca e polvilho passa para uma cervejaria e desta para serraria e olaria, ao mesmo tempo em que continua com as atividades comerciais. Instala um secador automático de erva mate. Com a aquisição de 400 alqueires de terra parte para a agricultura mecanizada e intensivo reflorestamento.

Em Fluiópolis torna-se o grande benfeitor da localidade. Tal qual seu avô, interessa-se pela instrução dos filhos dos colonos, construindo a suas expensas a nova escola, legalizando o cemitério, doando o terreno e construindo a capela da localidade. Frequentemente propor-

ciona apoio moral e material aos colonos, providenciando o médico ou levando os doentes até o mesmo. Financia muitas plantações, providencia adubos e sementes selecionadas.

Durante 12 anos desempenhou as funções de Juiz de Paz e por 4 anos foi vereador de São Mateus do Sul.

O Sr. Pedro Ignaszewski compreendeu o significado cultural de divulgar o trabalho pioneiro não só de seus antepassados como de todos os imigrantes que para o Brasil vieram, chamando para si a responsabilidade pecuniária do VII volume dos ANAIS. Ao Sr. Pedro Ignaszewski os sinceros agradecimentos da equipe dos ANAIS.

O Sr. Pedro Ignaszewski, que vive em São Mateus do Sul, é um homem de grande cultura e de grande espírito de solidariedade. Ele compreendeu o significado cultural de divulgar o trabalho pioneiro não só de seus antepassados como de todos os imigrantes que para o Brasil vieram, chamando para si a responsabilidade pecuniária do VII volume dos ANAIS. Ao Sr. Pedro Ignaszewski os sinceros agradecimentos da equipe dos ANAIS.

APRESENTAÇÃO

O sétimo volume dos Anais da Comunidade Brasileira Polonesa publica, entre outros artigos, as importantes descrições e análises de viagem com relação à imigração polonesa para o Brasil, do ativista social polonês Antônio Hempel. Nasceu ele em 1865. Quando estudante do Instituto Agrônomico e Florestal de Economia Aldeã (Instytut Gospodars-twa Wiejskiego e Lésnictwa), juntamente com outros jovens arrendou as propriedades do Castelo de Wrogocin, nas proximidades de Polck.

O líder e iniciador da experiência era Antônio Hempel. Tinha por escopo organizar uma cooperativa, onde os estudantes trabalhavam com os colonos, dividindo com eles os lucros. As iniciativas dos jovens defrontaram-se com severas críticas por parte dos moradores da região a ponto de que as autoridades do governo czarista interessaram-se com eles.

Hempel era membro de uma organização conspiradora, que tinha por finalidade lutar pela libertação. Livrou-se da prisão pois que conseguiu refugir-se no estrangeiro. Na Inglaterra observou com muito interesse a organização das cooperativas e entidades classistas de operários e agricultores.

Depois de passar algum tempo em viagens pelo Brasil e Argentina retornou às regiões de infância em 1893. Foi preso pela polícia czarista e posteriormente absolvido por falta de provas proibitórias de organizar uma economia com bases coletivas.

Cheio de iniciativa fundou as organizações “Ceres” — Sociedade de Seguro contra granizo” e “Snop” (feixe) Sociedade de Seguro contra o fogo. Sempre atuou em meio agrário, visando elevar o nível econômico das aldeias polonesas.

Em 1890-91 o Reino da Polônia (Królestwo), foi atingido por um fulminante movimento imigratório camponês para o Brasil, chamado de “febre-brasileira”. Antônio Hempel desde então passou a interessar-se também pelo destino desses milhares de aldeãos que emigravam para as Américas. Dado seu engajamento na problemática, foi convidado pela Sociedade Comercial e Geográfica de Lwów (Antiga Galícia Austriaca) juntamente com Víctor Lazniewski a fazer parte de uma viagem para a América do Sul, especificamente para o Brasil e Argentina, onde sob a direção do geólogo José Siemieradzki seriam analisadas as condições da emigração reinante nestes países.

Hempel tomou posição contrária ao padre Z. Chelmicki e o Sr. M. Glinka, estes últimos membros da “Sociedade Agrícola de Varsóvia”

e adversários da emigração para o Brasil, os quais no ano de 1891, também visitaram esse país, resultando desta viagem inúmeros artigos escritos pelo padre Chelmicki nos periódicos poloneses e posteriormente num livro de autoria do mesmo padre sob o título "No Brasil — Antações de Viagem" editado em Varsóvia em 1892. Estes autores conjuntamente com Adolfo Dygasinski apregoavam que a emigração para o Brasil era uma "perda" para a nação polonesa, bem como desejavam incentivar no Brasil a reemigração.

Por seu turno A. Hempel era favorável à emigração, argumentando o grande crescimento demográfico natural da população polonesa e a extrema miséria das condições de vida dos aldeões. Estas idéias o autor defendia no periódico polonês, especializado em emigração, "Prze-glad Emigracyjny", editado em Lwów.

Os relatos de sua viagem para o Brasil foram publicados em forma de livro em Lwów em 1893 sob o título de "Poloneses no Brasil" (Polacy w Brazylji), com 178 páginas, formato 15,5 x 11,5 cm. Acompanhava a obra um mapa das colônias polonesas no Brasil. A obra, dividida em sete capítulos, retrata a real situação dos imigrantes poloneses nos estados meridionais do Brasil. Os ecos desses relatos da viagem levantaram grandes preocupações com relação ao abandono em que se encontravam os poloneses no Brasil e contribuiu para que anos mais tarde o Império Austro-Húngaro, do qual os poloneses também faziam parte, abrisse um consulado em Curitiba, cujo primeiro cônsul foi W. Pohl, um polonês da Silésia.

O conhecimento pois da obra de Antônio Hempel é indispensável para o estudo da Imigração Polonesa para o Brasil, dado seu valioso conteúdo e pioneirismo. Estas são as razões pelas quais a equipe dos Anais da Comunidade Brasileira Polonesa traduziu-a para o português através do professor Francisco Dranka e apresenta-o aos estudiosos em língua portuguesa.

Neste ano de 1973, no mês de dezembro transcorre o cincoentenário da morte de Antônio Hempel. Como uma homenagem à data, a Superintendência publica a obra relativa ao Brasil. A publicação desse trabalho somente foi possível graças à colaboração do Pe. João Piton que conseguiu obter na Polônia, na última hora, as cópias xerocadas das partes que faltavam no único original disponível para a tradução.

No presente volume dos Anais da Comunidade Brasileiro Polonesa estão ainda contidos: o artigo do escritor J. Krawczyk relativos à "Literatura Polono-Brasileira" — sob o ponto de vista de uma contribuição para o estudo da criatividade literária dos poloneses no Brasil,

Finalmente a documentação arquivística obtida pelo Professor Ruy C. Wachowicz sobre os primórdios da imigração polonesa para o Brasil vai apresentada na sessão de Textos e Documentos sob o título de "Documentação dos Arquivos Brasileiros Referentes às Colônias Pilarzinho e Abranches".

OS POLONESES NO BRASIL

ANTÔNIO HEMPEL

Membro da Expedição Científica do Dr. Siemieradzki
ao Brasil e à Argentina

TRADUÇÃO: FRANCISCO DRANKA

LWÓW 1893

Publicação da Editora "Kurier Lwowski"

Tipografia de Z. Gollob, em Lwów

INTRODUÇÃO

Julgo não ser fora de propósito alinhar algumas observações, mesmo genéricas sobre o panorama global da emigração. É evidente que o problema, especialmente quanto ao seu futuro, diz respeito a milhões de poloneses espalhados pelo globo terrestre.

Todo veredito deve merecer meditação, todo lance de pena deve ser imbuído de boa fé neste emaranhado de outeiros agrestes, onde pululam conceitos errôneos e até propositadamente falsos. É necessário ter convicção profunda de servir a uma causa boa.

A emigração é questão do futuro.

O destino dos povos da Europa é povoar os vazios da América, Austrália, África e Ásia. Atualmente o berço das futuras nações é a Europa e não a Ásia.

O processo já vem de séculos e a questão já caminhou longe. Basta recordar os Estados Unidos da América do Norte.

À velha Europa não advirá nenhum proveito dessas massas miseráveis, pois são como espigas perdidas na imensa seara ou árvores raquíticas sombreadas pelas copas das maiores. Não podem sentir o sol. Tem que desaparecer. Essa gente não pode sustentar a luta da concorrência, a luta pela vida, pela sobrevivência. Estão condenados ao desaparecimento. Não trazem proveito ao país e, durante a agonia, constituem-se em óbice ao progresso dos mais fortes. Dentro desta norma de se beneficiar dos raios solares e na medida em que a gleba pode alimentar, a parcela marginalizada tem que perecer.

Algum dia essas condições infra-humanas mudarão. Se for possível de alguma forma evitar a luta fratricida, entre filhos da mesma terra, em cujas veias corre o mesmo sangue talvez algum dia virá a mudança. Hoje temos que nos conformar com a realidade.

“Esses miseráveis* despejados pelos coirmãos mais honestos, infinitamente mais infelizes, transplantados para glebas estrangeiras, em meio estranho, multiplicam-se e crescerão numa enorme sociedade, em toda a terra.

* Vide “W Brazylji” de autoria do Pe. Chelmicki, pg. 160 Tomo II. Afirma o autor: “as escórias emigratórias, os vagabundos, os andarilhos...”. Ao menos tivesse ele penetrado num casebre, antes de sua viagem!... a uma toca desses párias que chama de “szumowiny — przymetnicy” a consciência não lhe permitiria exarar semelhante sentença. Diz um provérbio popular: “o saturado não entende o faminto”.

Com esse transplante — arrebatamento do meio familiar de condições penosas — ocupam terras regadas com sangue e perda de vidas, cujos cadáveres de pioneiros — emigrantes povoam o solo e frutificam em prósperas colônias e não deixam margens a dúvidas quanto ao futuro desenvolvimento.

Em nossa Pátria, depois da emigração puramente política, constante da multidão de jovens insurretos, que dos campos de batalha demandaram o Ocidente e mesmo a América, pensando em retornar em breve à terra natal, veio a outra. A emigração política era esporádica e formou os primeiros lares poloneses através do mundo. A outra emigração foi a peregrinação em busca do pão, pão esse que a terra natal não estava em condições de lhes oferecer. A partir dos meados deste século flue essa corrente humana em busca de melhores condições que em sua Pátria não teriam meios de alcançar. Demanda o além-mar, dissemina-se pelo mundo em pequenas correntes, levando pelo leito cada dia mais água, que são os miseráveis.

Anualmente milhares deles fogem do amplexo da miséria, pois mesmo cegos e pobres, nutrem aspirações de uma vida mais cheia, mais universalistas desejos. Eles também possuem um coração e não podem cruzar os braços diante de uma situação sem saída. Não podem contemplar inertes o inaudito sofrimento de familiares, a morte lenta dos filhos, a miséria de vegetar. . .

A iniciativa, a aventura são respaldadas pelo estímulo, eficiente para atrair essa população de seu meio familiar, que são as cartas, as notícias de parentes e o dinheiro enviado pelos parentes melhor sucedidos. Hoje quase todo emigrante parte com a passagem e com o dinheiro que veio do além-mar.

Desta forma dezenas de milhares (40-60 mil) abandonam a Galícia, o Reino e Poznan. Fora essa emigração que chamo de normal e que segue o caminho descrito, de tempos em tempos surgem as chamadas “febres emigratórias”. Todos recordam aquela de Poznan, após a guerra franco-prussiana e que visava a América do Norte. Ainda ressoa em nossos tímpanos o choro e o alarme, que há dois anos, provocou a “febre brasileira”. Engana-se aquele que pensa que não haverá mais “febres”, que são as emigrações violentas.

Basta que um determinado país da América ou da África ofereça passagens gratuitas e avise as populações da Polônia, através de agentes. Imediatamente milhares de pobres partirão, deixando lamentações, choros e maldição contra os agentes. Sem miséria e sem obscurantismo não haveria febres, nem sequer a emigração.

Nas condições atuais não se pode sustar, nem diminuir a emigração. Constitue um fato de que um milhão e meio de patrícios encontram-se nas Américas, na África, Austrália e dezenas de milhares espalhados pela Ásia e países europeus.

Uma verdadeira comunidade, com cerca de 2 milhões de pessoas, onde existem abastados, cultos, ativos e empreendedores nos campos mais diversificados, como: na ciência, na indústria, no comércio.

Circulam dezenas de periódicos. Falta um centro de coordenação para aglutinar essas correntes e um elo com a pátria-mãe. Ele poderia centralizar os interesses e divulgar as notícias sobre poloneses no estrangeiro. Por outro lado as informações para os que desejam partir são incompletas. A desinformação custa centenas de vítimas, porque não se entende a emigração e questões correlatas.

É preciso sair da indiferença com relação à emigração e evitar que nenhum patricio abandone o país desnecessariamente. Os que partem, saibam pelo menos para onde e para que estão emigrando e não venham a perder-se para a vida e para o ideal polonês. Possa, apesar da separação de milhares de quilômetros, o vínculo de união, cultivar a língua e conservar a raça, manter contato com a pátria-mãe, com a metrópole. Numa palavra devem ser envidados esforços para preservar a nacionalidade entre os emigrantes e relações normais com a Pátria, o que será proveitoso para ambas as partes.

Nossa Pátria caminha ao crescimento por uma via espinhosa através do mundo. Conscientizemo-nos que enviamos anualmente 50 mil pessoas e devemos esperar que daqui a algumas dezenas de anos serão milhões que, pelo número, ciência, iniciativa, imporão respeito ao nome e à nação polonesa. A Polónia, em suas fronteiras estreitas e nas condições hodiernas é de pouca significação a quem ninguém dá importância.

A emigração é uma questão de sobrevivência da vida polonesa. Se não se desenvolver amplamente, poderá ser apagada pelas potências que cada dia progridem mais. Não progredir é regredir.

—[]—

Aduzo algumas palavras sobre a política imigratória dos países da América do Sul. É conhecido que o governo argentino e a seu exemplo o brasileiro, provocaram a imigração européia, oferecendo passagens, terra pagável a longo prazo, casas, sementes, manutenção, etc. A Argentina mudou sua orientação, há um ano e atualmente não importa mais imigrantes.*

O Brasil deverá no futuro seguir o exemplo argentino. Eis a principal causa de mudança de orientação.

Entre 1873-1886 vieram ao Brasil 304.000 imigrantes. No tempo em que o governo arcava com as passagens, as companhias obtinham bons lucros. Enviaram seus agentes que em 1890 aliciaram 107.100 imigrantes e no ano seguinte 188.816. Os números são de espantar. Aflora a seguinte pergunta: as coisas continuarão nesse pé? Como sair-se-ão os imigrantes. A resposta é obviamente negativa. No ano passado já foram baixadas algumas normas, limitando o ingresso de imigrantes.

O fundamental da questão situa-se no fato de que o governo brasileiro não dispõe de fundos necessários para fixar e manter os imigrantes.

* "Os espanhóis constituem excessão. O governo preserva certos privilégios: a Companhia Transatlântica Espanhola transporta-os por preços mais baixos e em Buenos Aires eles pagam 45 pesos, o que equivale a 70 francos em moeda corrente".

Se fizermos as contas, convencer-nos-emos dessa afirmativa: o governo paga às companhias, referente a passagem a importância de 170 francos, pela permanência nos barracos (às vezes dura meses), pelo transporte até às colônias, pelas despesas de administração, pela medição de terra, pelas ferramentas, sementes e alimentação durante um ano a importância de 500 francos aproximadamente. É evidente que isto é válido desde que o imigrante receba o que a lei lhe faculta.

O imigrante custa aos cofres públicos aproximadamente 700 francos, no decurso do primeiro ano. Se computarmos os 188.816 imigrantes que aportaram ao Brasil em 1891, teremos a soma de 133.212.000 francos. Se ainda considerarmos que a metade dos imigrantes vai para as plantações de café e a outra para as colônias, as despesas serão bem inferiores, porquanto o governo apenas pagará a passagem e a permanência nos barracos. Neste caso as despesas serão de 70 a 80 mil francos, o que em moeda corrente no Brasil representa 64.000.000 mil-réis, tendo-se por base o valor de 800 réis por 1 franco.

O governo brasileiro desejoso de cumprir fielmente a missão, garantir o futuro às famílias que importa necessitaria dispor anualmente a soma de 64.000.000 mil réis, isto com base nos cálculos relativos ao ano de 1891. Estará em condições de fazê-lo?

Vejamos o Orçamento para o ano de 1892:

Ministério do Interior	5.029.000 francos
Ministério da Educação, Correios e Telégrafos	13.593.000 francos
Ministério da Justiça	4.478.000 francos
Ministério das Relações Exteriores	1.428.000 francos
Ministério da Marinha	14.299.000 francos
Ministério da Guerra	29.116.000 francos
Ministério da Agricultura, Comércio e Serv. Públicos	67.172.000 francos
Ministério da Fazenda	70.000.000 francos
TOTAL	203.948.000 francos

Do quadro acima deduz-se de que o governo destina 67.172.000 à Indústria, Serviços Públicos e Agricultura. Certamente a metade dessa importância é destinada à imigração, o que equivale a 30 e poucos milhões, o que representa apenas a metade indispensável para cumprir a missão que se propoz para distribuir os imigrantes. Isto, naturalmente, sem falar no roubo praticado pelos funcionários, do que daremos provas ao leitor, no malbaratamento por preguiça, na desordem e no desleixo. Daqui podemos deduzir porque os chefes nunca têm dinheiro e como consequência o sistema mais dia, menos dia há de ruir. O governo brasileiro é objeto de uma crítica justificada, pois pela imprevidência põe em perigo milhares de pessoas que importou para a perdição e para a morte.

—[]—

Não é meu propósito estimular ou demover a emigração. Não creio que se possa ser tentado a tanto. Estamos às vésperas de uma grande emigração, pressionada por tantas causas e acuada por forças

tão atuantes e poderosas. Para orientar e normalizar essa corrente, são necessários vários fatores, diretriz, visão clara e milhões de mil-réis.

A minha missão é mais modesta, isto sem exagero ou falsa modestia. Visa apenas dissecar conscienciosamente apenas um aspecto da corrente desse rio caudaloso que é a emigração. Tem por escopo demarcar o curso desse rio e introduzir um pouco de consciência com o fito de orientar e contribuir para que essas águas que são milhares de patrícios que buscam as terras brasileiras e que o centro de irradiação da vida polonesa possa ser constituído.

Cracóvia, 30 de junho de 1892

Antônio Hempel

CAPITULO I

A Partida

O propósito de reconstituir o quadro vivo e geral do movimento emigratório, analisar suas causas, traçar as condições em que se processou e apresentar a sorte que aguardava o emigrante no Brasil, certamente vou pecar com repetições. Pretendo retratar a sorte do emigrante desde sua partida, até sua fixação na terra prometida. Como não desejo alongar meu relatório, ater-me-ei aos aspectos mais importantes desse movimento do qual fui testemunha ocular, em toda sua trajetória.

Os aldeões do Reino obtiveram somas pequenas pela desapropriação de seus lotes de terra arenosa. Não possuíam condições para produzir o suficiente para a manutenção de suas famílias. A explosão demográfica aumentou o número de inativos — proletários campesinos, desabrigados que demandaram as cidades. Formaram um material excelente para aventuras emigratórias graças à miséria e ao obscurantismo.

As estatísticas, existentes em Varsóvia, evidenciam com dados fidedignos o seguinte quadro, relativo à Província de Lomza e aos emigrantes que se destinavam ao Brasil:

Sem terra	45,9%
Citadinos (proletariado obreiro)	39,0%
Empregados de castelos	5,0%
Pequenos proprietários	10,0%

Essas cifras demonstram que só os miseráveis abandonavam o país e aventuravam a sorte.

Desejo mostrar de forma desapassionada e exata os sentimentos do povo no momento em que começou a emigração para o Brasil. Tratava-se de um verdadeiro transe e encruzilhada de suas vidas. Decidi, para tal fim, visitar as regiões limítrofes. Aqui se discutia nos bares e nos campos. Fervilhava do nascer ao por do sol. Para não levantar suspeita e repulsa, vesti-me adequadamente e imiscuí-me entre os grupos prestes a emigrar. Qualquer suspeita transtornava-os em túmulos silenciosos. Peregrinei a esmo, ouvindo coisas que em outras circunstâncias seria impossível. Relatarei casos, cenas e episódios que presenciei.

—[]—

Ficará inesquecível nas províncias do norte do Reino, o outono de 1890. O nosso povo aldeão, deserdado da sorte, pequenos proprietá-

rios, massas operárias, acordou de um longo e pesado sono. Despertou repentinamente. Moveu-se... começou a raciocinar... a falar...

Esse homem, eternamente faminto, empanturrado de batatas, de cujos lábios até o presente ninguém ouviu uma queixa contra sua desventura, humilhação, mal se podia suspeitar que essa criatura batatófila, pudesse arquitetar em seu cérebro um juízo. Absolutamente ninguém poderia suspeitar que esse ser adstrito de alma, corpo e todo o seu ser ao trenó da vida quotidiana fosse capaz de tanta energia e iniciativa, contra a vontade de outras camadas sociais. Numa palavra: quebrar todas as cadeias e concretizar o seu intento...

Todavia, assim aconteceu. É fato característico e sobretudo digno de reflexão: contra a posição do clero, arrostando a oposição forte da "inteligência rural" e obstáculos de outros setores, essa gente, massa muda, impulsionada por um movimento vital, rompeu as barreiras e fronteiras. Uma multidão de 40.000 almas fluiu, qual corrente caudalosa, para o além-mar — para lá, onde corria leite e mel — a terra prometida — Brasil!

Deixando de considerar se foi benéfico ou não, esse movimento desnaturado do ponto de vista físico e intelectual, chegando às raias de perder os sentimentos humanos, seguiu a tendência, alimentou a esperança e sonhou dias melhores. Essa tendência podia ser inconsciente, mas visava melhores formas de vida, desenvolvimento mais amplo e universal e ao mesmo tempo um protesto natural contra a opressão, contra a vida confinada à miséria, aferrada à vegetação e fadada ao esmorecimento na pobreza.

Uma faísca elétrica era indispensável para acordar as esperanças, para desvendar ao aldeão uma visão de felicidade no além-mar para que ele canalizasse suas aspirações íntimas, profundas da alma, mesmo fantásticas, desde que traduzidas em formas apropriadas à sua capacidade intelectual, claras, desbastadas.

Essa faísca veio revestida de narrações fabulosas sobre o Brasil e manipuladas com vivacidade no outono de 1890, na cidade de Sierpiec, na Província de Plock. Toda a população agitava-se febrilmente. Aquele que até pouco tempo não abria a boca, tornou-se apto a falar e argumentar.

Em toda a parte vê-se a venda de implementos agrícolas, roupas, vacas, batatas... são futuros emigrantes. "Lá, no além-mar, está o Brasil, onde tudo nos foi preparado pela "Anglicka" (Inglaterra), dizem.

O emigrante aldeão imaginava essa felicidade de maneira estranha. Repetia tudo o que os agentes lhe haviam insinuado sutilmente a respeito de diamantes, ouro. Havia quem costurasse sacos para guardar as preciosidades... Mais do que o ouro e os diamantes gravou-se mais profundamente na alma do compônio — a terra-mãe!

Vislumbravam adquiri-la em maior quantidade possível. Chegaram a calcular a extensão em "3 Wloki" = 90 morgas. Além disso sua imaginação não tinha pretensões.

Até hoje ressoam em meus tímpanos os diálogos vivos a respeito: Ao largo de um negócio, um operário maltrapilho apregoava qual apóstolo: "Lá crescem árvores que 10 homens não conseguem derrubar durante um dia. Sobre o toco, uma carroça pode fazer a volta. O homem não precisa suar, porque no Brasil existem máquinas que ceifam essas árvores, quais alfanges. A máquina encosta ao tronco e arranca a árvore, atira para o lado e trabalha como uma alfange em meio a cereais. Deixa uma clareira limpa no meio e os troncos dos lados. Há tanta lenha que bastará para os filhos, netos, etc. . .

A casa situar-se-á em meio a terreno limpo, em cujo derredor a mulher cultivará repolho, batata e tudo o que se faz necessário para a alimentação, como verduras, centeio, trigo, cevada, aveia, bem como haverá um eito de terra destinado ao pasto das vacas.

Tais fantasias acalentava o aldeão que soube emoldurar em formas adequadas e atraentes. "Um sacerdote, prosseguia, aguardará no porto com uma cruz os imigrantes. A recepção consistirá numa bênção ao povo, sob o estandarte de Nossa Senhora. Afinal, asseveram que está sendo construída uma ponte através do Oceano e em breve haverá travessia, por via enxuta.*

Os comentários são dispensáveis! Em todo o caso o aldeão não emigra para o lazer. Por sua natureza, não tratamos das excessões, negava-se a aceitar favores de quem quer que fosse, mesmo do Papa ou da Inglaterra. Sua alegria repousava no cultivo da terra própria, onde retiraria o sustento para si e sua família.

—[]—

Em fins de outubro testemunhei outra cena. Foi designada a data de partida dos emigrantes de Plock para a fronteira, em direção de Mlawa. Em Drobina, os emigrantes tomaram conta do mercado. Encomendaram uma missa na igreja local. Todos participaram do ofício religioso com estupefação. O sacerdote procurava convencer, implorava, lançava raios, para que desistissem de partir para a perdição. . . tudo em vão!

Não pregava a um auditório comum. Não era mais o aldeão que no momento de elevação caía de bruços, com gemidos em coro. Não era mais aquele homem que escutava o sermão, sem a menor crítica.

Estava pregando a um público que não pedia conselhos, não queria aconselhamento. A platéia sentia instintivamente que sua situação não fora compreendida. Ao invés de conselhos sinceros, indicações cordiais, brotadas do coração, era fulminado com raios de condenação, em suas aspirações.

* Várias vezes ouvi narrações sobre a ponte marítima, mesmo na boca de emigrantes que demandavam a América do Norte. Nos arredores de Oswlencim cheguei a ser interrogado, em abril de 1892, se a ponte já estava pronta. Esses boatos são espalhados pelos agentes, pois eles sabem o temor que os emigrantes tem com relação à travessia do mar.

O aldeão foi à igreja para responder a um apelo íntimo. Foi ver pela última vez os lugares que lhe eram caros: a igreja, o cemitério, onde depositaria a última prece sobre o túmulo. Fora disso não esperava, nem queria conselhos. Desprendeu-se de sua terra e partia para o além-mar. E, pelo caminho, entrou na casa dos amigos, na igreja, no cemitério. . .

À saída da igreja passou a tecer críticas acerbas e observações sarcásticas: “é sabido que o padre come com os “senhores”, bebe com eles, por isso toma o seu partido. . .”

Mais tarde presenciei outras cenas. Na aldeia de Strzegów, na estrada que demanda Miława, a polícia deteve uma leva de aldeões. Exigiu seus passaportes, suas células de identidade e fê-los retornarem da viagem. Penetrei numa adega repleta de gente. Havia entulhes pelas mesas e pelos cantos da sala. A atmosfera era abafada pela fumaça e umidade.

Num canto acha-se um ferreiro local. Fala em altas vozes. Fez-se silêncio, enquanto ele dirigia a palavra vibrante. Inicia falando da miséria que oprime o povo. O aldeão bobo é explorado por todos. Trabalha de sol a sol e mal ganha para o “pão e para os andrajos” e tem que presenciar sua mulher e filhos a perecerem de fome.

Por isso os “senhores” desaconselham a emigração para o Brasil, mas não se lhes deve dar ouvidos, nem crédito. Se o aldeão partir quem vai trabalhar para eles?

Muitos por terem contrariado o clero sentiam remorsos. Não podiam compreender porque todos os padres e mesmo o Bispo Nowodorski de Plock opunham-se à sua partida para o Brasil. No instante em que o orador abordou esse tema redobrou a atenção. Com relação aos sacerdotes a situação é a seguinte: Sem querer comparar é como se fosse um pastor com dois rebanhos. O pastor cria as ovelhas para ter lã, carne e couro. Da mesma forma o padre, possui suas ovelhas e delas colhe o lucro. Depois que partirmos para o Brasil, não terá mais lucro, nem sequer dos enterros. Por isso não querem deixar, como o pastor, concluiu, que congrega as ovelhas para não se dispersarem”.

Um outro aldeão, oriundo do Reino da Polônia, queixava-se dos altos impostos, da exploração pelos funcionários subalternos, lastimava-se do obscurantismo, da “burrice” e de outras coisas.

O aldeão obscuro, crente, miserável, abandona o país paterno, cerrando os punhos contra tudo e contra todos. Não foi compreendido e por isso partia com queixas nos lábios. Lançava-se ao além-mar saturado de desconfiança dos homens e do meio em que vivia, ao invés de levar saudade por se ver obrigado a deixar a terra natal.

Em 1892, vi na localidade de Oswiencim emigrantes que se destinavam a América do Norte. Aqui a situação era bem mais normal. Os emigrantes choravam e riam. Afirmavam que partiam em busca do pão que lhes faltava e esperavam encontrá-lo na nova terra, uma vez que

possuíam parentes na América. Atestavam com lágrimas nos olhos o seu amor à terra-mãe.

—[]—

Julgo que pela vivência junto aos aldeões que emigravam pode se concluir que a miséria, a inquietação material e espiritual geraram as sementes da emigração calma ou febril. É, em tais condições que ela viceja e há de florir.

É fato incontestável que entre os emigrantes para o Brasil houve uma porcentagem de abastados e aventureiros. Não tinham necessidade de emigrar. Houve uma parcela de artífices que possuíam um salário razoável e meios de subsistência em sua terra natal. Foram outros motivos que os levaram a emigrar.

As pedras circunstantes são carregadas pelo riacho impetuoso. Frize-se que pelo leito da “febre brasileira” partiram os mais pobres, carentes de recursos para demandar a América do Norte. O governo brasileiro arcava com as despesas da passagem e eles somente custeavam a viagem até Bremen (18 marcos). Este detalhe esclarece a pressa, pois os agentes propalavam que as passagens gratuitas seriam sustadas mais tarde.

—[]—

Vencendo os cordões russos e a fiscalização da fronteira, o emigrante transpunha os limites, padecendo exploração pelos que o auxiliavam na travessia e mesmo por parte dos fiscais que eram regimento remunerados pelos “contrabandistas”. O coitado do aldeão não imaginava que ali começava o “inferno brasileiro”, que posteriormente denominou ao se tornar proprietário nas terras de sua nova pátria.

Em Bremen* viu-se cercado por uma corja da pior estirpe. Exploravam aqueles que não falavam o alemão. Depenavam-nos totalmente. Inicialmente, a tarefa era fácil, porquanto o aldeão acreditava em todos e pensava que lhe ajudavam na conquista da felicidade brasileira. No Brasil, interroguei centenas de emigrantes sobre as passagens em Bremen. Nem todos respondiam com sinceridade, porque tinham “vergonha de sua burrice”, conforme testemunho dos mais sinceros. Foram explorados, depenados até o último níquel que conseguiram com tanto suor; direta ou indiretamente pagaram os hotéis, compraram bugigangas que lhes foram oferecidas como indispensáveis no Brasil.

Finalmente o aldeão embarcou, ou mais precisamente, foi empurrado para dentro do navio. Atiraram-no aos porões. Ali existem duas fileiras de salas, sobrepostas. São úmidas e escuras. Adentramos uma delas, servindo-nos de uma escada de ferro. Duas fileiras compridas de camas juntas e uma sobre a outra. Tem-se a impressão de um armazém de caixas empilhadas. Falta espaço, reinam o caos, a sujeira e um ar

* (A travessia foi descrita com fidelidade pelo Sr. Dyganski, em sua correspondência ao “Kurier Warszawski”, por isso somente anoto as minhas observações)

irrespirável. Isto é natural, porque durante as febres as companhias tratam de embarcar o maior número possível de gente.

Nos últimos tempos a Sociedade São Rafael, cujo campo de ação é amplo, fez valer as leis e deteve um desses navios em Antuérpia, procedeu a revista e, verificadas as irregularidades, entregou o caso à justiça. Isto fez coibir em parte os abusos.

As Companhias, tendo a garantia de uma remuneração considerável por parte dos fornecedores gerais, tratam de levar o maior número possível dessa mercadoria viva e bem paga. (Os fornecedores gerais de G. A. Fioritto senhores José Vicente Figueiredo e Caetano Pinto, encarregam-se, juntamente com outros seis menores, entre os quais "Serro Azul & Bendaszewski de fornecer os emigrantes. O governo paga por emigrante fornecido e desembarcado no Rio de Janeiro, 75 mil-réis (170 francos).

Os fornecedores gerais pagavam 120 francos por pessoa às Companhias. Ofereciam um prêmio de 100.000 francos por um lote de 10 mil pessoas. O preço de uma criança correspondia à metade do pago por um adulto, quando se tratava de um menor de 8-12 anos e de um quarto quando a idade era inferior a oito anos.

Com o fito de verificar e experimentar na própria carne toda essa manipulação, deliberei viajar com um navio de transporte de emigrantes para o Brasil. Escolhi a 3ª classe a fim de estar ao lado dos mesmos, com a finalidade de expender posteriormente uma opinião segura. Em Genova, deixei que os agentes me levassem de escritório em escritório e depois passei com os emigrantes as três semanas de viagem nos porões. Muitas vezes vi-me tomado de desespero neste chiqueiro humano, dentro dessa sujeira, em meio ao ar contaminado e abafado, penetrado de miasma nos dias causticantes da travessia do Equador... É uma viagem horrível, mesmo para uma pessoa de poucas exigências. É "sangrenta", como a chamavam os colonos. Essa travessia era feita pelo aldeão polonês, italiano e espanhol. Ao desembarcar, é verdade que está cansado, descolorado, miserável, mas satisfeito por ter alcançado a meta almejada.

Durante a longa e monótona viagem, o emigrante dispõe de tempo para refletir sobre o gesto arriscado que fez ao emigrar.

Muitos me contaram que se viram cercados por desespero no momento em que o navio levantava âncoras. Muitos, já no Brasil, confessavam que pensavam seriamente em atirar-se às ondas, pois sentiam que alguma coisa de errado havia em tudo isso e de maneira especial o pagamento da passagem. Alguns sentiam que não foi feito de graça e, quem o sabe?, talvez voltariam a ser novamente "servos".

Seu raciocínio despertou e ele ponderava. Quanto mais refletia, maior tristeza dilacerava seu coração. No navio esses pensamentos trêgicos eram mesclados com o som dos violinos e dos bumbos da aldeia. Por momentos o aldeão esquecia sua sorte e suas mágoas, quando rodopiava as danças, já um tanto embriagado...

À noite, notas sérias reboavam nos porões. Foram canções religiosas, preces que minimizavam as almas doloridas e traziam lenitivo para as dúvidas que devoravam o aldeão...

Finalmente o navio aporta à baía do Rio de Janeiro. O emigrante percebe ao longe os contornos escuros da terra, emoldurados por nuvens: Forte de Cabo Frio, Pão de Açúcar, as ilhas, os morros recobertos de vegetação...

Em todos os cubículos dos porões ouvem-se gritos: América, Brasil!... Olhem!... lá... lá... Todos, homens, mulheres com crianças nos braços, deixam os porões e buscam o convés para ver quanto antes essa terra que não sabem se será de promessa ou maldição... se será mãe ou madrastra.

Anoiteceu. O convés agitou-se. Comprimem-se, apontando os acidentes geográficos mais elevados. Fazem observações e escutam atentamente se alguém que já esteve antes lhes fala da terra. Geralmente o fulano que visitou anteriormente a terra, posta-se em lugar mais elevado e responde às perguntas que chovem de todos os lados.

Mesmo um observador neutro vê-se envolvido, contra sua vontade por estes sentimentos estranhos, onde se mesclam a esperança e o temor. Até esse momento o imigrante era transportado, alimentado, com o dia de amanhã, ainda que parcamente, assegurado. Vegetava. Agora todos sentem a gravidade da hora que se aproxima, em que ele mesmo tomará as decisões sobre sua sorte e, desguarnecido, da tutela, deverá decidir pela esposa e filhos que se acotovelam a seus pés maltrapilhos, imundos, miseráveis. Eles estenderão a mão e talvez não poderá atendê-los...

Por isso no olhar dessa gente percebe-se o temor e a preocupação... Estendem as mãos à terra brasileira — única tábua de salvação — essa terra que se apresenta no horizonte, diante dessa multidão refugiada de sua Pátria, expulsa pela miséria. Dirigem-se a terra como se fosse uma criatura viva, uma mãe alimentadora. Em suas faces curtidas pela miséria, em seus movimentos febris e irritados delinea-se a sentença que em breve ouvirão...

O navio, cortando os vagalhões da costa brasileira, geralmente agitada, desliza célere em direção do cais. Apenas alguns quilômetros os separam do litoral. Ressoa a voz forte e metálica do capitão que ordena o hasteamento das bandeiras de aviso. Ao longe, no topo de um morro divisa-se o farol branco, que de imediato responde ao sinal, hasteando as bandeiras convencionais.

O lado esquerdo da baía é pontilhado por morros alcantilados. Trata-se do Pão de Açúcar e dos morros do Botafogo, Corcovado e outros.

O navio penetra na reta estreita do porto, entre escarpas selvagemaravilhoso da terra — Rio de Janeiro. A baía é cercada por uma grinalda de morros e elevações, pontilhada de ilhas. Ao sul aninha-se a cidade,

emoldurado por morros de baixa elevação, ao longo das canhadas que se estendem por quilômetros. Dezenas de barcos manobram nas águas, semelhando uma cidade portuária.

A comissão sanitária sobe a bordo. O desembarque só é permitido após o cumprimento de todas as formalidades. Um rebocador, tirando enormes lanchas, transporta os emigrantes para a Ilha das Flores, situada em meio à baía. Aqui os emigrantes são alojados em casas de imigração, a fim de passarem a quarentena — antes de seguirem para as localidades escolhidas.

Para mostrar adequadamente a vida do imigrante, que às vezes passava meses ali, por desleixo do governo, perdia o seu tempo e esbanjava os últimos níqueis, desestimulava-se para o trabalho, creio que não ficará fora de propósito aduzir extratos do meu diário de viagem.

CAPÍTULO II

As Casas Centrais da Imigração

Ilha das Flores, 30 de julho de 1891.

Aproveitei a oportunidade para visitar a Ilha das Flores, para onde são transportados os emigrantes, diretamente dos navios.

Estavam vazios desde abril, época em que começa a grassar a febre amarela. Os imigrantes foram trasladados para os barracos da imigração espalhados pelas províncias. Há algumas semanas começaram a hospedar ali, pois a febre diminuiu consideravelmente (inverno brasileiro).

Fui em companhia do Sr. S., funcionário da Companhia. Antes da partida encontrei alguns emigrantes de Kalisz, aquartelados na Ilha e que vieram a cidade para solucionar alguns problemas. Um deles veio para visitar o filho no hospital, que infelizmente falecera, há alguns dias. O outro estava procurando descobrir a esposa da qual se separou em Bremen e ela veio num outro navio. . .

A viagem dura 45 minutos e o barco ladeia ilhas e contorna grandes navios. Chegamos. Trata-se de uma pequena ilha, com morro saliente e alongado. Ao centro encontra-se um palacete. Ali é a residência do Diretor da estação. A casa para alojamento dos imigrantes estende-se ao longo do morro. É uma construção grande, alta e coberta de zinco. O palacete e as demais dependências perdem-se no verde viçoso das árvores tropicais. É em verdade uma ilha de flores.

O porto situa-se ao lado da cidade. Existe uma casa de material e ao seu lado depósitos abarrotados com os pertences dos imigrantes. Na encosta do morro localizam-se: o hospital, as cozinhas e os armazéns. Do porto, onde encontramos algumas crianças brincando na praia, ao lado das mães que lavavam roupa, subimos por uma escadaria. Em toda a parte vêem-se grupos de gente.

No refeitório, uma sala enorme com mesas, iguais em todas as casas da imigração, realiza-se o almoço. Um grupo de emigrantes de Kalisz faz a limpeza das mesas, varre e confabula animadamente. Diariamente recebem carne, pão, feijão preto, etc.

O hospital constitui uma outra série de construções. Ali são internadas principalmente as crianças. Os doentes graves são enviados para o Rio de Janeiro. Adentramos e vimos que todas as salas foram lo-

tadas em pouco tempo. Os leitos são tomados por crianças enfermas e as mães a seu lado olham os médicos, procurando decifrar nos olhos o veredito. Aqui reinam a limpeza e o asseio.

Adiante novas construções igualmente alongadas. Todas as salas estão tomadas por emigrantes. As camas consistem de uma espécie de andaime, sobre o qual é posta uma esteira de capim, à guiza de colchão. Numa outra sala encontramos grupos de nossa gente, ao lado de italianos. Repousam em fileiras diferentes. Passeiam pelas varandas, visitam a ilha e sua vegetação exuberante, ou vagueiam à beira-mar.

Visitamos uma dessas casas. Os emigrantes notaram que falamos polônês. Cercaram-nos, admirados por verem “senhores poloneses” neste local. Acotovelam-se ao nosso lado, perguntando pelos mais variados assuntos. Um ancião de Plock queixa-se de sua sorte e afirma que “está totalmente acabado”. Dispendeu tudo pelo caminho. O que será daqui para frente? Não sabe. Mas qual deveria ser sua atitude se também em sua casa havia miséria? A nobreza não tem dinheiro. . . Adiante vemos grupos de ucranianos, procedentes de Zloczaw e alguns poznianos, etc. . .

Os emigrantes que anteriormente permaneceram ali comportaram-se mal. Principalmente os operários vindos de Varsóvia, Lodz e Zyrardów. Entre os que ali encontrei, notadamente aldeões, não há nada disso. Todos que conheci durante dois meses (cerca de 2.000 pessoas) têm nítida consciência de que devem conquistar a vida a duras penas. Todos desejam fixar-se em “colônias” próprias, como agricultores e inscreveram-se para o Paraná.*

Perguntam se lá existem montanhas. Os emigrantes de Mazowsze temem sobremaneira as montanhas. E pensam que aqueles que forem deslocados para regiões quebradas jamais dali poderão sair. As mulheres desejam saber se lá existem padres poloneses, para se confessarem em sua língua materna. Interrogam sobre a existência de igrejas. Os homens, especialmente os mais velhos e com visão mais larga, preocupam-se com salários e desejam saber se as terras que receberão serão com matas(sic), se poderão semear centeio, bem assim querem saber sobre a qualidade do solo e outras coisas ligadas à agricultura. Tem-se a impressão de que a respeito de tudo isso suas idéias são confusas e seus conhecimentos idealistas, teóricos e fantásticos.

De modo geral esses milhares de imigrantes constituem um excelente material para a colonização. É um elemento totalmente diverso daquele que veio do meio urbano. Mediante uma orientação bem dirigida e organizada formariam colônias que constituiriam orgulho para o Brasil. Desconhecendo a língua e os costumes, em gleba e clima diferentes, com o auxílio governamental mal orientado, tudo parece indicar que nem todos alcançarão os frutos de seu trabalho.

Depois de longas palestras, nas quais procurei aconselhá-los

* A palavra “colônia” é empregada pelo autor no sentido de propriedade rural ou chá-cara. Nota do tradutor.

ao trabalho, à perseverança, sem esconder diante de seus olhos as dificuldades, despedimo-nos e retornamos ao Rio de Janeiro.

—[]—

No mês de abril do ano passado começou uma grande mortandade na Ilha das Flores, causada pela febre amarela. Essa ilha está localizada no Rio de Janeiro. Os emigrantes foram trasladados para Pinheiro, um lugar mais aprazível, por situar-se nas serras. Desembarcamos na estação ferroviária. Quando o trem parou, algumas dezenas de emigrantes de Plock, Kujawy e Varsóvia, penetraram nos vagões, pois estavam ali vadiando e isto constituía uma distração para sua vida inativa nos barracos. Dirigimo-nos a eles em polonês. Muitos fizeram o sinal da cruz de admiração. Outros fitaram-nos estranhamente.

Cercados por um grupo, fomos ver os barracos, depois que um velho de Kujawy decidiu interrogar-nos — “os senhores têm que ser da Polônia, já que falam o polonês!”. Ao nosso lado corre um mulatinho gritando: “nie rozumi po polisku” (não entende polonês). Estava todo eufórico por ter aprendido essa frase deformada, em meio a avalanche polonesa..

A estação é conhecida pelo nome de “Imigração”. Trata-se de uma construção excelente, pois era a antiga residência imperial de Dom Pedro II. Localiza-se em meio a montanhas, junto de um grande rio. É um belo palácio, verdadeiro castelo, com jardins. Este foi totalmente pisado pelos emigrantes. Restaram apenas as aléias de palmeiras e árvores mais antigas.

No palácio reside atualmente o diretor de nome Reginaldo. Contempla do terraço os gigantescos barracos, onde recentemente foram alojados 1.500 emigrantes, entre os quais alguns italianos e espanhóis e de outras nacionalidades. As inscrições nos portões eram em português, polonês e italiano. Visitei a estação em companhia do Sr. Rybkowski, secretário da Sociedade “Zgoda” do Rio de Janeiro.

O senhor diretor mostrou-nos todas as dependências, barracos, armazéns, cozinhas, refeitório, dormitórios, etc. Encontramos os emigrantes à mesa, diante de enormes tijelas de sopa, com pedaços de carne, arroz, feijão e pão branco.

Ninguém se queixa da alimentação das Casas Centrais da Imigração do Rio de Janeiro, pois encontram-se diretamente sob os olhares da administração. Um aldeão nos afirma: “nem em casamento vi tanta carne”. Nas distantes províncias, a situação é bem diferente... isto comentaremos depois. Os dormitórios são salas amplas e bem ventiladas. Ali os emigrantes dormem no chão.

Os emigrantes têm o seu destino para o Paraná, mas ali os lotes que lhes serão destinados, ainda não foram medidos e eles continuam aguardando.

Quase todas as crianças morreram. Houve mais de cem casos fatais num só mês. Os imigrantes contam-nos como vão viajar ao Paraná e como vão trabalhar. Não querem viajar a “Porta Grela” (Porto Alegre).

Perguntam, enquanto passeamos ao longo do rio. Os guris vendem bananas roubadas nos pomares próximos. Outros pescam ou, calçando enormes botas, procuram as sombras das árvores e ali estendem capas ou saias para deitar ou sentar.

À sombra de uma palmeira, no outeiro, armaram um altar para entronizar o quadro de Nossa Senhora e o Crucifixo. O Sr. Teófilo Dublasiewicz, emigrante de Plock, postou-se de pé. O homem, considerado enviado do papa, inicia o sermão, enquanto a multidão de ouvintes aumenta. Fala com bom senso. Ao dirigir-se às mães, pede que no estrangeiro ainda cuidem mais de seus filhos. Suplica para não permitirem que se tornem ladrões, vagabundos, ou desrespeitem os dias santificados.

Conjura a todos que vieram ao Brasil em busca de pedaço de pão para que conservem a fé de seus avós. Conclama a conquistarem o bem-estar e a abundância pelo trabalho honesto, pois só desta maneira tornar-se-ão úteis aos seus irmãos que permaneceram na terra natal, curtindo miséria.

Aconselha-os à união e ao respeito a tudo, conforme foram educados na pátria de sua infância.

Rios de lágrimas corriam pelas faces das mulheres quando lhes falava emocionado. Suas palavras eram recebidas com suspiros, especialmente ao recordar-lhes o solo pátrio, a plêiade de crianças que morrem, ou quando pregava que Deus castigou os judeus com exílio... e, agora a nós. A fé deve ser conservada com tanto maior razão que aqui ninguém se preocupa com ela.

Esta cena era comovente e simpática. Uma visão curiosa nos "desertos" americanos... a seguir cantaram e rezaram ladainhas...

O diretor olha tudo isso com desconfiança, pensando certamente em algum motim, ou princípio de movimento de reivindicação...

—[]—

Nestas duas estações, os emigrantes antes de partirem para suas colônias são tratados de maneira suportável e bem alimentados. Isto se deve ao fato de que se acham nas proximidades da Capital e sob os olhares da Comissão Colonizadora.

Ela cuida do bom nome da colonização, cerca-a com os maiores cuidados, porque são freqüentemente visitadas por gente de todo o mundo. Serve como argumento de que o governo brasileiro demonstra interesse pelo imigrante europeu.

Os visitantes raro, ou nunca se dão ao trabalho de se deslocar para as províncias e menos ainda para vistoriar as colônias na selva. Levam boa impressão das Casas Centrais, bem assim dos órgãos brasileiros que cuidam da colonização. Sobre as barracas provinciais falarei adiante.

—[]—

O nosso emigrante atravessa momentos curiosos nos barracos. Alimentam-no e dão-lhe pouso. Isto ele próprio atesta. Em tais circuns-

tâncias pedem-lhe que se decida para onde deseja ir. Ve-se diante de uma situação curiosa e difícil. Contaram-me no Escritório da Comissão Colonizadora que simplesmente não sabem o que fazer com essa gente. Têm que perguntar a 2 ou 3 mil de recém-vindos para onde pretendem ir: o marceneiro desconhece a situação brasileira; para o aldeão tal pergunta é simplesmente esquisita, porque ele pensava que tudo estava preparado e basta levá-lo para a colônia, daí a sua resposta é simples: “para a colônia”. Ao oferecer tal resposta gesticula qual amalucado, e o tradutor tenta explicar-lhe que o Brasil é tão grande quanto a Europa inteira e por isso deve escolher o local e seu desejo será satisfeito. Só depois de muita explicação o campônio obscuro e miserável entendia que não se tratava de uma brincadeira.

A escolha não é fácil ao ouvir pela primeira vez nomes como: São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, etc. Diziam-me que a maior parte da escolha recaía sobre Santa Catarina. Explicam-lhes que não haverá lugar para todos lá e acrescentam argumentos de que no Paraná existem poloneses, colônias e chácaras para eles destinadas. De nada valem os argumentos e eles querem ir para Santa Catarina.

Os artífices foram para as cidades e só uma parcela diminuta buscou as fazendas de café e só um número insignificante optou pelas colônias. Dezenas de agentes circulam pelos barracos. Procuram angariar os emigrantes para as plantações de café. Eles recebem boa remuneração por cabeça aliciada. Envidam todas as energias, sem olhar os meios, para atrair os emigrantes.

Narram-lhes verdadeiros horrores a respeito das colônias. Dizem que ali se morre de fome. Os agentes afirmam que nas colônias todos pereceram e que nas fazendas é bem melhor: pagam salários, fornecem alimentos, idênticos àqueles que os patrões comem. Se o imigrante achar que um ou dois francos diários são poucos, elevam para três e até quatro. O agente tem em mira um único objetivo: conseguir do emigrante a assinatura para o contrato de trabalho e levá-lo até às mãos do plantador que fica a dezenas de quilômetros no interior, em meio a matas e montanhas intransponíveis, longe do mundo. Os emigrantes, entregues pelo capitão do navio à Comissão Colonizadora, abandonam as Casas Centrais do Rio de Janeiro ou Pinheiro para ceder lugar a outras levas, seguindo para os seus destinos:

- 1º — Permanência nas cidades
- 2º — Partida para as fazendas de café
- 3º — Em busca das próprias colônias.

CAPITULO III

OS POLONESES NAS CIDADES

Rio de Janeiro

A capital do Brasil, quem a olha do lado da baía aparenta tipicamente brasileira: palacetes nos morros, cercados de palmeiras, cactus e uma fileira de casa pelas canhadas, por sobre cujos tetos desponha a torre da igreja. A cidade em si não é das mais bonitas, mas a sua beleza vem da posição junto às águas azuis e mansas da barra, bem como do ornato da vegetação dos morros. De longe, causa uma impressão ruim. Encontramo-nos em terrenos de construção, onde massas humanas de maltrapilhos imigrantes e mulatos misturam-se. Arrancaram de nossas mãos as malas a fim de ganhar uma gorjeta. Abundam camelôs e negras obesas, à sombra de enormes guarda-sóis, vendem bananas, abacaxis, laranjas e castanhas. A sujeira impera em toda a parte e o ar é contaminado, tornando-se pesado por estar exposto ao sol canicular e em conseqüência insuportável, especialmente em locais fechados.

A cidade do Rio de Janeiro divide-se em duas partes: a cidade e os arredores. A velha cidade situa-se nas baixadas, ocupando a faixa de terra que medeia entre o porto mal-cheiroso e estende-se até o sopé das serras, por caminhos lamacentos. As ruas são estreitas, barrentas, por causa das águas subterrâneas, ou por motivo das chuvas que rolam dos morros pelas ruelas, entulhadas de laranjas em putrefação, bananas decompostas e restos de comida. Ali não se faz cerimônia: o lixo, restos de comida e roupas velhas são atirados à rua. Em verdade, à noite é feita a faxina, mas isto à moda brasileira, quer dizer com desleixo. Em vista disso algumas das vielas, em dias de calor são simplesmente intransitáveis. Reina ali um odor insuportável, em vista do calor e sujeira em decomposição. Numa atmosfera dessas, em ambiente apertado entre a serra e a cidade, não se pode estranhar que grasse a febre amarela, que dizima milhares de pessoas, especialmente nos meses quentes de março e abril.

A descrição acima refere-se à parte comercial da cidade. Os arredores apresentam ruas largas, ladeadas por palmeiras. As casas desaparecem no verde tropical, que aninha castelos e vilas da população abastada.

O clima é mais ameno e afeta menos. Todo morador carioca sonha com moradia nos arredores, que chegam a situar-se às vezes em florestas quase selvagens.

Nas ruas e praças centrais o movimento é grande. Algumas delas congregam uma multidão humana que é difícil perambular. Existe grande quantidade de bondes que transitam entre a cidade e os bairros, transportando milhares de pessoas. De manhã partem em direção ao centro, para suas ocupações diárias e a tarde retornam refugiando-se num clima mais ameno de suas residências.

Entre as ruas sujas e repletas de gente uma chama a atenção pela limpeza e ordem. É a rua do Ouvidor. Tem a extensão de 1 km. Parte da bairra-mar e segue até o sopé da serra, onde se localizam os palacetes. Aqui se localizam bares, cafés e armazéns. Nas horas vespertinas regurgita de gente. Ali se encontram milhares de pessoas de todas as características. Além do tipo brasileiro de tez bronceada, podem ser vistos rostos de todas as características do globo. Reina caos e vida febril. Jornaleiros, propagandistas correm com estardalhaço nesta rua estreita, onde é vedado o tráfego de veículos. Nos bares e cafés reina vibração. O vozerio humano abafa as palavras de milhares de seres humanos de todos os matizes que formam esse quadro humano, tipicamente brasileiro.

Nas praças e ruelas, centenas de carrocinhas aguardam os visitantes para levá-los a passeio até os arrabaldes. Os veículos tirados por animais seguem por vias mal-asseadas da cidade velha até a zona dos morros.

Há subúrbios como Sampaio, Vila Izabel e Laranjeiras. Do alto dos morros que são atingidos por meio de trilhos e bondes especiais, bem como tracionados por cabos de aço, desvenda-se um panorama deveras fabuloso. Merece, ainda especial atenção o Jardim Botânico, que é um verdadeiro orgulho da Capital brasileira.

Encontra-se a 10 quilômetros da cidade. Situa-se num vale em meio a montanhas. Segue-se até ali por meio de bonde. Adentramos por meio de uma escada de material. O jardim é de gigantescas proporções, cercado por morros alcantilados. Trata-se de uma região ainda selvagem. A partir da entrada sai uma aléia de palmeiras que ao distante parecem pequenas, em vista da distância. Um magnífico chafariz ornamenta o centro do parque. Nos caminhos colaterais reina constante umidade e escuridão. Detivemo-nos diante de um córrego que desce das montanhas a fim de apreciar a grandiosidade da mata selvagem. Toda ela é entrelaçada por cipós e dá uma amostra do que seja a virgem "hiléia" brasileira. A mão humana pouco contribuiu com a jardinagem, mas o calor e a umidade realizam verdadeiros milagres. Quem não viu, dificilmente dará crédito aos gigantescos cactus, espalhados pelos jardins gramados e aos cerrados de bambu que podem ser vistos em todos os jardins da Europa.

Nossos Emigrantes no Rio de Janeiro

Para dar uma imagem melhor e enfocar adequadamente a cidade do Rio de Janeiro, a impressão que ela causa, citarei passagens do meu diário de viagem. Embora sejam mais falhas do ponto de vista

estilístico, são mais exatas quanto ao conteúdo e é precisamente isso que me interessa.

Rio de Janeiro, 22 de julho de 1892

A Capital brasileira está repleta de nossos emigrantes. Expertos em cálculos, avaliam-nos em 3 a 4 mil pessoas. Esse número vai diminuindo, porquanto muitos retornam, ou demandam outros Estados. Alguns partem para os Estados Unidos da América do Norte, para a Argentina, para o México e muitos são vitimados pela febre amarela.

Os nossos artífices: alfaiates, marceneiros, torneiros, trabalham nas partes mais insalubres da cidade, porque ali se localizam as oficinas. Os emigrantes não qualificados, os aldeões, afeitos com afazeres diretamente ligados à terra, trabalham nos subúrbios como pedreiros. Neste ano, tanto na cidade, quanto nos bairros, grassou violentamente a febre amarela. Em abril e maio fez dezenas de vítimas.

Apesar da febre, os poloneses continuam a afluir das fazendas, localizadas nas províncias, pois não podem acostumar-se com o trabalho. Afirmam em uníssono que os salários são baixos, a exploração dos plantadores, que chega a abusos é constante e a impossibilidade de se acostumar aos trabalhos pesados, por causa do sol causticante.

Todos que buscam as cidades procuram libertar-se da vida das fazendas e aqueles que possuem alguns níqueis pensam no retorno. A Capital, apesar de seu clima insalubre, é considerada porto de salvação. Todo aquele que conseguiu libertar-se do “café”, considera-se feliz. Diminuiu um pouco a grande mortandade. Mesmo assim o número de doentes é grande e muitas são as baixas. Constantemente vêem-se ambulâncias (ônibus para doentes) a circular pela cidade. Elas trazem o nome genérico de “Assistência Pública”. Elas transportam as pessoas afetadas de febre para o Hospital São Sebastião ou para a Santa Casa de Misericórdia. Dessas casas poucos são aqueles que saem curados. Frequentemente vêem-se negros a transportarem caixões sobre as cabeças, bem como carros fúnebres a transportarem cadáveres para o cemitério.

Aqui morrem pessoas de todas as nacionalidades. São vitimados pela febre amarela. Dizem que os negros não são afetados pela febre. Dentre os imigrantes, os poloneses mostram-se os mais resistentes.

Os mais afetados são aqueles que tem deficiência alimentar e não contam com a assistência médica.

É difícil ver pelas ruas pessoas coradas e de aspecto saudável. Isso vale também para os habitantes das vilas, palacetes e subúrbios. Eles não diferem em nada dos habitantes da cidade. São pálidos, temperados no próprio suor, e muitos apresentam doenças de vista por causa dos raios solares.

Os melhores igualmente aparentam um aspecto horrível — simplesmente são doentes. Têm-se a impressão de que nenhuma pessoa, pertença a qualquer nacionalidade, não tem condições de se acostumar com o clima do Rio de Janeiro.

Os imigrantes que afluem das províncias, vêm em busca de algum ganho para retornar ou com a intenção de ganhar pão em outros lugares. Do ponto de vista de salário, talvez não há cidade melhor no mundo. O operário bom e trabalhador, que conheça um pouco de português, não poderia sonhar com melhor lugar. O marceneiro, o ferreiro, o pedreiro, o seleiro, o alfaiate, o sapateiro, são procurados pelos donos de firmas e freqüentemente fazem anúncios nos jornais. Pagam entre 6 a 8 mil réis, o que no câmbio atual vem a significar de 8 a 12 francos. Numa palavra os que passaram pela prova da aclimação podem viver regularmente.

A média dos ganhos, entre os operários qualificados varia entre 3 a 6 mil réis. Apesar desses salários, os poloneses em geral levam uma vida relativamente pobre, pois a moradia, a manutenção e as roupas consomem tudo. Uma parcela considerável é dispendida em bebidas. Só os mais moderados e ordeiros é que conseguem fazer alguma economia. Moram juntos, alugando conjuntos ou casas. Visitei algumas delas. Uma, sita à rua Regente, é ocupada por poloneses. Na parte térrea encontra-se um bar, onde os nossos patrícios podem ser vistos, como se fosse um clube. Eles moram no andar de cima e também no sótão. Dormem em camas enfileiradas ou sobre esteiras. Junto à janela está a mesa e alguns talheres e debaixo da mesma os pacotes e lixo. Junto às paredes alguns banquinhos e por toda a parte impera sujeira.

Tomam as refeições em casa ou nos restaurantes que existem em quantidade pelos quarteirões. Estes são salas alongadas, sempre abertos. Ao longo das paredes encontram-se bancos enfileirados e mesas cobertas com toalhas mal-asseadas. O dono de casa serve os hóspedes, em manga de camisa. São eles brancos, pretos, mulatos. Não carece lembrar que nestes bares de operários tudo é servido em meio à sujeira. É difícil ao nosso imigrante acostumar-se a tal situação, mesmo que seja pouco exigente. O trabalho começa às 6 horas e termina às 17, com um intervalo de meia hora na parte da manhã. Após as lides diárias e depois da refeição os imigrantes passam o tempo em passeios, nos bares operários, em geral bebendo e jogando cartas.

Há falta de trabalhadores qualificados no Rio de Janeiro. Todos os proprietários querem-nos a qualquer custo. Em vista dos elevados preços das mercadorias e dos bons lucros, os empresários desejam expandir seus negócios e aumentar a produção. O dono de uma oficina depende da mão-de-obra, situação inversão à européia. Os bons operários são procurados e recebem bom tratamento a fim de retê-los no emprego. O artífice tem ampla liberdade, chegando às vezes a sentar-se junto com o patrão para as refeições. Vêm ao trabalho quando quer e sempre é bem recebido.

Para que o trabalhador tenha sucesso, são indispensáveis os seguintes requisitos: conhecimento da profissão, estabilidade na ocupação e possuir rudimentos da língua portuguesa.

Entre nossa gente, nem todos procuram aparelhar-se com os recursos indispensáveis. Por isso não se deve estranhar que muitos pas-

sam miséria, não encontram colocação e tem que se dedicar a trabalhos alheios à sua especialização.

Este é um quadro real, ainda que suscinto, da situação dos nossos operários (quase não existem fábricas): de um lado os altos salários que não deixam de ser atraentes e doutra parte a febre que apavora a todos. Quem não se aclimatou em províncias, onde reina um clima mais suave, expõe sua vida a um sacrifício inútil, como acontece com o Sr. Rybkowski, secretário da Sociedade "Zgoda", bem como com os senhores Poznanski, Styczynski, Gez, Krauze, German e outros.

Graças à interferência do Sr. Kwasowski, muitos estão empregados na construção de barracos. O seu salário não é dos melhores, pois varia entre 1,8 a 2,2 mil réis, idêntico ao que ganham os negros que são pouco exigentes. Com um ganho e moradia aos poucos vão se livrando da miséria.

Muitos operários passaram pelo "saneamento". O alfaiate trabalha como braçal ao lado do pedreiro. O mesmo acontece com o seileiro, o sapateiro, etc. Só depois de familiarizar-se com a situação, aprender algumas palavras é que pode encontrar uma situação condizente a sua especialidade.

Durante a minha visita às construções, já não encontrei pessoas qualificadas entre os trabalhadores braçais. Só ficaram ali os que não conheciam nenhuma profissão.

A situação seria suportável, "não fosse o ar", como diziam. Pelo menos não seria das piores. Do salário que varia entre 1,8 a 2,2 mil-réis, pagam: 0,2 pelo barraco e aproximadamente 1 mil-réis para os víveres. Os operários dispõem de um restaurante ou então cozinham para si. Para aqueles que possuem famílias com crianças, o salário mal dá para sobreviver. Todos sonham com o retorno, uma vez que as perspectivas, mesmo para os profissionais são pouco acalentadoras.

Com o intuito de verificar adequadamente os estragos que a febre amarela perpetrou entre os emigrantes, bem como os frutos de outras doenças visitei os barracos da Companhia de Saneamento (eles chamam de "Saneamento") nas vilas Izabel e Sampaio e anotei o seguinte: 150 pessoas inscritas; 17% morreram, 12,5% estavam doentes e alguns retornaram a sua Pátria. Isto significa que depois de 6 a 8 meses de permanência nas fazendas e na cidade do Rio de Janeiro, um quinto faleceu e um terço de emigrantes não estava em condições de retornar ao país de origem.

Além das doenças que dizimam os emigrantes no Rio de Janeiro, o desencanto em que todos caem traz graves perturbações e deprime-os moralmente. Depois de terem ouvido maravilhas, tais como passagem gratuita e nutrir esperanças coloridas, vê-se diante de uma nova realidade. Ao libertar-se dos barracos, dirige-se à grande metrópole. Ali, se não encontrar patrícios, não tem nem sequer com quem trocar uma idéia. O clima é outro, a gente é diferente, o ambiente não é o mesmo, tudo é outro. As coisas tem um gosto especial, sabor dife-

rente. Com frequência, por falta de recursos, vê-se obrigado a repousar num banco de praça ou à beira-mar.

O mar de esperanças esvai-se e ele cai no desespero, na saudade. Leva tempo para refazer-se, conformando-se com a sorte e só então começa a trabalhar. Uma vez obtida a colchoação não tem a necessidade de trabalhar o dia inteiro e mesmo não está em condições de fazê-lo por causa do desânimo. Cansado de tudo, freqüentes vezes, passa o dia a beber com os colegas do infortúnio. Leva uma vida febril, desnaturada, vive o momento presente. . .

Dos imigrantes que ficaram no Rio de Janeiro, a maioria perecerá ou mudará para outras localidades. Só uma pequena parcela alcançará um bem estar ou até uma fortuna, desde que se aclimate na Capital do Brasil. O número de intelectuais na cidade é pequeno e os existentes são comerciantes, engenheiros donos de indústrias. Estabeleceram-se a mais tempo e são pessoas abastadas.

OS POLONESES EM OUTRAS CIDADES

São Paulo, 23 de julho.

O caminho que leva do Rio de Janeiro a São Paulo atravessa as Serras do Mar, segue depois pelo vale do Rio Paraíba, rumando rio acima. É ladeado por plantações de cana-de-açúcar e raramente no alto dos morros aparecem exuberantes cafezais. As casas localizam-se nas ribanceiras do Paraíba, envoltas por jardins tropicais. Nas proximidades de São Paulo, na região de Mogi, vicejam em escala considerável parcerais recém-plantados. A região do vale do Paraíba, apesar de contar com estrada de ferro e glebas férteis é pouco povoada. Somente nas margens dos trilhos vêem-se lotes desbastados. Nos campos, pontilhados por capões de mata, pastam muaras, cabras e vacas. As fazendas em geral são cercadas por muros ou cercas de barro e parecem castelos medievais. As casinhas dos colonos, que são negros, são construídas de barro (a madeira apodrece) e somem-se nos jardins. Ali e acolá um colono novo constrói sua moradia, junto a roças de milho colhido ou feijão preto. O próprio colono encarrega-se da limpeza do campo. Corta o joio e depois de seco pelo sol, queima-o. Nas cinzas deposita as sementes de milho, feijão preto, etc.

São Paulo situa-se entre campos ondulados, numa elevação alongada. A cidade em si guarda todas as características de uma cidade americana das estepes que surgem e desenvolvem-se numa rapidez curiosa. A parte velha da cidade é um tanto apertada, com casas elegantes aglomeradas, casas comerciais, movimentação grande de bondes. O resto da cidade compõe-se de amplas avenidas, recém-construídas e espalhadas pelos campos ondulados. As vias mais distantes não são calçadas. Corta-as uma rede de trilhos de bondes. Na temporada de verão tornam-se intransitáveis por causa da lama e no inverno poeirentas. O pó mesclado com a calor torna o ar sobremodo irrespirável. Junto às ruas mais afastadas enfileiram-se casas, sem cercados e praticamente desaparecem no seio ds estepes que começam logo depois da cidade.

A casa provincial da imigração — “Hospedaria” — fica ao lado da estação norte da estrada de ferro central, bem distante da cidade. Situa-se ao lado de uma ampla avenida, em meio a nuvens de pó, perfilando junto a outras casas e é cercada com muro, tendo na frente uma grade de ferro. Diante dessa enorme casa da imigração há grande movimentação de gente. Adentra-se a Hospedaria por uma escada de pedra que desemboca num pátio semi-asfaltado. De dois lados do prédio frontal, acham-se duas oficinas.

As escadas são amplas e as salas enormes. Já na entrada sente-se um cheiro insuportável. Ali não impera mais aquela limpeza que existia nas casas centrais do Rio de Janeiro. Subimos ao primeiro pavimento do prédio e aí encontramos as salas atapetadas de gente, principalmente italianos deitados no chão ou em pilhas de entulhos. O ar é pesado, a transpiração abafada e a sujeira é geral. A imagem recorda-me o ambiente marítimo, num canto um grupo de mulheres, cujos maridos acham-se hospitalizados. Elas tem esperança que em breve terão alta. Numa outra sala, uma família que veio ao Brasil, com apenas dois dias e já sente-se mal. Não podem acostumar-se à comida, composta de carne seca e peixes mal-cheirosos. . . Queixam-se da vida. Na “emigração” estão sem recursos, quase em desespero. A seus lados vêem-se penças de crianças. Estão em terra estrangeira.

Fornecemos aos emigrantes endereços de poloneses residentes em São Paulo. Recomendamos que não abandonassem os barracos até que encontrem uma ocupação nas cidades, o que é relativamente fácil, em vista das construções e procura de operários para as fábricas. Adiante encontramos uma judeu da Lublin. O sapateiro estava sentado sobre os pertences e remendava calçados. Não se queixa. Faz perguntas a respeito de uma ocupação. Fala calmo, até monótono e olha a vida e o salário com indiferença. Num outro canto acha-se o marceneiro Warszawiak com sua família. E assim por diante.

Não pensam em fazendas, por causa das experiências amargas que aprenderam com aqueles que os precederam.

Neste mês de julho não há muitos emigrantes. Cerca de 430 ali se encontram e na semana passada não veio nenhum. Isto é fruto da suspensão de fornecimento de passagens em meados deste mês.

Os italianos permanecem pouco tempo nas casas de emigração. Contratados pelos agentes dirigem-se às fazendas. Diariamente lêem-se anúncios nos jornais sobre o movimento de emigrantes nestas casas. Vou exemplificar mediante a seguinte tabela a situação que encontrei nas casas de São Paulo, no dia 22 de julho:

Total de emigrantes	1.629
Chegaram	317
Partiram para as fazendas	305

Os agentes regurgitam em toda a parte. As casas causam uma má impressão. Não passam de um mercado humano, ainda que as formas sejam outras, um pouco mais refinadas. Não é a força bruta que os faz curvarem a cerviz, mas a necessidade de um pedaço de pão. Isto

fá-los aceitar essa canga. O espetáculo, o procedimento rigoroso, os maus odores produzem um quadro horripilante.

—[]—

Na cidade existem cerca de 600 a 700 emigrantes poloneses. São elementos das mais diversas profissões: artífices e aldeões. Trabalham nas construções, nas fábricas, em oficinas próprias ou aldeias. Muitos deles encontraram ocupação na “Companhia Mechanica Importadora”. Ao lado da fábrica existe uma aléia de casas para operários. Ali encontramos emigrantes de Varsóvia e Lodz. Visitamos uma delas. Trata-se de um quarto apertado, com uma janela e uma porta. Vimos um pouco de roupa pela cama e dependurada pelas paredes. A sua refeição é constituída por um pedaço de pão e carne. Este era o almoço do operário. O seu aspecto é miserável, bem assim o de sua mulher.

Tudo é apertado, mas reina ordem e asseio. O operário é emigrante de Lodz. Trabalha numa fábrica onde percebe 4 mil-réis, dos quais dispense 2 para a manutenção. Os marceneiros profissionais percebem a quantia de 4 mil-réis. Além dos que labutam em fábricas existem alfaiates que trabalham por conta própria, percebendo os mesmos ganhos. Os melhores resultados são auferidos por aqueles que se dedicam à produção de móveis, porquanto é proibida sua importação. A procura é grande e os operários desse ramo chegam a receber 5 mil-réis diários. O trabalho começa às 6 horas e termina às 17, havendo um descanso de uma hora no turno matutino, pelas 10 horas. Há marceneiros que trabalham oito horas.

Os sapateiros têm um trabalho mais árduo, apesar de ganharem entre 2,5 a 3,5 mil-réis e tudo indica que a situação tende a piorar. O Sr. Furmankiewicz, procedente de Tarnow, possui uma fábrica maior. Veio há 5 anos para São Bento, onde possuía empresa. Dirigia-a desde os 13 anos e por sobre a loja vê-se a inscrição: “Sapataria Allemã”, sita à rua Vitória nº 16. Defrontamo-nos com uma figura avantajada, vermelha, cabeluda e jovial. É um típico sapateiro polonês. Os patricios queixam-se dele de que fala bobagens e lhes apronta peças. Na realidade procura ajudá-los, alugando casas, arrumando trabalho, especialmente no início.

Em sua fábrica trabalham alguns poloneses ao lado do patrão, embora este seja abastado. Respeitam-no e prezam muito. Não quis naturalizar-se por achar que faltam ordem e justiça para com os estrangeiros. De modo geral os artífices com o tempo chegam a perceber bons salários.

Depois de visitar os profissionais e operários, dirigimo-nos para os arrabaldes, a fim de verificar a situação dos aldeões. Eles moram na periferia e ocupam-se nas construções. De modo geral centralizam-se no bairro do Bom Retiro. Ocuparam casas inteiras. Sua vida é idêntica aquela que levam nossos emigrantes no Rio de Janeiro. Moram em quartos apertados, cozinham nos pátios, sob o céu claro, levam uma vida provisória, cigana. . .

Uma das casas que visitamos é de um andar, com o reboco caindo, cercada por laranjeiras. Encontra-se numa esquina e cada quar-

to é ocupado por uma família. Descemos ao pátio por intermédio de uma escada suja. No meio deste localiza-se o poço. Nas bordas, junto do lixo, cada dona de casa cozinha arroz, feijão e carne.

Improvisaram um fogo sobre tijolos. Encontramos ali emigrantes de Lodz, Plock e Lituânia. Não se pergunta pelos seus nomes para evitar fofocas que imediatamente surgem e relacionam-se com suas inscrições para retornarem. . . Um grupo de crianças esfarrapadas brinca. Todos sofrem das vistas e ouvidos. Causa pena ver essas criaturas infelizes que à guiza de arbustos transplantados à força travam uma violenta luta contra o novo ambiente. Dessa refrega poucos saem vitoriosos, especialmente os de menor idade. Todos vestem os trajes que trouxeram da velha Pátria e estão em frangalhos, rasgadas e sujas. . .

Os mais velhos já se aclimataram. Quando o marido possui um emprego permanente (o operário não qualificado percebe entre 2 a 2,5 mil-réis diários) ganha algum dinheiro e pode manter-se de forma suportável.

Os pais de família não podem pensar em economia. *

Os dias transcorrem sem novidades. A bebida constitui o único passatempo e o meio de fuga, ao menos por momentos, desses estreitos limites a que a vida o confinou. Eis um exemplo. Num barraco, em meio do pátio mora a mulher de João Pacewicz, procedente de Kowno. Duas crianças morreram nas colônias por não puderem ingerir alimento sólido e em vista da idade não suportaram o calor. A mulher está doente. Vieram para São Paulo, onde o marido adoeceu. A esposa até agora não sabe o que aconteceu com ele no hospital. Está numa situação sem saída. Ela fez anúncios pelos jornais, sem nenhum resultado. Em caso de não o encontrar será repatriada. (Segundo as leis que regem a emigração, as viúvas e os órfãos tem direito a retornar ao seu país, se a morte ocorrer durante o primeiro ano. Esse retorno é feito às expensas do governo. Muitos aproveitam-se dessa lei, se no decurso do primeiro ano perderam as condições para o trabalho. As passagens fornecidas pelo governo ou mais precisamente pela Comissão de Imigração não são fáceis de obter e são conseguidas após muita burocracia).

Anoto com prazer que os imigrantes prestam auxílios mutuos. Fazem-no de bom grado e muitas vezes com grandes sacrifícios pessoais. Reina uma admirável solidariedade, maior do que entre nossa gente na Polônia.

Fomos ao casebre do jovem Goldstein de Jablon. Organizou uma loja e o seu negócio vai muito bem. Atende atrás de um balcão. Usa um chapéu de palha. Perdeu inteiramente as características de sua raça e seus trajes estão inteiramente mudados. Aqui agrupa-se uma pequena colônia israelita, inclusive uma família e alguns judeus de Odesa. Os nossos imigrantes localizam-se no pátio. O pequeno espaço achase cercado, mas as ripas estão caindo aos pedaços. O local está ato-

* A vida é monótona, obscura, cheia de insegurança no que diz respeito ao dia de amanhã. Acha-se apertado entre outras nacionalidades mais fortes e conhecedoras da língua. O imigrante sofre.

petado de lixo, poças d'água e tem características de uma pequena cidade provinciana. A um canto vimos um grupo de mulheres, sentadas em troncos de árvores. As crianças do bairro misturam-se com as mulheres que cozinham. Todas são sujas, maltrapilhas, abandonadas. As mulheres queixam-se da sorte, ao passo que os homens afirmam que aqui ganham mais do que nos empregos de Plock (seu salário varia entre 2 a 2,5 mil-réis diários). O tempo de trabalho é mais curto — 10 horas. Comem melhor e dispõem de tempo livre. É verdade que faleceram muitos filhos e após os primórdios difíceis, acostumaram-se a esse tipo de vida, ao clima que é mais saudável do que nas regiões litorâneas.

Santos — 15 de agosto

O navio penetra baía adentro, por entre ilhas montanhosas e espalhadas ao largo. De um lado vemos serras altaneiras, tecidas de vegetação densa, enquanto para o lado oposto, campos lodosos. A cidade localiza-se numa baixada em meio a serras e lama, semelhante com a do Rio de Janeiro. Tanto aqui como lá impera a febre amarela e outras doenças, em vista da falta de uma corrente de ar. Ao desembarcar, rumamos para a Casa do Imigrante. Apresentadas as credenciais, permitiram que entrássemos e mostraram tudo. Trata-se de uma casa que servia de estação da imigração. Inicialmente ali funcionava um teatro. Não é um prédio grande e por isso está abarrotado de gente: no palco, nas galerias, nas lojas, em toda a parte. É uma estação provisória. Os imigrantes permanecem ali alguns dias, antes de serem enviados para o planalto paulista.

A cozinha localiza-se sob a antiga varanda do teatro. As panelas encontram-se sobre tijolos. Chegamos exatamente na hora do almoço. Constava de arroz com pedaços de carne.

Em vista da afluência de grandes levas imigratórias e de sua situação transitória na estação, a impressão que se tem é má. Nota-se a falta de energia por parte dos dirigentes nesse setor tão vital e de tamanho interesse e custo para o Brasil. Tudo é sujeira, mau odor. Parece pior do que em São Paulo.

O número de poloneses na cidade é pequeno. Talvez atinja 100 pessoas. Já, na entrada da cidade encontramos alguns aldeões, diaristas não qualificados. A situação dos pedreiros não é ruim. Com o seu ganho esperam retornar à Polônia, antes da Páscoa. Afirmam que a vida não é de seu agrado. Não suportam o calor, tremem diante da febre, que nos meses quentes de verão (fevereiro-abril) faz centenas de vítimas. Os seus ganhos são os seguintes: o pedreiro recebe 4 mil-réis; o marceneiro 4 mil-réis e os trabalhadores portuários e 1 a 1,5 e mais as refeições. Algumas vezes ele é inferior.

A diferença entre os salários daqui com os do Rio de Janeiro é considerável, principalmente para marceneiros. Isto se deve ao fato de não haver demanda de mão-de-obra. Aqui há menos gente abastada e conseqüentemente não tem recursos para comprar móveis de fino gosto.

O serralheiro percebe 1 a 1,5 mil-réis e mais a alimentação; o

carpinteiro 4 a 5 mil-réis. Os sapateiros passam mal. Ganham 35 mil-réis mensais e mais a alimentação. As cidades estão abarrotadas com calçados europeus. Em Santos os ferreiros são os mais procurados e obtêm os melhores salários, entre 5 a 6 mil-réis.

Os artesãos, com ferramentas próprias, ganham mais do que os que não as possuem. O custo de vida é alto. Uma família gasta 45 mil-réis com a manutenção e mais 12 mil-réis de aluguel, o que totaliza 57 mil-réis mensais. Nessa computação não está incluído o vestuário e outras necessidades.

Aqueles que não possuem profissão passam mal. Vi faces esqueléticas de nossa gente, principalmente entre os chamados "serventes" — ajudantes de pedreiros. Seus ganhos variam entre 2,2 a 2,8 mil-réis, o que representa 35 mil-réis mensais. Se acontecer tempo chuvoso, a situação torna-se pior pois não podem trabalhar nas construções.

Queixam-se do clima que neste ninho de febre amarela é mortífero. O desconhecimento da língua causa muitos empecilhos. Os empresários, principalmente os de origem italiana abusam. "Os piores são os italianos. O espanhol, ainda que aparente maldade, é melhor" — dizem.

Os poloneses detêm-se aqui de passagem, pois seu destino é o norte, nomeadamente Rio de Janeiro. Desanimados com a situação e com as condições locais, amaldiçoam a terra e aqueles que a inventaram. Os colonos sentem profundamente a falta de sacerdote. Não conseguem entender como se permite a entrada de cachorros dentro das igrejas e não concebem o costume de fumar na casa de oração. "Parece que Deus não existe" — dizem.

Desterro (Santa Catarina) — 24 de outubro

Todas as cidades portuárias, não excetuando a Capital de Santa Catarina, possuem aventureiros das novas colônias. Aqui encontramos algumas dezenas de poloneses.

Somente alguns imigrantes têm residência permanente. Todos os demais aguardam pelo retorno à Polônia, depois de conseguir algumas economias, ou dinheiro por meio de algum milagre.

O trãnsfuga da colônia, desconhece a língua e por ser aldeão não possui profissão, vê-se diante de muitas dificuldades, mal conseguindo o suficiente para sobreviver. Praticamente vegeta.

Os operários qualificados, a exemplo do que se verifica em todo o Brasil e parece que a situação é mund'al, percebem relativamente bem. Alguns conseguem algumas poupanças. O trabalhador comum, o diarista, além da dificuldade de encontrar colocação, é mal remunerado, tendo a necessidade de se conformar com os míseros 1,2 a 1,5 mil-réis. Este ganho, levando-se em conta o alto custo de vida e a desvalorização da moeda, mal chega para a manutenção.

—[]—

Julgo desnecessário aduzir mais dados sobre outras cidades onde residem os nossos imigrantes. Sobre Curitiba falarei adiante. Os

extratos do diário de viagem, onde registrei o que observei com os próprios olhos retratam um quadro aproximado das condições em que vive o aldeão, nos centros urbanos brasileiros.

Somente os bons profissionais tem a sobrevivência assegurada. Estes também fogem dos postos, onde pesa por sobre suas cabeças a espada de Dâmocles, que é a febre amarela. Esta grassa constantemente dizimando fileiras de conhecidos que perecem às dezenas.

Os operários de fábricas e os aldeões sem profissão são condenados a trabalhos pesados. Talvez algum dia eles se libertarão dessa condição. O seu lema é fugir. Continuaremos a ouvir por longos anos relatos sobre retorno de agrupamentos que fogem da pobreza e miséria brasileiras. Isto não é privativo de nossos imigrantes. Veja-se a situação nos portos europeus quando atracam navios provenientes do Brasil. Com certeza veremos centenas de espanhóis, italianos, franceses e outros.

Considero desprovida de fundamento e inverídica a afirmativa do Pe. Chelmicki quando taxa os nossos operários de indolentes e sem iniciativa. Levando-se em consideração que essa gente não conhece o português, entram nas cidades em condições de inferioridade. Porisso são explorados. Mesmo assim sobrevivem, pensam em fazer economias para retornar e em conseqüência não podem ser qualificados como imprevidentes.

Sem contestação, o aldeão aparenta um simplório. Mas, isto acontece também em Varsóvia. Quando chegam sentem-se atordoados. Observei centenas de colonos nas cidades. Estão com suas famílias e trabalham com dedicação. Mantêm suas famílias. Alguns definham por falta de alimentos, mas isto deve-se ao fato da poupança forçada para poder retornar à terra natal. A perseverança do colono é simplesmente ilusória, simplória, amalucada. Para conseguir seu intento deverá trabalhar anos, principalmente se tiver muitos filhos. Essa idéia de levantar fundos, embora possa parecer selvagem, para mim é simpática e comprova de que eles não cruzaram desesperadamente os braços.

Talvez o Pe. Chelmicki teve a infelicidade de se avistar com a escória da imigração. Mesmo se julgarmos que a América é propícia para receber os marginalizados, não se pode concluir de casos isolados para um julgamento generalizado: todos são indolentes.

Temos que considerar que receberam a esperança de obter bilhetes de retorno e porisso pintaram ao Pe. Chelmicki uma situação negra e descreveram a sua condição como a mais infeliz e degradante. Eles tiveram capacidade para apresentar uma situação desesperadora, pois os séculos de sofrimento encarregaram-se de lhes oferecer os argumentos. As queixas sobre a sorte, levou o sacerdote a emitir o seu juízo a respeito da incapacidade de iniciativa do elemento polonês. Esqueceu-se de que eles pretendiam obter com facilidade a passagem de retorno à Pátria.

CAPÍTULO IV

CONDIÇÕES DE TRABALHO E SITUAÇÃO DO IMIGRANTE NAS FAZENDAS

Até o ano de 1888 as culturas de café, açúcar e milho eram cuidadas por negros escravos. Foram importados da África e vendidos no mercado do Rio de Janeiro. No dia 13 de maio de 1888, durante o Ministério de Correia de Oliveira, o Parlamento aprovou a abolição da Escravatura por maioria de votos. A mesma tinha sido preparada, há longo tempo, pelo Imperador Dom Pedro, através de reformas.

A partir dessa data, o dia 13 de maio tornou-se feriado nacional e festejado solenemente. A medida teve profundas repercussões na produção de café, especialmente nas chamadas fazendas. Recordo-me perfeitamente da situação descrita por um dos fazendeiros que taxou a decisão de violenta e inesperada. Disse textualmente: "Deitei-me no dia 12 de maio milionário e acordei no dia 13 um simples homem. Perdi além de um milhão de francos, valor real dos escravos, toda a renda dos grandes cafezais que, abandonados, definham. Numa palavra: perdi dinheiro, propriedade e renda".

Não temos motivos para lamentar a sorte dos que exploraram durante séculos o sangue, o suor do negro, dando-lhe em troca uma alimentação parca. Tratavam o escravo como se não fosse gente, castigando e matando.

Os oitocentos mil negros, segundo cálculos estimativos, constituíam um valor de 500.000.000 mil-réis, o que significa um bilhão de francos, segundo o câmbio da época. Efetivamente, as perdas nos cafezais abandonados foram muito maiores e foi ali que a abolição teve mais ampla repercussão.

A vida nas fazendas de café foi descrita exhaustivamente pelo Pe. Chelmicki. Para os interessados recomendo aquele trabalho. Vou-me ater às observações que fiz numa fazenda, extraindo trechos do meu diário de viagens. Não é minha intenção pintar o quadro global, mas delinear uma idéia sobre a situação.

Região de Macuco às margens do Rio Paraiba.

Estado do Rio, 2 de julho.

Partimos do Rio de Janeiro, cruzando a baía, em direção da Estação Sant'Ana da estrada de ferro Leopoldina. Situa-se na orla da baía, próxima a cidade de Niterói, considerada bairro do Rio de Janeiro.

ro. A estação não possui nem sequer uma sala asseada para os passageiros. Num bar pode-se conseguir uma xícara de café, excelente bebida e consumida em quantidade. Às vezes pode-se obter um pouco de vinho ou cerveja fermentada.

A construção é de madeira. Numa sala da estação encontram-se objetos em desleixo. Um caixa vende os bilhetes de passagem, através de uma janelinha. O trem é aguardado por uma multidão acotovelada na plataforma. Partimos, singrando durante horas por entre fazendas maiores ou menores. De início a região é coberta por matas, raramente encontram-se pomares de laranjeiras, bananeiras ou de abacaxis. Nas encostas podem ser vistas clareiras de terra cultivada. São nesgas arrebatadas à selva virgem. Casebres de taipa ombreiam com enormes construções de material, vivendas dos proprietários das fazendas, que se perdem em jardins e mata...

Atravessamos algumas estações onde ainda pode ser visto algum trabalho da mão humana. A seguir penetramos por uma região inhóspita, onde impera a solidão, paragens desertas e matas. Do alto dos morros desfralda-se uma imensa baixada. A planície é atapetada por um capim alto, pontilhada por áreas pantanosas, por onde deslizam mansos córregos. Nos morros medra uma vegetação típica de solos arenosos, entrelaçada por arbustos e cipós, que formam uma espécie de paredão indevassável, aos olhos do espectador.

O trem penetrou numa faixa montanhosa. As estações de parada são freqüentes. O quadro pode ser descrito como um sucedâneo de canhadas, estreitos, morros e vegetação. Além da casa da estação, podem ser vistos alguns casebres e casas de negócios de portas sempre abertas e raramente uma igreja. Tudo isso no seio da mata virgem.

Essa espécie de aldeia causa uma impressão mais um menos agradável. Em geral nestas estações há bastante gente. Junto aos bares podem ser vistas tropas de muares; negros cobertos apenas com sacos, suspensos pelos ombros. Agitam-se no carregamento de mercadorias. Atingimos a serra e apenas dois vagões são tirados por uma locomotiva dotada de dentes e os trilhos cobertos com um pó fino. O pequeno trem sobe devagar, retorcendo-se por entre morros, ladeando precipícios. Dispense meia hora para subir 1.000 metros. Os topos dos morros são aureolados por nuvens e o frio é cortante. Os brasileiros cobrem-se com capas e tiritam de frio como se estivessem em febre. Estamos em Nova Friburgo, antiga colônia suíça, fundada em 1800. A cidade some em meio a jardins e serras. Existem muitas casas comerciais, hotéis e vilas. Tudo é organizado maravilhosamente. Trata-se de uma localidade-refúgio para as famílias abastadas do Rio de Janeiro que nos meses de canícula e febre amarela buscam esta cidade. Adiante é a região cafeeira. Para atingir a fazenda "Bom Valle" servimo-nos de cavalgaduras. Atravessamos picadas e finalmente andamos a pé.

Nas barrancas do Rio Paraíba, 6 de julho de 1891

Depois do dia 13 de maio — libertação dos escravos — os negros dispersaram-se como animais libertos das cadeias. As casas dos

escravos estão vazias e fechadas a cadeado. Ali eram enclausurados durante a noite. Os chicotes estão em desuso. Vimos algemas, testemunhas silenciosas a atestar a vergonha perante a humanidade. Os cafezais estão abandonados, o joio medra, as capoeiras abafam e os lucros dos fazendeiros minguam. Os antigos escravos pereciam de fome nas florestas. Uma pequena parcela que não conseguiu fugir para outras províncias, viu-se obrigada a trabalhar nas plantações para ganhar o sustento.

Forçados pelas circunstâncias, temem mesmo a sombra da antiga situação. Não querem trabalhar como diaristas, não querem morar nos antigos casebres. Desejam casa própria distante das fazendas, onde possuam sua propriedade e sintam-se livres.

Os fazendeiros viram-se forçados a construir-lhes casinhas. A maioria dos negros ganhou um lote de terra, junto das antigas plantações. Ali eles trabalham, mediante um pagamento convencionado por cada saco de café produzido. É uma espécie de parceria. Eles entregam o produto ao proprietário que o beneficia (é o caso da cana-de-açúcar) e vende ao mercado.

Em geral, não são pagos em moeda corrente. Os donos mantêm armazéns, onde os antigos escravos se abasteciam. Compravam desde pão, vestes até aguardente. Não se há de estranhar que nesta transação explorem sem compaixão os negros. Sempre andam endividados e consomem desmedidamente a cachaça, extraída dos alambiques da fazenda.

Olhemos de perto as casas dos negros. Localizam-se nas baixadas, entre arbustos e cipós. A pequena clareira, geralmente às margens de um riacho, indica a presença do rancho. A choupana consta de 4 pilares que sustentam o telhado. As paredes são de troncos em posição horizontal, cujas frestas estão entulhadas de barro. A cobertura é de telha, ou taquara, com capim entrelaçado. De modo geral são bem feitas, por causa dos freqüentes aguaceiros de verão. Não há forro e o interior consta de uma grande sala, repartida por paredes de barro, a fim de situar os diversos cubículos.

Entramos numa delas. Num dos cantos há uma espécie de chaminé. Fervem nas panelas feijão, milho, batatas, carne seca... Cada compartimento é dotado de estrados, composto de tábuas desnudas, onde os negros repousam. Não usam cobertas e no máximo colocam uma esteira. Outro compartimento foi transformado em depósito de milho. Os casebres de modo geral são limpos e os pátios varridos. Os negros podem ser vistos ao redor dos ranchos e suas roupas são leves e de cores berrantes.

Deparamos com um negro robusto, trajando camisa de mangas curtas, calças brancas listadas, chapéu de palha de abas enormes e os pés descalços. O colorido dos trajes femininos é ainda mais acentuado.

Numa choupana encontramos um doente. Toda família reuniu-se ao seu redor. Um médico-curandeiro procurava restaurar-lhes a saúde com capins — não deixa o coitado morrer em paz!

Numa outra vimos uma negra fumando cachimbo. Entre as choupanas existem picadas, para fins de comunicação. Nas encostas localizam-se as culturas dos cafezais.

Certa feita, acompanhados do proprietário, entramos num casebre. O velho caboclo estava dormindo. O patrão irritou-se porque ele não estava trabalhando. Desferiu-lhe algumas chibatadas pelas costas. O velho levantou-se. . . pensei que iria atirar-se contra o patrão. Não. Balbuciou algumas palavras e repetiu "patrão, patrão". Caiu de joelhos e pediu-lhe perdão.

A força causa imposição. Dificilmente desaparecerão os sinais da escravidão e humilhação seculares!

Aos domingos são distribuídos os víveres pelas fazendas. Eles constituem o suprimento para a semana. Aparecem os negros às dezenas. Cada um está munido da sacola e da "caderneta". Nesta oportunidade levam consigo a cachaça que não tardam em beber. Mal ultrapassam o portão e logo se deitam. Semelhantes cenas vi freqüentemente. Há ocasiões em que dezenas de negros e mulatos dormem atrás do pórtico de entrada. Começam com gritos, berros, algazarra, para afinal ceder ao sono. O visitante que desejar sair da fazenda vê-se obrigado a afastá-los do caminho, sendo forçado a carregá-los como se fossem cadáveres.

Os negros, apesar de batizados, não cumprem suas obrigações. Freqüentam pouco as igrejas, ao contrário das cidades, onde constituem a classe dos beatos. Não constituem matrimônios. Vivem ora com uma, ora com outra mulher. As mães se encarregam de criar as crianças. Sepultam os seus defuntos em qualquer lugar. Ao atravessar um riacho, vi terra revolvida e alguns paus a pique. O meu companheiro afiançou que havia se afogado um negro e foi sepultado no barranco do rio.

As doenças trazidas da Europa constituem terrível praga: as venéreas e o sarampo são as principais. Em tempos de escravidão o fazendeiro tinha o máximo cuidado em tratar o seu inventário vivo, prevenindo-o contra esse mal. Agora descuidam disso e em consequência parecem às centenas.

A preguiça constitui uma verdadeira praga, entre os negros. Apesar de serem excelentes trabalhadores rurais e em verdade os únicos para os cafezais não querem nada com a labuta pesada. Por isso não se deve estranhar a procura de mão-de-obra para os cafezais, nomeadamente depois que perderam os escravos. O trabalho é compensador. Em muitas fazendas existem moinhos para moer o milho, rolos para extrair suco de cana e fabricar açúcar (o suco é fervido em enormes tachos).

As destilarias, as máquinas de café, as serrarias e as olarias são construções primitivas. Não existem impostos, exceto sobre a produção de cachaça, que é pequeno e voluntário.* Como não se pagam impostos sobre os produtos, por isso os lucros auferidos são grandes.

* 18 mil-réis por um lote de seiscentas garrafas de aguardente.

Sobre o café exportado, paga-se 13% e a carroça custa em impostos 4 mil-réis. Não há outros impostos. O proprietário de uma fazenda cujo valor não seja superior 100.000 mil-réis pode manter sua família e auferir um lucro anual de 20.000 mil-réis, isto nas atuais condições. Essa constatação fiz através da contabilidade de uma delas.

Os agentes rondam as casas da imigração para aliciar trabalhadores. Milhares dos nossos procuram melhor sorte nas fazendas de café. Os fazendeiros transportam-nos, com recursos próprios, até o local do trabalho.

O imigrante chega à fazenda praticamente sem nada, além da camisa rasgada e suja, sapatos altos e calças grossas e gastas nos joelhos. Ao chegar à fazenda não pode fixar-se em casa própria como acontece com os negros. Desconhecendo o trabalho nos cafezais, não tem condições de se estabelecer por conta própria. O plantador com ares de triunfo abre os antigos casebres de escravos para nossa gente. Contrata-os para trabalho diarista. Fornece-lhes uma alimentação regular, composta da ração abaixo: Café preto pela manhã; primeira refeição pelas 10 horas à base de farinha de milho, feijão preto e carne seca. À tarde, pelas 15 horas repete a dose matutina. À noite recebem broa de milho e café preto. Antes de cada refeição servem cachaça.

Os seus ganhos são os seguintes: os homens 1/2 mil-réis e as mulheres 1/3 mil-réis diários. Quando não recebem a comida o salário vai para 1 mil-réis. Isto é razoável. O trabalhador ganha a comida e mais 20 mil-réis mensais. Segundo dezenas de depoimentos por mim anotados, posso concluir que o trabalhador ganha 1/2 franco diário. O trabalhador é freqüentemente explorado. Ouvi narrativas de que os proprietários não pagam um vintém sequer durante meses. Anotei depoimentos de fazendeiros, portanto fidedignos, que durante anos não pagaram, obrigando os imigrantes a trabalhar.

Não se estranhe que mesmo nas melhores fazendas, os nossos trabalhadores não estavam em condições de suportar o clima tropical. Nas fazendas de São Paulo, Minas e Rio de Janeiro a temperatura oscila entre 20° a 25°. Toda manhã o nosso aldeão calça botas altas (não aceitava sapatos mais leves), veste roupas grossas e nestas condições galga morros íngremes em cujo topo acha-se a terra roxa, oriunda da decomposição de granitos e onde cresce o café.

Certa feita resolvi fazer o percurso que realizam diariamente. Fi-lo em pleno meio-dia. Apesar de levemente trajado, suei em bicas para galgar os 250 metros, pisando gravetos de café, ramos secos, amontoados ao largo das filas de café, na encosta. Após essa curta caminhada, vi-me sem forças para prosseguir sob a canícula solar.

Sofrendo semelhantes intempéries, os nossos fugiam dos cafezais em direção dos portos. Ali era mais fácil buscar rincões mais amenos ou tentar retornar para a terra natal. A maior decepção do aldeão, que não vinha em busca de salários, mas de um pedaço de terra, era não obter esse lote e ali começar a trabalhar. Sem mencionar o desen-

canto nos cafezais, onde perdia as últimas esperanças, o aldeão encontrava tudo mudado, tudo diferente daquilo que viu em sua terra, onde nasceu e cresceu. É difícil imaginar o que se passou com o homem arrancado de seu meio ambiente e foi transplantado para condições adversas. A árvore transplantada perde as folhas e sofre. O organismo afeito a outro clima, a outro ambiente, não funcionava bem. Em toda parte registram-se queixas: “Lá na Polônia, dizem, via-se gente por toda parte. Ia-se ao mercado, à igreja, às festas do Padroeiro. Aqui não existe nem Deus, nem gente. Sentimo-nos engaiolados”. Tudo isto leva ao desencanto e ao desespero. Se levamos em conta a exploração, o trabalho a que são forçados, os castigos que sofrem, encontraremos as razões por que desejam livrar-se desse “inferno”. Grupos de esfomeados e maltrapilhos buscam as cidades. Não se deixam convencer para retornar às fazendas de café e mesmo para as próprias colônias. Nada deste mundo tira-lhes a idéia de retornar para sua terra natal.

Os lucros do fazendeiro

Os proprietários de terra auferem lucros consideravelmente menores do que no tempo da escravatura. A produção decaiu e a renda baixou, ainda que aumentasse o preço do café. A alta deve principalmente à queda do câmbio.

Passo a mencionar alguns dados extraídos da contabilidade da fazenda “Bom Valle”, situada no Rio de Janeiro. Na vigência da escravatura colhia 10.000 arrobas (a arroba equivale a 15 quilos). O preço da arroba oscilava entre 6 a 7 mil-réis no local da produção. Hoje não ultrapassa a 3.000 arrobas e a venda está em 10,5 mil-réis. O preço no varejo na cidade do Rio de Janeiro alcança até 16 mil-réis. Quanto a qualidade do produto é bem inferior do que antigamente.

As plantações, apesar de tudo, ainda hoje apresentam excelentes resultados. Eis os números extraídos do livro-caixa:

Lucros: 3.000 arrobas, computadas a 10,5 rendem 31.500 mil-réis.

Despesas: Empréstimo: 7.200 mil-réis

Empreita: 5.000 mil-réis

T o t a l 12.200 mil-réis

As cifras acima evidenciam que o fazendeiro no ano passado obteve um lucro líquido de 16.000 mil-réis. Isto, sem levar em conta os lucros apurados na venda de cachaça e açúcar, bem como não entra na computação contábil a despesa com a manutenção da casa. O valor da fazenda em apreço é de aproximadamente 150.000 mil-réis.

Acrescento aqui que, coisas sobrehumanas, milagres, terrores a respeito de cobras venenosas, cujas mordidas ceifam dezenas de pessoas, narrativas sobre ataques indígenas, animais selvagens a atacarem os que lavram a terra, não passam de invenções imaginárias de quem nunca conheceu o Brasil.

Embora tivesse conhecido milhares de imigrantes, não soube de

um caso sequer que alguém fosse atacado por animais selvagens. Não ouvi queixas de ninguém a respeito, salvo o caso de um lituano de imaginação fértil. Este afirma que se defrontou com um tigre que lhe barrou os passos, mas não o atacou.

O bicho de pé é um dos mais horríveis. Deposita ovos nas carnes, de preferência, junto das unhas. Formam-se ninhos do tamanho de grão de ervilha. Se não forem extraídos, a carne começa a putrefazer. Eu próprio fui alvo, algumas vezes, de semelhante "prazer". Faz-se necessário examinar diariamente os pés para extrair os ninhos. Os patrícios temiam os "bichinhos", dizendo que eram "comidos vivos". Com o tempo aprenderam a defender-se dessa praga.

CAPITULO V

As novas Colônias das Barrancas do Iguaçu

Em agosto de 1891 atravessamos toda a faixa entre as divisas do Espírito Santo e São Paulo. Retornei ao Rio de Janeiro para aguardar os futuros companheiros: Sr. Lazniewski e Dr. Siemieradzki. Chegados, decidimos visitar as colônias que até o presente não foram visitadas por ninguém e não havia melhores dados a respeito das mesmas.

O Sr. Dygasinski viu somente uma delas, nos primeiros instantes de sua fundação e quando os colonos ainda não receberam seus lotes ou as chamadas chácaras. O Pe. Chelmicki, com excessão da "Nova Polônia" nas proximidades de Curitiba, não visitou as que estavam em organização. Os seus depoimentos baseiam-se em dados dos elementos que abandonaram as colônias e com poucas condições para atestar. Tudo o que ele escreveu em seu "W Brazylji" (Anotações de viagem. Pe. Chelmicki. Tomo II. Varsóvia — 1892, Capítulo VII), muitas vezes não retrata o verdadeiro quadro da vida colonial, uma vez que suas observações não foram tiradas diretamente da fonte.

Os escritores estrangeiros, como Karl Kaeger, em sua obra "Brasilianische Wirtschaftsbilder", Berlim 1889, ao descrever a colonização do Paraná e Santa Catarina praticamente não traz referências dos poloneses.

Alfred Marc, em sua obra de dois volumes: "Le Brésil, excursion a travers ses 20 provinces", Paris 1889, não traz a mínima idéia e nem sequer uma palavra sobre a colonização polonesa.

Graças às recomendações que o Dr. Siemeradzki trouxe de Paris para o Ministério (sic) de Terras e Colonização, com sede no Rio de Janeiro, obtivemos autorização para visitar todas as colônias. Respaldados pela recomendação, foi-nos possível verificar os escritórios, os livros de contabilidade e documentos dos chefes, bem como as colônias.

Em meados de agosto, partimos para a Província do Paraná, onde se localizam as velhas colônias e durante a última imigração estabeleceram-se em suas terras mais de 10.000 almas.

Viajamos pelas províncias durante um mês e meio. Visitamos Curitiba e as velhas colônias dos seus arredores, bem como as grandes concentrações das barrancas do Iguaçu.

O Dr. Siemieradzki partiu diretamente de Curitiba para Buenos Aires. Acompanhados do Sr. Laznewski cortamos as estepes, adentramos à mata virgem através de picadas e atingimos Santa Catarina. Ao longo

do caminho, visitamos Rio Negro (Paraná), as velhas colônias das regiões de Rio Vermelho e São Bento e em parte as de Brusque e Blumenau. Aproveitamos para observar núcleos de outras colonizações, especialmente os alemães. Através de Desterro, Capital de Santa Catarina, partimos para o Rio Grande do Sul. Prosseguimos até Montevidéu e no dia 30 de outubro estávamos em Buenos Aires, Capital da Argentina.

Pretendo retratar a colonização do Paraná, descrevendo detalhadamente as condições, cujos dados serão extraídos do meu Diário de Viagem.

—[]—

Para compreender exaustivamente a situação do imigrante-colono, é indispensável verificar as condições em que se processou e ainda se realiza a imigração para este país. É impreterível examinar o móvel vital, essa alavanca inapelável que arrasta o Brasil para a aventura da política imigratória.

O motor, como se sabe é a necessidade real e forçada de arremeter mão-de-obra, para os trabalhos nos cafezais, em substituição ao escravo. Este, liberto da escravidão secular, labuta nas fazendas, mas com má vontade. Prefere vaguear pelas matas, cair vítima de doenças, ou ganhar o seu pão de cada dia nas cidades. Não pode ver nem de longe os casebres de escravos. Causam-lhe repulsa e nojo. Não suporta, nem sequer o ambiente, onde viveu anos de servidão e vergonha. O número de negros diminui cada dia. Hoje, são estipulados em torno de 750.000.

A imigração representa vida ou morte. Vi com os meus olhos enormes cafezais secos. Outrora eram campos floridos e hoje desertos. Se o ritmo continuar decrescente, a população negra será ainda menor dentro de alguns anos e as culturas de café cairão no abandono. O campo no Brasil tem que ser cultivado pelo braço europeu ou pelo chinês, para que a economia não fique seriamente ameaçada, uma vez que o país obtém os lucros e o bem-estar da produção de café.

O Brasil precisa para as províncias do norte de trabalhadores e não de colonos. Nisto reside o cerne da questão. Esta é a causa da preferência do colono, de forma consciente ou não.

Já demonstrei no 1º capítulo de que o Brasil não está em condições financeiras para fazer frente às despesas e cumprir as obrigações assumidas para com os imigrantes. Tomando por base o ano de 1891, todos os imigrantes desejavam fixar-se em suas terras. Não se pode ter ilusão de que o governo do Brasil destinará todos os recursos para fins humanitários. Não há razão para que ele se preocupe mais com o colono do que com o cidadão nativo. O colono não oferece grande proveito. Só pode servir-se dele temporariamente e explorá-lo como mão-de-obra trabalhadora.

É compreensível porque o colono polonês — este mais do que os outros não se presta para trabalhar nos cafezais — encontra-se em situação difícil. Não o trouxeram para ser colono. Todos os imigrantes

desejavam ir para suas chácaras. Aqueles milhares que demandaram os cafezais, foram-no, em virtude de força ou por traição. O proveito foi minúsculo. Dos imigrantes, dois terços vieram para os cafezais, no entanto, somente um terço foi para as fazendas.

No ano de 1890, cerca de 30.000 imigrantes estabeleceram-se nos três Estados sulinos (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Fixaram-se nos planaltos, onde a altitude varia entre 500 a 1.000 metros acima do nível do mar.

Paranaguá — 18 de agosto

Aportamos em 16 de agosto. É o porto do Paraná, constituído por uma pequena cidade localizada numa baixada. É ligado com Curitiba por meio de via férrea, atravessando as serras do Mar.

Pode-se encontrar poloneses pelas ruas. Principalmente na Casa da Imigração são quase exclusivos e seu número aproxima-se dos 300.

Chegamos à noite à Casa que se localiza fora da cidade. Todas as salas são ocupadas por imigrantes poloneses. Um grupo de meninos brinca sobre a relva, imitando coelhos, ou pulando cordas. Adiante estão as meninas. Os velhos, por seu turno em punhados palestram.

Passeamos entre as camas improvisadas. Cumprimentam-nos, pois somos conhecidos da viagem, ou da Ilha das Flores ou da Estação de Pinheiro. Percorremos a casa conversando calmamente. Adentra o recinto um tradutor — polonês já estabelecido há mais tempo — acompanhando um fazendeiro que desejava trabalhadores a qualquer preço. O tradutor polonês serve de intermediário e não passa de um vigarista refinado.

Tratam de convencer a todo custo, mediante uma conversa cansativa para que permaneçam no litoral, em fazendas distantes poucos quilômetros. Prometem bons salários, chegando a oferecer colônias se este for o desejo dos imigrantes.

Os aldeões contam-me que ontem chegaram carroças, querendo levá-los à força. Asseguravam que era para ver a localidade. Resistiram à oferta e a partida não se concretizou.

O aliciador retornou servicial, argumentando que em Curitiba reina miséria, enquanto os ganhos aqui são excelentes e assim por diante...

Tenha-se em mente de que Paranaguá é cidade litorânea, no sopé da serra, banhada por uma baía. Embora a cidade seja magnífica, o seu clima é demasiadamente quente para nossa gente. É mais insalubre que Curitiba, situada a 1.000 metros acima do nível do mar.

Os imigrantes perguntam-me o que devem fazer. A resposta é que Curitiba é melhor, porque lá existem muitos poloneses, sem, porém, iludí-los quanto aos primeiros momentos que não serão fáceis. De qualquer forma é melhor buscar as paragens de Curitiba.

Todos me dão crédito. Querem colônias próprias e só em última instância aceitam a solução de trabalhar nas fazendas de café. A minha conversa não agradou ao aliciador. Tinha conhecimentos dos meus conselhos em Pinheiro, quando pedi que se mantivessem unidos e partissem para o Paraná. Irritou-se porque seu trabalho esvaía-se infrutífero. Agia sorratamente. Juntamente com o fazendeiro pediu-me que fosse falar com o chefe da colonização. Ali ouvi queixas e ameaças. Fui acusado de provocar revolta entre os imigrantes e afirmações de que sempre aparece alguém para perturbar seus planos e outras.

Fomos em três: o fazendeiro, o agente e eu. Pedimos escusas por termos entrado na Casa sem a sua permissão. Ao tomar conhecimento das credenciais do Rio de Janeiro, mostrou-se gentil sobremaneira. Convidou-nos a fazermos um passeio em sua companhia pelas colônias, onde pretendia locar os imigrantes. Sua intenção era fixá-los em suas próprias terras e naturalmente explorá-los. Uma chuva copiosa desabou durante a noite e impediu a concretização da visita. No terceiro dia veio com desculpas. Certamente havia recebido instruções em contrário de Curitiba. Prometeu acompanhar-nos quando retornássemos da Capital.

Ciceroneou-nos pela cidade. Mostrou o mercado, os prédios principais, as ruínas da igreja dos Jesuítas — uma das mais velhas do Brasil e famosa pelas inquisições que ali tiveram lugar, segundo narrativas correntes. Mostrou o teatro e apresentou à redação de “O Século”. Na gráfica encontramos os mais importantes jornais do Brasil.

Chegamos à Casa da Imigração no instante em que os aldeões embarcavam no trem, com destino a Curitiba. Defrontamo-nos com um deles que, juntamente com a mulher e filhos, estava sendo conduzido pela polícia. O homem gemia horrivelmente. Interrogamos e obtivemos a resposta de que a criança teve seu pé esmagado por uma carroça. Para evitar que a acidentada viesse a falecer pelo caminho, o chefe determinou que ficasse no hospital. O homem gritava de medo. Temia ficar só, em meio a gente estranha.

Fomos à estação ferroviária. Os vagões estavam superlotados de imigrantes. Empobrecidos, acuados por todos os lados, desde a saída do país, até agora, eles aparentam uma atitude estranha, em relação a tudo e a todos. É perfeitamente justificável. Mesmo nos vagões, perguntam: “Esse trem vai para Curitiba? Não estamos sendo levados para outro destino?” Amainados os seus temores com a promessa de visitá-los em suas próprias casas, despedimo-nos.

Tomamos outro comboio. Acompanhou-nos o chefe da colonização, José Gonzalez Guimarães. O trem percorre baixadas do litoral, antes de penetrar em terreno montanhoso. Do alto desfralda-se uma magnífica baía de um lado e morros alcantilados do outro. Panoramas desses são poucos no Brasil e no mundo.

Vencida a serra, muda totalmente a paragem. O ar é mais ameno (aqui é inverno). A vegetação é menos exuberante, as matas com vegetação de folhas cuneiformes. Surgem os pinheiros (*Araucaria Brasiliensis*) e desaparecem as matas emaranhadas de cipós. As terras são pontilha-

das de outeiros, campos que ficam cinzentos na estação de inverno, onde vagueiam tropas de gado. Ao lado da estação existem algumas casas, semelhante a uma aldeia européia. À noite desembarcamos em Curitiba — uma cidade de 15 mil habitantes.

Curitiba, fins de agosto

BARRACOS PROVINCIAIS NO ESTADO DO PARANÁ

Antigamente, as hospedarias dos imigrantes encontravam-se a duas milhas da cidade, à margens do Iguaçu e próximas a colônia de Tomás Coelho. Uma violenta enchente, no mês de julho de 1891 destruiu-as. Os imigrantes quase pereceram afogados. Transportaram-nos para Curitiba e alojaram em três casas. Numa delas havia 500 imigrantes. Ali imperavam o aperto, a sujeira e a desordem. Sobreviveram graças a posição elevada da construção e bem ventilada. Em caso contrário teriam morrido nestas barracas imundas.

Acomodaram-se no chão e as mulheres com lágrimas mostram os catres, onde devem repousar em meio a imundície e bichos. Alguns permanecem de três a seis meses nestas casas, antes de partirem para as colônias que nesta época estão sendo demarcadas. Quase não se vêem crianças. Os mais velhos são descorados e esfaimados. Não se trata de falta de comida. Desta ninguém se queixa, mas é devido a sujeira do ambiente. Todos estavam preocupados com o dia de amanhã, com essa inanição forçada e com a incerteza sobre a sua sorte. . . Cada um deles diz coisas diferentes. . . Um colono, refugiado das colônias, narra barbaridades sobre a vida na mata, sobre a miséria lá reinante. Um outro, mais idoso, dono de uma chácara, nas proximidades da Capital, onde amanha a terra, estimula os imigrantes ao trabalho, assegurando que aqui é o país ideal para o aldeão. Ouço dos mais antigos as opiniões mais contraditórias. As indicações a esmo, não trazem nenhum proveito, mas servem para gerar confusão na mente do camponês.

De tempos a tempos, levam para as colônias na floresta levadas de imigrantes. Estas terras localizam-se numa distância de 100 a 200 quilômetros da Capital.

Na outra hospedaria o acotovelamento é idêntico. A doença é geral. Dormem em beliches, como sardinhas em lata. Entramos de noite e um quadro simplesmente horripilante desenhou-se à luz tênue do lampião. À entrada repousa um rapaz. A família congregou roupas e pertences, deitando-o sobre os mesmos. Queixam-se. Estão cansados com essa espera sem fim, com a visão desse quadro de doença e mortes intermitentes.

Passamos rente às camas. Uma esposa jovem, mulher de um carpinteiro está alegre e loquaz. Sentada num canto, confecciona grinalda nupcial para um companheiro. Comenta que brevemente estará em sua propriedade e espera bom salário como costureira.

O contraste é notório e delineia bem o quadro tristonho dessa gente. Adiante localiza-se a sala para doentes. Há duas filas de camas.

Acham-se ali mais de trinta doentes. Uma mãe juntou os seus filhos. Um homem deitado no catre, sobre quem se debruça a esposa em luto. Em todos os pontos lágrimas, palavras entrecortadas pelo soluço, choro e desespero.

A terceira hospedaria apresenta uma situação ainda mais negra. Sua construção é inacabada. Alojaram ali 940 imigrantes. Dormem numa sala com três filas de beliches. Parece um navio. O ar é irrespirável. Os doentes estão em total promiscuidade com os sãos. A mãe dá à luz ao lado de um moribundo. Isso não é invenção, é fato real! Diariamente partem 4 a 5 enterros! As caravanas fúnebres atravessam a cidade, chorando e cantando. A culpa dessa calamidade é da má administração que é provinciana e incompetente. Atraem milhares de pessoas para Curitiba, mas não se preocupam em abrigá-las decentemente, enquanto aguardam os lotes nas colônias. A perda que o país tem com isso, julgo de menor gravidade, do que aquele prejuízo que padece o imigrante importado. Quando consegue sobreviver pela estrada, aqui desanima para o trabalho, perde o último vintém e contempla a morte lenta dos seus entes queridos.

Deve-se fazer justiça à imprensa. Verbera em artigos violentos, condenando a política inepta. O órgão, "A República" do dia 26 de agosto diz:

"A colonização no Paraná processava-se de forma inepta e desodernada. Os pobres imigrantes, confinados nos barracos, sem recursos médicos, sem as mínimas condições de higiene, mal alimentados, morrem de 8 a 10 por dia. Muitos salvam-se dessa morte pela fome, graças às esmolas em vias públicas. Alguns grupos de agrimensores foram enviados ao interior, mas não fazem nada. Apenas alguns imigrantes se estabeleceram em seus lotes. Para que existe uma Delegacia de Terras e uma corte de funcionários, para que se gasta tanto dinheiro?"

No final do artigo acrescenta: "O Governo Central (a quem é afeta a colonização) desmoralizou e destruiu a obra colonizadora no Paraná".

O conservador "Diário do Comércio" simplesmente chama de "Canalhocracia de fraque, lenços brancos e luvas", o atual governo. Essas manifestações parece que não surtiram nenhum efeito.

Palmeiras, 29 de agosto

No dia 27 de agosto partimos de carroção, apropriado para as estepes e tirado por seis cavalos. O nosso objetivo eram as colônias novas às margens do Iguaçu. Acham-se a uma distância de 15 a 25 léguas (a légua possui 6,6 km). Espalharam-se ao longo do rio, a começar em Palmeira e atingindo a foz do Rio Negro. Sua extensão é 10 a 15 léguas.

As colônias situam-se longe, por causa das estepes que cobrem as áreas mais próximas e as terras excelentes para cultivo encontram-se em mãos de particulares. O governo coloniza as terras de mata, próprias para a agricultura e sem dono. Essas terras são chamadas de "nacionais". Esta é a razão de sua localização distante de Curitiba.

O caminho toma a direção oeste, passando por Campo Largo, São Luís, até o ancoradouro nas margens do rio. A situação das colônias é a seguinte: O setor colonizador tem suas sedes em Palmeira, Rio dos Patos e São Mateus.

Inicialmente as colônias são esparsas, em meio a matas e geralmente povoadas por italianos que se dedicam ao cultivo dos parreirais, principalmente.

Depois vêm as colônias polonesas que chegam aos umbrais de Campo Largo. Ao longo do caminho, em plena mata, existem "vendas", negócios e o resto são fazendas de brasileiros. Estas constituem-se em últimos redutos, pois com a pressão da colonização, vão-se retirando para o interior e avançam passo a passo para dentro do sertão.

Em São Luís, surge uma mudança radical. É um outro mundo. Desaparecem as matas de pinheiros. Começa o planalto, uma vasta estepes, sem limites, com capões nas canhadas. Deixamos para trás uma vasta planície que vai até as Serras do Mar.

São Luís situa-se entre 1.100 a 1.200 metros. É o início dos campos cobertos por capim seco, por estarmos na estação das queimadas (durante a noite a temperatura oscila entre 7 a 8 graus e ao meio dia atinge 30º) da grama ressequida pelo calor.

Durante o dia vêm-se nuvens de fumaça e à noite colunas de fogo erguem-se em cordões das estepes. As labaredas varrem as canhadas e os outeiros atingindo a borda das matas e terminam nas barrancas dos rios, devorando tudo. Deixam um lençol negro de cinzas.

As paragens são despovoadas. Ao longo da estrada existem casas, em cujo derredor medram ameixas, laranjas e pêssegos. Ali residem os proprietários dos parques rebanhos de gado, cavalos que pastam livremente nos campos. A terra é inadequada para o cultivo, pelo menos por ora. Talvez, ultrapassada a fase do pastoreio, com a adubação e a terra pisada pelo casco dos animais, possa passar a produzir num regime de cultura intensiva.

As "vendas" são abundantes. Servem de estação de pouso às caravanas de carroças de alemães que transportam erva-mate para Curitiba e abastecem o interior com mercadorias.

Chegamos, após dois dias de viagem, a Palmeira. É uma cidadezinha de 500 moradores pacatos. Possui três negócios, uma farmácia, os officios municipais, a igreja e o escritório do setor colonizador.

Não se vê ninguém pelas ruas. A praça é ampla e circundada por casas de material. Tem características de cidade morta e as palmeiras que viçam emprestam-lhe aspecto de cemitério. Os carroções, tirados por 6 a 8 parelhas de bois, quebram a monotonia sepulcral com seu passo cadenciado e com o tinir dos guizos de latão, pendentes dos pescoços dos animais.

Em Palmeira, dirigimo-nos imediatamente ao sub-chefe da colo-

nização. Era um tal de Grilho, um italiano com jurisdição sobre três colônias: Comendador Araújo, Santa Bárbara e Cantagalo.

Ciente de nossa visita, recebeu-nos cordialmente. Elogiou os colonos poloneses. Afirmou serem os mais pacíficos e trabalhadores, bem como os mais asseados (mantêm as casas limpas). Isto naturalmente se compararmos com os outros. Afirmou que esta convicção formou através da experiência. São os únicos bons obreiros que vêm da Europa para estas matas virgens, concluiu.

Pela sua longa convivência com os seus patrícios, os italianos, chegou à conclusão de que são exigentes e arruaceiros. Constatamos posteriormente que a sua opinião exarada não era pura cortesia, mas reflete perfeitamente a realidade.

Santa Bárbara, 1º de setembro

Acompanhados do Sr. Grilho partimos para visitar as colônias. São as primeiras colônias oficiais que visitaremos. Foram fundadas recentemente.

Situam-se numa baixada, em meio à densa vegetação e distam 1,30 hs. de viagem. Estão sob a administração do Sr. Grilho. A parcela das colônias denomina-se "Comendador Araújo". Compõe-se de seis colônias. A primeira chácara (a palavra é de origem espanhola. "Chacra" corresponde a 47 ha. No Brasil é um lote de terra, sem dimensões definidas) pertence ao imigrante Wojniak, de Varsóvia. Mora num casebre, no topo de um morro, construído de madeira e coberto com tabuinhas lascadas. Ao lado da residência acham-se um eito de centeio, um lote de batatas, uns canteiros de repolho e o restante de terras são matas virgens, formando um paredão de madeira em pé e tapete verde.

Cozinham no pátio feijão e carne. Na sala depositaram instrumentos agrícolas e utensílios domésticos. Duas mulheres vieram com queixas de falta de alimentos. Diariamente é o mesmo prato: "o feijão". Vendo que não as acompanhamos no choro, tornaram-se loquazes, alegres e chegaram a dizer que depois da colheita a "coisa vai melhorar".

Prosseguimos. Atravessamos a colônia "Quitéria", habitada por alemães-russos, proprietários de carroções. A organização da mesma assemelha-se às polonesas: casas em linha, separadas por cercas, rodeadas de jardins e pomares e mais ao longe roças de centeio, que estão verdes e outras plantações.

Num alti-plano encontra-se a colônia Santa Cecília, fundada por um partidário da propriedade coletiva, Sr. Giovanni Rossi. Um homem inteligente com ideais de organizar na América uma colônia segundo suas idéias. A localização em meio a campos não foi do agrado dos colonos que se dissiparam, por causa dos fracos resultados de seu trabalho. Restaram apenas seis famílias. Trabalham coletivamente. O próprio Rossi toma parte na labuta física. A experiência é curiosa. Rossi tem 30 anos. É um nobre. Os poloneses das redondezas suspeitam que ele nutre "planos de alguma especulação".

Seguimos mais alguns quilômetros por estrada recém-construída. O trabalho foi executado por mãos de nossos colonos. Chegamos a Santa Bárbara.

Devo confessar que senti-me mal humorado ao adentrar a colônia. Tive a pior impressão sobre o que aqui se havia passado. Esse estado era uma decorrência do que vi anteriormente: casebre na mata, decadência moral e espiritual, tanto nas cidades, quanto no mato e em especial entre aqueles que ainda não conseguiram fixar-se em seus lotes.

Chegamos a casas de bambu, provisórias, verdadeiras cabanas, onde se alojam os imigrantes, aguardando a construção das casinhas de madeira. Diante de nós estende-se uma linha reta, é a estrada no seio da floresta. É larga e de ambos os seus lados aninham-se os casebres de bambu. Em frente de cada uma vêem-se potes de comida, junto a fogueiras. Crianças maltrapilhas escondem-se por detrás das árvores e choupanas, olhando curiosas a nossa chegada.

Visitamos casebre por casebre, ou mais precisamente pouso por pouso. Uma multidão de gente nos segue. Estão satisfeitos com a nossa chegada. Como não possuem tradutor, a única maneira de se entender com o chefe da colonização é através de sinais. O responsável pelo setor aprendeu algumas palavras polonesas. Pedem-me que lhe transmita o desejo de chácaras. Pedem o fornecimento de serras, outros querem saber a respeito de seus direitos pelo trabalho realizado na construção de estradas. Etc.

A colônia está em plena selva. As terras são excelentes. Existem apenas pequenas clareiras de campos e o valor das mesmas é pequeno. As matas de pinheiros são cerradas. Os bambuzais forram esse tecido da mata virgem. Ao longo do caminho apodrecem enormes troncos de pinheiros, requeimados. Com freqüência defrontamo-nos com casebres de folhagens ou de madeira lascada.

Numa dessas choupanas deparamo-nos com uma família em plena atividade: o marido, suando em bicas racha a lenha. A mulher e as crianças munidas de enxadas preparam o solo para plantio de batatinha e repolho. Trata-se da família Ciesielski de Kutno. O chefe é um homem calmo. A mulher em compensação é loquaz e aproveita o ensejo para derramar suas queixas ao responsável pelo setor. Fala, gesticula, faz mímica. Vendo que malhava em ferro frio tenta falar em português.

— “Ciesielski, ciezko trabaia” (Ciesielski travaíha pesado). Vendo que de nada valeu seu esforço, termina falando em polonês. Ele quer ganhar sua chácara, pelo trabalho.

Adiante passamos pela propriedade de Braun, da Galícia. Seguimos ao longo das residências de Ilcickowski, de Kutno; Górski, de Varsóvia e de Kalinowski. A mulher deste último chama-me à parte a fim de perguntar sobre a intervenção da “Anglicka” (Inglaterra) e do Papa. Assim lhe haviam falado em Varsóvia. Pelo caminho encontramos o casebre do guardião José Kotory que residiu em Varsóvia à Rua Marszałkowska nº 136-7. Trabalha atualmente como um cavalo em seu lote de

terra, cuja qualidade é excelente. As terras estão semeadas com centeio. Está feliz, somente está preocupado com a sorte de sua mulher.

No seio da floresta um grupo de homens trabalha na abertura da estrada, cavando valetas laterais. O barraco localizado em meio a colônia, é a moradia temporária dos recém-vindos. Aguardam a medição dos lotes e esperam por suas chácaras.

A terra do Sr. Lodzianowski situa-se atrás desse barraco. É um moinheiro e nutre intenções de construir um, junto ao riacho que banha sua propriedade, pois trouxe consigo todo o material necessário.

Segundo as leis vigentes, o coono recebe auxílio governamental até a primeira colheita. Trabalha 15 dias na construção de estradas e o resto do mês em sua chácara. Pelos trabalhos na construção de vias (diga-se de passagem, que faz para si) percebe, se casado, 1.500 mil-réis diários. Além disso, recebe 600 mil-réis diários, correspondentes aos restantes 15 dias.

Um rapaz, entre 12/18 anos ganha 700 mil-réis pelos trabalhos na construção das estradas e os acima deste limite de idade têm o salário de 1.400 mil-réis. Estes últimos, quando atarefados na chácara paterna, ganham 500 mil-réis diários, no decurso dos 15 dias restantes. Cada família percebe, além disso a importância de 200 réis, relativa a cada criança, cujo limite é três. Quando a família possui filhos acima dos 18 anos, com ganho de 1.400 mil-réis, vê-se privado da quantia correspondente aos menores de idade, nos dias que se relacionam com a construção de estradas.

O auxílio é pago da seguinte maneira: Cada um recebe uma caderneta. Com esta vai à "venda" para se abastecer de alimentos. A companhia garante a prioridade de pagamento quando saem os salários.

Na colônia Santa Bárbara uma família média dispense em mantimentos entre 26 a 38 mil-réis mensais. Se for maior, a soma atinge até 48 mil-réis. Disto deduz-se: sempre fica endividado com os comerciantes. A venda mais próxima localiza-se em Palmeira, distante de 3 a 4 milhas. Perde-se muito tempo, só em abastecer-se de víveres. Os negociantes não são fiscalizados por ninguém. Detêm o monopólio no fornecimento de alimentos. Exploram sem piedade, fazem chantagem, acrescentam despesas fictícias.

Eis os preços dos principais produtos:

1 kg. de farinha de trigo	400 réis*
1 kg. de toucinho	800 réis
1 kg. de açúcar	800 réis
1 kg. de café	2.000 réis
1 kg. de sabão	400 réis
1 litro de sal	160 réis
1 litro de feijão	120/150 réis
1 litro de arroz	400 réis
1 garrafa de cachaça	500 réis

* No momento da visita o mil-réis correspondia a 1/2 franco.

Com tais preços dos víveres, o colono praticamente não vê um réis em seu bolso e geralmente está endividado. Ele recebe 20 ha. (36 morgas) de terra excelente. Recebe, para semear, entre 10 a 30 quartas de centeio, quantia suficiente para o tipo de sementeira aqui adotado. Obtém ainda outras sementes em pequena quantidade.

Para exemplificar transcrevo uma anotação da caderneta de um colono:

“Graczyk, o polaco (cita o tamanho da família), veio para a colônia no dia 28 de abril e recebeu o lote nº 7.

Dívidas:

Balde	2.000 réis
Enxada	1.200 réis
Machado	3.800 réis
Pá Cortadeira	1.200 réis
Foice	2.800 réis
6 kgs. de pregos	3.200 réis
Chaleira	1.200 réis

Segundo os dados dos livros, os colonos (mais precisamente os comerciantes) recebiam:

Abril	3.462 mil e 700 réis
Maior	7.561 mil e 700 réis

O número de colonos atinge a 770, distribuídos pelas colônias:

	Poloneses	Italianos	Espanhóis	Brasileiros
Santa Bárbara	78	33	(12)	-X-
(em projeto 24)				
Araújo	2	—	—	4
Cantagalo	19	—	—	6
	—	—	—	—
Total	99 (24)	33	(12)	10

A pobreza reina em toda a parte e chega aos limites da miséria. Não se nota abatimento, nem temor quanto ao futuro. O aldeão, chegando ao almejado lote de terra fértil, renasce moralmente. Perguntei, certa feita, a um colono como julga a terra. Rindo responde: “Pergunta boba. Pode ser ruim a terra de mato?” Depois que plantou um canteiro de batata, semeou um eito de centeio, suportará qualquer miséria e toda a sorte de necessidades, porque sentiu a terra firme debaixo dos pés.

Todos os temores dissiparam-se como por um toque de mágica. O medo diante do dia de amanhã, não existe. Não se assusta com o trabalho, afirmando: “a gente está acostumado”. Enganam-se aqueles que julgam que o homem vai abandonar a colônia. Só a deixará se estiver morrendo de fome. Ele é capaz de fazer greve, como aconteceu em Porto Alegre, em 1891, mas isto é o último recurso e quando não vê nenhuma outra saída.

São Mateus do Sul, 9 de setembro

Deixo de descrever a viagem de barco que durou três dias. O navio estava totalmente despreparado para transporte de passageiros. Passamos duas noites ao relento, junto a fogueiras, improvisadas nas barrancas do Iguaçu. Não víamos o momento de concluir a viagem.

O rio é navegável. As barrancas são escarpadas. As casas dos caboclos são frequentes.* Diante de cada casebre, acha-se ancorada uma canoa para transporte de mercadorias. Amarram, uma a outra e assim vagarosamente vencem a correnteza. As margens são cercadas por campos, canhadas, banhados e vegetação rasteira. Ao entardecer os animais selvagens abandonam seus esconderijos e dirigem-se ao rio, contemplando curiosos, mas sem medo, a passagem da barca.

Vencida a curva do rio, surgiu diante de nós São Mateus, depois de três dias de viagem. Situa-se numa colina. É uma colônia oficial. Algumas casinhas, outras em construção e um enorme barraco de madeira, eis a paisagem. Adiante, uma enorme quantidade de choupanas, cobertas por ramagens. Ali residem os imigrantes, aguardando a demarcação de seus lotes pelos agrimensores.

O apito atrai a todos para o ancoradouro, pois sabem que novas levas de imigrantes estão chegando. Procuram parentes entre os novos moradores. A cidade futura situar-se-á num alto, às margens do rio. O traçado das ruas, o local para a igreja, os lotes residenciais, estão traçados. Já foi iniciada a construção da igreja. Nas proximidades da cidade espalha-se uma ampla planície, revestida de capim que medra em terra lodosa e ao longe divisam-se outeiros, tecidos de matas, onde despontam altaneiras araucárias.

Rasgaram-se caminhos, no seio da floresta, onde antes só havia picadas, através das quais os caboclos retiravam a erva-mate. As estradas tem o seu ponto de partida de São Mateus, seguindo por serras, morros e baixadas. De ambos os lados dos caminhos, aninham-se as casinhas dos colonos. Em derredor da residência foi aberta uma clareira desbravado o mato e preparada a terra para receber a semente. Os gigantes tombados permanecem, pois não é fácil queimá-los; o centeio viceja por entre toras de madeiras de lei, chamuscadas pelo fogo. Ali buscam o solo a batatinha, o repolho e outros, como na melhor das hortas. Toda a travessia do viajante é envolta em fumaça, pois ardem pilhas de lenha seca. O trabalho fértilha em toda a parte, do nascer ao por do sol. É tempo de semear, uma vez que aqui é primavera. Quem não plantar milho, centeio, batata, feijão, terá que ficar na dependência da "cadernetinha" durante o resto do ano. Aqui se instalaram 1.500 poloneses. Os imigrantes procuram São Mateus, porque o chefe do setor é um patriótico. O Sr. Saporski reside aqui e dirige toda a região do Iguaçu. O diálogo é facilitado e o mesmo dispensa uma dedicação sem limites.

De forma idêntica aos imigrantes de Santa Bárbara, receberam

* O caboclo é o morador das matas. Dedicar-se à extração e secagem de erva mate e faz o seu transporte para os mochos.

ferramentas, 10 a 20 litros de centeio, 10 a 12 de batata, beterraba, repolho, alface e outros.

Visitamos todas as chácaras e vimos que os colonos trabalham com afinco. Os piores elementos são os que permanecem nos barracos e os "vendeiros". Estes manipulam os negócios de tal forma que nem um centil caia nas mãos dos colonos. Querem receber os salários diretamente do caixa, pelos minguidos alimentos que fornecem aos sitiantes.

A desordem administrativa impera. O imigrante tem que esperar meio ano para conseguir estabelecer-se em sua propriedade. Não há controle nenhum sobre os comerciantes. Tudo isso torna quase insupportável o primeiro ano do colono e o faz com sacrifícios quase sobrehumanos. Não fossem estas contrariedades, o colono no Paraná que recebe 20 ha., ferramentas e sementes, bem como a casinha, não seria prejudicado em demasia.

Todavia, os poucos recursos que o país destina para a colonização e os esforços de homens humanitários são paralisados por falta de um sistema, de uma diretriz administrativa. A isto acrescenta-se ainda a ambição particular, a incapacidade, a preguiça e até abusos de funcionários. "Prefiro ser ladrão do que burro" (sic), diz um funcionário de média categoria.

No Brasil o colono fica na dependência das boas ou más graças do chefe. A presença de Saporski na chefia das colônias de Iguazu, homem inteligente e honesto traz esperanças de mudança na situação e, em breve, desaparecerão as falhas e faltas.

Afinal, tanto aqui, como em qualquer parte ressentem-se a falta de "inteligência" capaz de assumir a responsabilidade da colonização. Não há padres, nem médicos, nem farmacêuticos. Talvez virão com o tempo.

Vivemos alguns dias nas colônias. Conhecemos a maior parte dos colonos e os imigrantes nas barracas. Trabalham com ardor. Conheci um tal Kicki, procedente de Varsóvia, que nunca soube o que era amar a terra. Aqui labuta como um cavalo. No início houve revolta, porque esperavam milagres, Deus sabe o que e no entanto viram-se forçados a trabalhar pesado.

Tenha-se em mente que a farinha e o milho para alimento de todos, são trazidos pelos caboclos. Estes, em geral, não semeiam, embora necessitem de muito milho para a criação caseira e de cereais e do feijão para seu próprio sustento.

Certamente novas levas de imigrantes advirão. Serão novos consumidores. Os trilhos da estrada de ferro já se encontram na Lapa, distante um dia de viagem de São Mateus. Isto facilitará o transporte dos produtos.

No dia 9 de setembro, um grupo de simpáticos colonos veio para as despedidas. Embarcamos no navio, ancorado no porto fluvial, levando uma grata recordação dos dias passados em São Mateus, entre os pioneiros-colonizadores.

Rio dos Patos, Setembro

Uma lancha oficial veio apanhar-nos em São Mateus. Foi colocada à nossa disposição. À noite já estava adiantada quando, vencendo a correnteza durante o dia inteiro, chegamos a Rio dos Patos. Alguns imigrantes aguardavam-nos na barranca. Acorreram, como sempre acontece, quando se propala a notícia da vinda de um barco. Houve a cerimônia da saudação. Um colono encorpado, vendo que conosco se achava o diretor da colônia Rio dos Patos, cumprimentou-nos com profunda inclinação, dizendo: “pensamos que veio gente, mas é o senhorio...” Semelhante tratamento é dispensado ao velho português de nome Maravalhos. Esse mesmo senhor, ao perceber que falamos polonês aproximou-se e cumprimentou-nos cordialmente. Solicitou que pedíssemos ao “senhorio” que lhe desse uma xícara o mais breve possível.

Um jovem polonês trabalha em companhia do Diretor. Ele recebeu a incumbência de nos receber e mostrar tudo. O rapaz veio com a mãe. Não quer ser empregado, ainda que perceba bom salário. Fala razoavelmente o português. Deseja uma xícara a qualquer custo. Do mais velho ao mais jovem todos nutriam o mesmo pensamento: receber o mais depressa possível o lote e ali começar a trabalhar para si.

No dia seguinte, cavalgando, visitamos as colônias fundadas em março. O local onde florirá a cidade é semelhante a São Mateus. Situa-se num outeiro, às margens do rio. Atualmente não passa de uma clareira, onde a mata foi derrubada e levantadas algumas casas e “vendas”. Aqui não existem barracos de imigração. Aqueles que aguardam os lotes, moram em choupanas, construídas de ramagens.

Existem inúmeros casebres enfileirados. Dentro fazem as fogueiras. O aspecto que se tem, é de uma aldeia africana. Os caminhos, chamados linhas, conduzem para o interior da floresta. Ao longo destas, constroem-se as casinhas, onde se fixam os imigrantes. A fumaça testemunha de que começou a derrubada da mata a todo vapor. No final da linha encontramos alguns trabalhadores. Cortam a mata a machado, limpam o caminho. Seguem-nos os carpinteiros que levantam as choupanas provisórias. O trabalho prossegue penoso. A limpeza não é fácil. Destacar as grandes raízes dos tocos seculares é árdua. O trabalho é semelhante ao da servidão. Ninguém tem pressa. Num dia de labuta que começa às 8 e termina às 17 horas, não se nota nenhum progresso.

O caminho é retilíneo, atravessando riachos e morros. Passamos por uma ponte, onde vimos duas casas e nos terrenos ao lado nota-se um considerável progresso. Cada colônia já desbastou um acre de terra. Pululam canteiros de centeio, batata e repolho. A terra está em preparo. Nesse trabalho engaja-se a família inteira. Desbastam a terra para o plantio de milho que será lançado à terra em outubro. Abre-se um buraquinho no solo e ali são depositados os grãos em meio a cinzas. As xícaras pertencem aos senhores Kurecinski e Jankowski.

Adiante mora o marceneiro Sadowski. É um aleijado e trabalha no seu artesanato. Ganha bem porque o pessoal paga-lhe com trabalho em seu lote de terra. Tem intenções de construir um moinho. Sua mulher

ainda não veio. Espera satisfeito, porque quando vier vai por tudo em ordem. Pretende desmontar o casebre primitivo, pois segundo sua opinião, não serve para nada. Já preparou a madeira para levantar uma casa em “bases mais sólidas”.

Mais adiante, encontram-se os colonos que apenas começaram a desmata. Não semearam ainda nada. Em frente das choupanas jazem os troncos chamuscados. Chegamos a uma delas. Um velho, surdo, atarefado na labuta da enxada, preparava o terreno para o plantio da batata. Na palestra afirmou, sem titubear, que “veio da Europa”. Interrogado sobre a região onde morava, afirmou ser de Inowroclaw, próxima da fronteira. Observou-nos cautelosamente de cima até os pés, sem deixar de cavar o solo. Aqui não vimos casas, todos moram em cabanas primitivas.

Em Rio dos Patos, apenas 68 chácaras foram ocupadas. 91 famílias aguardam os lotes, nos casebres. Novas levadas continuam a chegar. A população, composta de 582 almas, é totalmente polonesa. Em meio a colônia oficial existem alguns casebres nas mãos de brasileiros. Estes retiraram-se para o sertão, porque não possuem títulos definitivos de propriedade.

A mortandade na colônia é acentuada. De março a setembro faleceram 30 pessoas (16 menores de oito anos). Segundo estimativas, a mortalidade atingirá 10,3% ao ano. Em São Mateus a proporção é idêntica. Pode-se afirmar com segurança que 20 a 30% dos imigrantes perecerão até obter os lotes. A maioria será de crianças. No que diz respeito à situação material estão em pé de igualdade com os de São Mateus. São igualmente explorados pelos “vendeiros”, esperam, como os de lá, até três meses para conseguir os lotes. Os que vieram em março e abril, nem todos receberam suas chácaras.

Afinal aqui é o império do “espera um pouco! Tenha paciência. Logo” É todo um dicionário a recomendar “paciência”. Aqui ainda os “fatores” mandam. Há um mulato que não deixa de molestar. Sentimos isso na própria pele. Paramos, à noite, numa rua para conversar com um grupo de amigos. Os fatores retornavam a cavalo. Desconhecendo quem éramos, desferiram um galope em nossa direção. Tais fatos atestam o tratamento que se dispensa aos nossos imigrantes.

Porto Amazonas, 12 de setembro

O vapor, pertencente à Comissão Colonizadora, levou-nos até Porto Amazonas. Os colonos aguardavam. A rapaziada transportou os nossos pertences. No decurso da travessia abatemos uma capivara — porco d'água. Os rapazes levaram-na para um dos barracos. Todos estavam ávidos por notícias das colônias. Um moço havia fugido de uma delas e conjurava os colonos, pelas “Chagas de Cristo” para que não seguissem para o interior. Contamos tudo. Dissemos-lhes que o quadro não era tão negro, quanto o haviam pintado. Recebemos alguns agradecimentos por termos esclarecido. Havia ameaças de uma debandada para Curitiba.

No dia seguinte testemunhei alguns episódios, dignos de nota:

A beira do rio, um homem e uma mulher estão com os joelhos em terra. Rezam com todas as entranhas de sua alma. Um enterro parte do barraco. Trata-se de uma menina que falecera à noite. Um grupo acompanha o féretro. Demandam o topo do morro. Procede-se a sepultura. Atiram-se torrões de gleba. Chantam uma cruz tosca, em meio ao capim campestre. Retornam silenciosos para o barraco, em profunda meditação.

Ali residem trezentas pessoas, todos poloneses. Foram enviados para cá, em vista da falta de alojamento em Curitiba, para onde vieram de Pinheiro.

Curitiba, 18 de setembro

Levamos um dia para retornar. Andamos, porque não havia cavalos em São Luís. O trecho entre São Luís e Campo Largo fizemos "per pedes apostolorum" (24 quilômetros). Os nossos pertences foram de carroção.

Desejaria oferecer um adendo sobre a imigração maciça do ano findo. São fatos curiosos para a história da imigração febril. Causa admiração a propaganda e os boatos que circulavam no Reino. Eram feitos com grande perspicácia, inteligência, conhecimento de causa e ciência das condições. A propaganda era facilmente assimilada pelo aldeão. Somente agora descobri por meio de pessoas idôneas e dignas de fé de que o autor da mesma era um patricio, conhecedor exímio das condições de nome Bendaszewski que reside no Paraná, há muito tempo.

Ele e o Barão do Cerro Azul, José dos Santos e outros tiveram a idéia de trazer 50.000 imigrantes do hemisfério norte. Com esta finalidade B transferiu residência para Hamburgo. Juntamente com o cônsul brasileiro (e venezuelano) dirigem os negócios, com bons lucros. Está em permanente contato com o fornecedor, Sr. Fiorit. B. estudou bem a situação. A propaganda dirigida, secundada por boatos e lendas sobre tesouros brasileiros, fez sucesso em seu negócio. Ao contrário das facilidades propaladas, o imigrante defronta-se com trabalho árduo. É iludido. Julgo que tal procedimento é negativo e prejudicial ao governo brasileiro!

Outra questão que julgo do meu dever levantar, são as cartas enviadas à Polônia. Em cada escritório setorial das colônias, vi pilhas dessas correspondências. Informaram-me que são enviadas gratuitamente aos familiares dos imigrantes pelo cônsul brasileiro de Hamburgo.

Somente agora desvendei a verdade a respeito das cartas. Pessoas iniciadas neste segredo, informaram-me que as missivas realmente seguem ao cônsul. Este é partidário do seu governo. Juntamente com elementos, como Bendaszewski, reformula-as a seu critério. Aquelas que não lhe servem atira à cesta de lixo. Seleciona, re-escreve e só então envia aos familiares. Em tudo isto visa seu interesse. É um excelente meio de manipulação. Assevero, outrossim, que não se pode dar crédito às próprias cartas dos colonos. São pessoas que costumam exagerar. Isto é manifestação de sua pouca visão e falta de inteligência. Além de outros fatores e causas colaterais que intervêm.

Curitiba, 20 de setembro

Participamos ontem de um baile, promovido pela liga "Ordem e Progresso". A liga congrega alemães, italianos e poloneses, em sessões separadas. Promoveu a festa em nossa homenagem. Tem como objetivo lutar com os funcionários brasileiros desonestos e venais.

As três nacionalidades dispõem de 2.700 votos para as eleições do Congresso Nacional. Os votos brasileiros atingem a soma de 2.200 votos.

O objetivo da "Ordem e Progresso" é claro: introduzir ordem, levando em consideração os interesses das diferentes nacionalidades. Agora entendi por que em nossa presença acentuaram publicamente e de forma aberta as suas aspirações.

Em breve, deve circular em Curitiba um periódico em língua polonesa com o fito de congregar os imigrantes no Paraná. Realizou-se uma reunião de intelectuais que decidiu apoiar a idéia do jornal. Além disto, em Curitiba existe uma sociedade que congrega algumas dezenas de membros, artesãos e comerciantes.

De Curitiba a Rio Negro, 27 de setembro

No dia 21 de setembro partimos para as novas colônias de Rio Negro. De passagem, visitamos os velhos núcleos dos arredores de Curitiba: as paróquias de Orleans e Abranches. Semelham muito com aquelas de Tomás Coelho que acima descrevi.

A diferença reside no fato de que os imigrantes destas são da Prússia. Suas casas são frequentemente de material. Reina maior ordem e mais asseio do que entre os galicianos. Em Abranches visitamos a casa do Sr. Milosz. Sua patroa é da família Lipinski, de origem cidadina e seu irmão permanece em Varsóvia.

Como todos, trabalha arduamente para propiciar educação aos filhos. Levando-se em consideração sua educação, percebe-se que só a mudança da sorte é que a trouxe para esta choupana de palha.

Seguimos o caminho que passa por Tomás Coelho. A seguir penetramos em terreno montanhoso. A região é revestida por matas e é totalmente desabitada.

Ao longo do percurso de 9 milhas, encontram-se "vendas" à beira do caminho, casebres de caboclos. Nas proximidades da Lapa instalou-se uma colônia alemã. Esta, como as demais dessa imigração, é composta por russo-alemães. Preferem os campos. Acostumados aos ricos humus do Volga, pensavam que as regiões de campos seriam aptas para a cultura. Convenceram-se em pouco tempo de que estavam lavrando em erro. Abandonaram a terra, para se tornarem viajantes-transportadores.

Hoje, praticamente não existem mais colonos alemães, na exata concepção desse termo. O carroceiro alemão possui ali sua casa, cercada por umas árvores frutíferas, uma horta e pequenas plantações de cen-

teio. O resto é campo aberto onde vagueiam bandos de gado e cavalos. Viajam em carroções, tirados por 6 a 8 cavalos, transportando mate para Curitiba. O produto é distribuído pelos negócios que os revendem ao consumo de particulares.

Entre Curitiba e Lapa existe uma faixa de aproximadamente 10 milhas quase deserta. Onde a vista alcança, desfralda-se um panorama de colinas e estepes, com vegetação rasteira e capões de mato nas baixadas, onde o pinheiro salpica o quadro. O ambiente é pálido, monótono, semi-morto. Os capões de mato semelham vagalhões. É uma tira de terra silenciosa, cinzenta, taciturna.

Lapa é pequena. Tudo indica que somente acordará quando os trilhos da estrada de ferro chegarem. Sua população é brasileira. Passa o dia nas “vendias” ou debruçada nos parapeitos das janelas. As suas duas ruas, amplas, permanecem desertas. Quase não se vê um transeunte.

Fomos de “diligência” até Lapa. A comunicação em nossa frente estava interrompida. Não reconstruíram a ponte sobre o rio Vargem, destruída em julho passado. Havia muitas cavalgadas, mas sua utilidade era pouca. Ninguém gosta de se aproveitar da situação de um viajante em situação difícil, como o brasileiro. Tivemos muitos exemplos. Um foi o de São Luís. Andamos 20 km. para experimentar a canícula brasileira. Agora, para poupar algumas dezenas de mil-réis, fizemos o mesmo. Tomamos um carroção que transportava pão para os imigrantes. Logo, após a cidade da Lapa, encontramos os futuros colonos. Todos eram meus conhecidos de Curitiba. As mulheres desandaram em lágrimas quando nos avistaram. Afirmam que “estão sendo levados para o inferno”. Parece que trãnsfugas de Rio Negro contaram-lhes horrores do que os aguardava.

O resto do caminho fizemos em companhia dos imigrantes. Eles eram transportados em carroções. Viajavam em quinze pessoas e seus pertences em cada comboio. A ponte ainda não foi restabelecida. A travessia foi feita com o auxílio de pranchões. No mesmo dia chegamos a Rio Negro.

Antes dessa localidade, situa-se a colônia Bukowina, cujos moradores são alemães, rumenos e poloneses provenientes da cidade que leva idêntico nome. Rio Negro situa-se às margens do rio que leva o mesmo nome. Fica numa baixada. Consta de umas 30 casas espalhadas, sem nenhuma ordem. Os imigrantes são de aspecto miserável. Podem ser vistos, em grupos, por toda a parte, tagarelando. Descorados, magros, em andrajos e pelo comportamento deduz-se de que alguma coisa vai mal. Vi imigrantes em más situações, por isso sei por antecipação o que vão dizer. A miséria os apertou.

Rio Negro, 27 de setembro

Imediatamente fomos à residência do Sr. Trajano Brasil. Apresentamos ao chefe do setor local, as recomendações que trazíamos da Chefia de Curitiba, firmadas pelo Sr. Carvalho, responsável pela Coloniização no Paraná.

De entrada falou da energia e verberou a preguiça dos seus antecessores (estava na presença de pequenos funcionários). Afirmava que em poucos dias fixará em lotes os imigrantes que se encontram nas barracas. Não conhecia o objetivo de nossa missão. Não se recordava que já o tinha encontrado no escritório do Rio de Janeiro. Certamente passávamos por “fiscais”! Frisou várias vezes que o funcionário que percebe dinheiros públicos e não faz nada, simplesmente rouba o tesouro nacional. Concordamos em adiar para o dia seguinte a visita às realizações que ali são levadas a efeito. De imediato sabia-se o que ele pensa e quem é. Os movimentos bruscos dos braços, auxiliares indispensáveis de todo brasileiro e suas palavras vibrantes causavam a impressão de que vão colonizar o Brasil em pouco tempo. Os planos são excelentes e humanitários. Causa a impressão de que os projetos, ideais e pensamentos estão voltados para tornar a humanidade feliz e em particular os “pobres europeus”.

Infelizmente tive o desprazer de conhecer de perto essas aves brasileiras. Convenci-me de que não voam, mas esvoaçam sob o firmamento, porque consomem demais. . . os dinheiros públicos que nem sempre são obtidos legalmente, mesmo segundo as leis brasileiras. Aprendi por escalões superiores de que não se pode dar muito crédito a tais gorjeios. O enérgico administrador prometeu-nos cavalgadas para visitar no dia seguinte as colônias, distantes 7 milhas de Rio Negro.

Creio ser desnecessário dizer que ficamos aguardando o dia inteiro os animais prometidos. Em vão. A busca “enérgica” de cavalos deu em nada. Não tenho argumentos para afirmar, mas parece-me de que o “enérgico” chefe não queria que fôssemos visitar as colônias. O raciocínio é simples: ele é chefe, “enérgico”, está há um mês e ainda não teve tempo de vê-las. . .

As dificuldades não nos assustaram. No terceiro dia conseguimos dois cavalos e uma mula. Acompanhados de um guia, fomos às colônias. O chefe estava incomodado porque nenhum de seus auxiliares conhecia o caminho. Não sabiam sua localização. Afinal encontraram um “empregado da colonização” que lá esteve uma vez.

Não é piada, é fato. A excessão deste, nenhum outro havia visitado a situação dos imigrantes. O chefe não vai, porque o caminho de mato é difícil. Não enviava funcionários, porque o que lhe importava esse negócio de colonização?!

Rumando pelas matas, partimos para o sul. Atravessamos Rio Negro e adentramos a floresta. A construção da estrada para as colônias avançou uns 12 quilômetros. A marcha é lenta por causa dos terrenos lodosos que o caminho atravessa. A desordem administrativa, o caos na direção contribuíram com grande parcela para que o progresso fosse tão vagaroso.

No terminal da estrada, havia uns 30 homens trabalhando. Todos são imigrantes. Centenas deles encontram-se nos barracos. O governo oferece alimento, paga 1 mil-réis por dia, mas poucos são os que ali se encontram por causa da distância. Os imigrantes são iludidos com pro-

messas de que em breve terão os lotes. Dizem não encontrar muares para o transporte. E, assim a história dura meses!

Daqui para frente é só uma linha aberta em meio ao mato. Não pode ser aproveitada, porque está abarrotada com troncos de árvores derrubadas. Prossegue-se a viagem por picadas de caboclos. A mata é virgem e a picada não passa de um corredor, entre duas paredes de árvores. As ramagens das copas impedem que os raios solares penetrem. O chão é lamacento, cheio de valos. Os cavalos têm que saltar para superar os troncos, contornar poças, desviar obstáculos.

Chegamos à casa de um nativo que estava secando erva-mate. Mostrou-se hospitaleiro (essa virtude caracteriza os caboclos). Deu milho aos animais e convidou-nos para sua casa. Sentamo-nos sobre tocos e tomamos o café que havíamos trazido. Prosseguimos e à noite alcançamos a colônia.

O antigo nome era “Cabeça Seca”. Atualmente são cinco colônias: Lucena, Polônia, São Pedro, São João e Santo Antônio.

A futura cidade situar-se-á num alto. Seu nome será Santa Lucena. Um quadro de matas infindas, com árvores seculares, velhas e misteriosas descortina-se desse alto. O panorama perde-se de vista. . . É desabitada e nem os caboclos penetraram neste verde sem limites. Aqui é o limite das florestas que se espriam até o Uruguai. Os indígenas, chamados de bugres são os únicos habitantes. Defendem seu habitat secular. Atacam os colonos brasileiros, roubam seus cavalos, seu gado e matam os intrusos.

No dia 25 de agosto os bugres atacaram os trabalhadores que estavam abrindo o caminho para o sertão. O fiscal, um alemão, havia percebido por meio de certos sinais, a proximidade do ataque. Preparou-lhes uma recepção de acordo.

Eram oito horas da noite quando atacaram um dos barracos que alojava os imigrantes. O capataz e outros homens ficaram de tocaia. Desferiram-lhes um contra-ataque pela retaguarda. Graças ao seu conhecimento dos costumes indígenas e de sua vida, foram salvos. O Fiscal já perdera nesta luta seu pai e irmãos. Neste ataque tombou o chefe dos índios.

Chegamos à noite ao barraco destinado à permanência dos imigrantes. Os cavalos que soltamos pastavam na clareira aberta na mata. Escolhemos a linha São Pedro para conhecer algumas colônias. Contemplamos o quadro: a linha segue por entre mata virgem. A picada é estreita, retilínea, mal desbastada. Os troncos foram afastados de forma a permitir a travessia. O caminho é pisado. À direita vemos dois casebres. Ainda não tiveram tempo para construir casas. Chegamos às residências provisórias. Vemos um jovem sobre esteira, coberto com um paletó velho. Está totalmente inconsciente. Foi acometido de tifo.

Trata-se do Sr. Jaworski, vindo de Varsóvia. Trabalhava na fábrica de Szperling, em Leszno. Sua esposa jovem, com uma outra mulher com criança, ambos doentes, mas em recuperação e um rapaz dei-

tado, com barriga estufada, é a triste cena com que nos deparamos. A mulher mal pode articular palavras. Está debilitada. Pergunto pelo marido. Foi em busca de alimentos, há dias e ainda não retornou de Rio Negro.

Os doentes estão desprovidos de qualquer assistência. Não têm alimentos. A sua sorte está depositada nas mãos da misericórdia divina. Afinal, quem se há de preocupar com a sorte do imigrante!

Aqueles que aspiravam por terra, dirigem-se “com lágrimas nos olhos” para as colônias. Sabem o que os aguarda. Antigamente os que se destinavam para as colônias, recebiam alimentos para um mês, ferramentas necessárias: facão, machado, foice, serra, enxada. . . Agora, obedecendo as ordens do novo chefe, o futuro colono cavalga o burricho e leva consigo o machado, a foice e alimentos para 15 dias. A alimentação significa o que segue:

- 10 quartas de feijão
- 10 quartas de farinha de milho
- 3 quilos de açúcar
- 2 quilos de arroz
- 1 quilo de toucinho
- 1,5 quilo de sal
- 1 pote de erva-mate.

Para famílias com filhos as porções serão menores, levando-se em conta o que fornecem a cada um. Todavia, desde que se consiga os alimentos, eles são suficientes.

Terminada a provisão, o colono vê-se obrigado a buscar o alimento que dista 7 léguas. Antes a obtenção do necessário era mais fácil. Deixa a mulher e as crianças no mato e munido de sacos caminha para Rio Negro. A caminhada leva um dia e no barraco não recebe comida nenhuma. Só consegue comer, quando alguém se compadece de sua sorte. Entra na fila de espera que pode chegar até cinco dias, para retirar a sua quota. Vi esses coitados a chorarem diante dos escritórios. Aguardavam o dia inteiro para retirar os alimentos. Ninguém tem pressa em atendê-los. O chefe somente permanece ali das 10 às 15 horas. O colono aguarda com paciência até que alguém se compadeça dele. Ultimamente foi alterada a quota. Não fornecem mais para 15, mas sim só para uma semana.

Pelas colônias que visitamos reina miséria. Somente na propriedade do Sr. Galecki vimos um eito de centeio. Pelas choupanas e casebres apareciam rostos esqueléticos e os moradores mal podiam manter-se de pé. Os caboclos socorriam-nos na medida de suas possibilidades.

Foram distribuídos 18 lotes, dos quais apenas a metade foi povoada. A vida é triste, melancólica e sem perspectivas.

Retornamos a Rio Negro e fomos falar com o chefe. Queríamos um debate mais aprofundado. Tenho a impressão de que fugiu do diálogo. Enquanto conversávamos com alguns que tinham chegado, ouviu-se uma algazarra. Os imigrantes querem à força falar com o chefe. São impedidos à entrada por soldados de armas em punho. O chefe propõe que lhe sejam enviados três delegados que exporão as reivindicações.

Entraram as três pessoas. São os mesmos que chegaram conosco em Curitiba. Pedem que lhes entregue a quota. Queixam-se de que pela manhã não recebem pão e ao meio dia recebem um alimento mau. Lamentam que devem passar a noite ao relento, fora dos barracos.

O chefe solicita-me que seja intérprete. Relato o seu clamor pelo pão, a que têm direito de manhã, conforme as prescrições. O chefe responde que hoje recebeu pão também para eles.

Por três vezes perguntei aos homens e sempre obtive a mesma resposta: “não”. Irritado, o chefe pede a mim e ao Sr. Lazniewski que o acompanhem em visita até os barracos. No depósito ele interroga se foi dado pão aos recém-vindos. O responsável, mostrando o bau, afirma que entregou. Antes estava cheio e agora só há alguns pães. Interroga a todos se viram pão e eles continuam negando. O pão desapareceu. O chefe irritou-se com a situação, comprometido e em fúria disse alguns desaforos, dispersou a gente e convidou-nos para seu gabinete. Deu-nos uma carta de apresentação. Isso era sinal de que estava saturado conosco e praticamente nos convidou para nos retirarmos. Saímos do escritório, mas permanecemos na colônia. No dia seguinte tive oportunidade de verificar as conseqüências.

Três homens carregavam três sacos para seus acampamentos. Um deles ao nos ver, piscou os olhos e disse: “isto vai chegar. Vai à colônia, porque os pães de ontem foram para o negociante que os adquiriu do funcionário do armazém. Naturalmente tudo foi combinado com o chefe”.

Um enorme barraco foi montado no centro de Rio Negro para abrigar os imigrantes. No dia de nossa visita, eram ao todo 1670 imigrantes, e mais os 282 que vieram conosco, totalizando 1952.

Além dos espalhados pelas matas e colônias, os demais permaneciam nas hospedarias. Entre eles havia alguns irlandeses. Eram os sobreviventes da leva de 200 que, ao perceberem o que acontecia, refugiaram-se. Alguns deles morreram.

No barraco impera a sujeira e a falta de espaço. Os que se aninham no sótão, acham-se expostos a um sofrimento ímpar, por causa do telhado de zinco. Usou-se esse material porque na ocasião da construção possibilitava um roubo fácil.

Quando o sol aquece, torna-se simplesmente uma atmosfera irrespirável. Reina completa promiscuidade entre sãos e doentes. São esfaimados, doentes de tifo, de febre. . .

Além dos barracos, alugaram algumas casas velhas, carcomidas, imundas. Ali aloja-se uma parcela dos imigrantes. Entramos numa delas. Logo à entrada uma mulher acaba de dar à luz. O bebê arde em febre. Ao seu lado repousa outra criança atacada de tifo. O marido está com saúde, mas quase louco por se ver impotente, para dominar a miséria. Perdeu a cabeça e brada em altas vozes.

Nessa atmosfera irrespirável, o mais sadio dos homens, depois

de permanecer algumas horas, há de ficar doente. Que se pode pensar desses famintos? Miseráveis?...

Os doentes mais graves são levados para o hospital. Este fica na outra margem do rio. É uma pequena casa com uma sala ampla, o assoalho é de tijolos e uma escada conduz ao segundo andar ao sótão. Ali também acomodam os doentes. O térreo simplesmente está repleto de gente doentia. Deitam-nos no chão, um ao lado do outro, sobre esteiras. O total dos enfermos sobe a 60 pessoas. O quadro é simplesmente dantesco.

Os que ainda não perderam a fala, clamam por alimento. Chamamos o guarda que é um patricio e perguntamos porque não lhes fornece alimento. O pobre deve a alma a Deus. Responde-nos: Todos os dias vêm talões do chefe para galinhas, ovos, pão, arroz, carne e até vinho para os doentes. Os armazéns ou "vendas" levam os ditos talões (através destes sai o pagamento do governo), mas não entregam nada. Alimenta os doentes com o que pode: feijão, arroz, etc. O médico passa vistoria de 8 em 8 dias. Prescreve remédios a esmo depois de olhá-los. Parte. Com as receitas na mão, dirigem-se à farmácia e ali não encontram nenhum remédio.

Dizem que morreu muita gente. Todo dia partem dois a três enterros. O acompanhamento consta de cânticos fúnebres, quando passa pelo vilarejo em direção do morro, onde se situa o cemitério. Desejoso de saber quantos patricios baixaram à terra brasileira, quantos crimes foram perpetrados pelos responsáveis da colonização fomos ao "campo santo". O coveiro, um alemão, mostrou-nos 134 covas rasas e recentes de poloneses. Isto, em apenas alguns meses, quando começou a colonização e "povoação do cemitério". Em verdade, há mais vítimas nas tumbas do que colonos nos lotes. Vendo isto, compreendi a proposta dos colonos para que juntos demolíssemos esse ninho de marimbondos.

Ao retornar à cidade, encontramos o médico. Em sua companhia percorremos os barracos e o hospital. Decidiu que os imigrantes não podem permanecer por mais tempo nas hospedarias. Devem ser transladados para outra casa, alugada para tal fim. Falaram-nos disso, há dias. Verificando a casa, propusemo-nos a ajudar o médico, examinar os doentes e transportá-los para o novo local. Os nossos, descrentes dos brasileiros, temiam a transferência. O médico foi buscar as chaves. Enorme foi a nossa surpresa, quando soubemos que o chefe se opôs. Antes era defensor ardoroso da idéia. Afirma que as despesas serão grandes demais e o aluguel vai acima de 50 mil-réis.

Miserável! Ele e mais a sua laia roubavam mais de 40.000 mil-réis e agora acha demasia pagar 50. O gesto irritou também o médico. Criticava o chefe e ameaçava pedir demissão de suas funções. Passado o momento emocional e meditando mais a fundo decidiu mudar de comportamento, acomodando-se. Não podia perder o cargo rendoso.

O delegado da colonização do Rio de Janeiro esteve numa das colônias. Certamente avisado, veio no dia seguinte. Expusemos tudo ao Sr. Abreu. Ficou irado. O chefe, temeroso de perder a posição, pediu que fôssemos à noite discutir os problemas.

Não fomos. Mandamos recado pelo funcionário que o caminho do escritório ao hotel é o mesmo. Momentos depois o chefe, em companhia do Sr. Abreu, apareceu no hotel. Como já tínhamos exposto ao Sr. Abreu o assunto, procuramos não voltar ao tema, apesar de suas insistências. Cientes de que era inútil, passamos o tempo em narrações alegres sobre a Europa, sobre a viagem, a respeito de paisagens... Apresentamos a situação ao delegado e relatamos os detalhes ao jornal alemão de Curitiba. Expusemos tudo e deixamos às claras perante a opinião pública. No dia seguinte prosseguimos rumo ao sul, para a Província de Santa Catarina.

CAPÍTULO VI

Os Poloneses nas Províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul

Joinville, 7 de outubro (Estado de Santa Catarina)

Rumamos na direção do mar. São Francisco dista alguns quilômetros de Rio Negro. O caminho corta matas, onde raramente aparece uma choupana de nativos, cercada por alguns pés de erva-mate (*Ilex paraguayensis*), algumas nesgas de terra cultivada com milho. O solo é fresco, pois a mata foi recém-derrubada. A selva torna-se silenciosa. Viajamos por picadas, ouvindo o sussurro das ramagens. Certamente são animais em fuga com o aproximar-se e cheiro de gente. Buscam esconderijos mais sombrios. Pensamentos sobre bugres povoam a mente, porquanto nestas paragens ainda existem. Aqui ainda não pisou o pé europeu, nem sequer do caboclo brasileiro. Não se afastam da picada, quando demandam o litoral povoado. Por toda a parte só há floresta silenciosa. Trata-se de uma faixa de mata entre a orla povoada e as colônias alemãs e polonesas. A primeira das colônias é alemã e denomina-se Rio Preto *

Certamente em futuro próximo será uma cidade. Situa-se entre as plantações de mate dos caboclos do Paraná e as colônias litorâneas de Joinville e São Francisco.

Toda a faixa entre Rio Preto e São Bento é pontilhada de povoados alemães. Em Lençol, uma enorme colônia quase cidade ** começa o nome genérico dado a uma série de colônias São Bento: Oxford, composta de duas colônias. São separadas por uma estrada que demanda o litoral de forma estratégica. São Bento é uma cidadezinha muito bem construída. Suas casas são de estilo prussiano que se perdem no verde dos jardins.

Localiza-se numa baixada, entre morros. Seu aspecto é europeu. O clima é sadio e moderado, em vista da altitude de 800 metros acima do mar. As colônias situadas ao norte de São Francisco em três grupos: 1º — São Bento, 2º — D. Francisca e 3º — Joinville. Nesse enorme território moram exclusivamente alemães. Joinville faz uma excessão. Algumas "strasse" (linhas) são habitadas por poloneses. A Companhia de

* Em Rio Preto mora o sr. Kaminski, dono de moinho de mate, de negócio e grandes propriedades de terra.

** Aqui reside o irmão do sr. Kaminski e mais alguns poloneses. Entre eles o sr. Resler, de Grodzisto, próximo a Varsóvia. Cuida da Casa Comercial do sr. Kaminski.

Hamburgo * organizou a colonização. Goza de enormes privilégios oficiais. Atua desde anos e os primeiros alemães fixaram-se em 1849.

Em São Bento, mostramos o desejo de visitar as colônias polonêsas. Os imigrantes que se localizaram ao sul de São Bento procedem da Galícia, Prússia e Poznan. Na cidade residem apenas algumas famílias. O centro é Rio Vermelho, Bechelbronn, em alemão. É um núcleo central de onde partem as "strasse", habitadas por poloneses. Os nomes destas linhas levam denominações alemãs, porque foram colonizadas pela Sociedade Hamburguesa:

Wunderwald Strasse

Banhado Strasse

Bismarks Strasse

Humbolds Strasse.

Os poloneses estabeleceram-se, há 20 anos. Há 300 propriedades individuais e aproximadamente 2.000 almas. O número aumenta, porquanto parentes e amigos afluem para cá.

Os lotes mais próximos da cidade, encontram-se na Wunderwald Strasse. As choupanas dos colonos encrustam-se entre os morros. Eles chegaram, há 14 ou 18 anos. São em número de umas 50, mais ou menos distantes entre si e espalhadas ao longo da linha. São galicianos e prussianos. O panorama é colorido e diversificado. A casa de material é ladeada por outras construções e o inseparável jardim. Há casas de madeira, menos vistosas, mal acabadas, construções ruins, sem jardim. . . A diversificação não significa estado de riqueza do primeiro, mas sim demonstra tendências. O primeiro tende para a ordem, para a beleza e o segundo para o desleixo. Os terrenos são iguais, medindo 100 acres prussianos. A gleba é mais ou menos produtiva, especialmente nas baixadas. Plantam centeio, milho e batata. É natural que apenas uma pequena parcela seja cultivada, enquanto o restante permanece em mata virgem, pastos e morros, cobertos de vegetação, inacessíveis, pedregosos, rochosos.

Se vale a palavra e a nossa observação, podemos concluir que os colonos estão bem do ponto de vista material. Reina incerteza com relação às colheitas. Os insetos acabam com as sementeiras e afirmam que mal podem produzir para a própria sustentação. Quem deseja ganhar dinheiro, procura emprego em fazendas brasileiras. São proprietários ricos e geralmente internados em matas. Os mais moços buscam tais ocupações pelo espaço de dois a três meses. Seu trabalho consiste em fazer cercas e plantar milho para o fazendeiro.

Rio Vermelho (Bechelbronn) é o verdadeiro centro. Dista 20 km de São Bento. Localiza-se em magnífica baixada, entre serras altas e

* A Sociedade Hamburguesa cobrava dois mil-réis por acre (em prestações). Os recém-vindos eram atarefados em construção de estradas e percebiam até 3 mil-réis diários. Os negócios eram dirigidos com seriedade e por isso trouxeram bons resultados. A Sociedade está liquidando seus interesses, por que o governo avocou a si a imigração. É pequeno o número de imigrantes que aporta.

montanhosas. Possui igreja (sem sacerdote), escola, negócios, moinhos, etc.

Fomos ao negócio do Sr. Wielewski. Lá estavam alguns colonos da Prússia Ocidental. Alegraram-se quando perceberam que "falamos tão fluentemente o polonês". Estão bem, afirmam. Ressentem-se da falta de sacerdote polonês. Insistem para que escreva ao cardeal de Cracóvia, pedindo um "bom" sacerdote. Apontam para a igreja, onde não se reúnem os ofícios religiosos. São obrigados a frequentar São Bento. Lá o sacerdote é alemão e eles não o entendem. O padre é bem intencionado para com os poloneses.

Construíram uma casa de material que deve servir de escola. Ali freqüentam crianças polonesas e alemãs. As polonesas estudam polonês e português e as alemãs, o alemão e o português. O professor é o Sr. Wielewski. É pago pelos colonos. Dedicou seu tempo à escola e à casa comercial. A grande distância entre as colônias é o maior obstáculo para a educação. Por isso a freqüência às aulas é irregular.

De Rio Vermelho partem as linhas. A Bismarks Strasse parte para o sudeste, a Humboldt para o sul e Banhado para o oeste. A maior e a mais interessante é a Humbolds Strasse. Prolonga-se por alguns quilômetros. Começa em Rio Vermelho, numa altitude de 800 metros, onde se cultivam centeio, milho, batata e dirige-se para o litoral. Alcança clima tropical com culturas típicas como café, cana-de-açúcar, laranjas, bananas e semelhantes.

Decidimos atravessá-la, em vista da originalidade e tropicalidade. Partimos, mas a chuva nos deteve. O caminho estreito ficou simplesmente intransitável. Abandonamos os cavalos nas mãos de um colono e prosseguimos a pé. Não fosse o calor causticante, o passeio seria agradável. As casas dos imigrantes estão em lugares planos, enquanto as lajeiras são cultivadas. As matas foram derrubadas para o plantio de milho.

Após horas de marcha forçada, entramos numa choupana para descansar. A dona-de-casa recebeu-nos com uma tija de leite e pão de milho, omelete e café preto. O caminho continua descendo. Achamo-nos à beira de uma imensa planície. Caminhamos pelo meio da mesma. De-frentamos-nos com casas de colonos, quais ninhos de andorinhas, ornamentadas por jardins floridos e tiras verdes, onde viça o milho. Quanto mais descemos, maior é a mudança. É mais selvagem. As casas são mais novas, as plantações diferentes: cana-de-açúcar, pés de café e bananeiras de folhas largas.

Ali é o ponto final dessa colônia que está sendo implantada. Na planície desbastaram a mata para plantio de milho. Em redor continua o paredão de mata, onde o pé humano não pisou. A linha Humboldt, inteliramente polonesa, penetra para o sertão. Brevemente chegará ao rio do mesmo nome. Levando-se em vista o fechamento da Sociedade Hambur-guesa, os colonos não fazem contrato com ninguém, simplesmente vão ocupando as melhores terras para o cultivo. O gerente de São Bento, permite que ocupem os lotes, sem fazer medição, mas tão somente anota seu nome.

A colonização prossegue normalmente. Os habitantes mais antigos deixam seus lotes mais próximos da cidade para os que vêm, enquanto eles rumam para o interior. Mais acostumados ao clima e às condições, colonizam novas paragens, onde é mais quente e as localidades mais selvagens.

A Bismarks Strasse toma rumo oposto, em direção oeste. É também polonesa. Os nomes alemães chocam. Trata-se de um germanismo artificial. Nossa gente mantém a língua castiça e não têm nenhum contato com eles. Reina uma vida polonesa, segregada. Os imigrantes afirmam que aprendem a falar melhor o polonês do que na Prússia Ocidental (os ensinamentos na escola têm sua influência). São bons e hospitaleiros.

Retornamos à colônia, onde deixamos as cavalgadas. A dona aguardava-nos com almoço: sopa de galinha, frango cozido, broa, café e o que dispunha. É a hospitalidade inata dos eslavos. Aqui, na pobreza, desenvolve-se ainda mais do que na terra natal.

Visitei ainda a Banhado Strasse, levando ótima impressão dos patrícios de São Bento.

Entre São Bento e o mar, existe apenas um caminho. Leva por entre matas virgens da Serra do Mar e da planície litorânea. O clima é inteiramente tropical. Passamos pelas colônias alemãs de Joinville e D. Francisca. São abastadas, com igrejas, escolas, aldeias bem organizadas e fábricas de cerveja.

Permanecemos por 6 semanas nas serras, por isso sentimos violentamente a mudança de clima. O termômetro apontava no dia 2 de outubro 42°C. Era abafado, apesar de nuvens encobrirem o sol durante o dia inteiro.

Joinville tem uma população que oscila entre 3 a 4 mil pessoas. A maioria são alemães. A limpeza é exemplar e a maioria é abastada. Os mendigos e os pobres não aparecem. A fartura transluz de toda a parte. Em tudo transpira a ordem germânica. Dois periódicos, em língua alemã, são editados na cidade.

Houve atraso no embarque para Itajaí. Anunciam a espera de 12 dias. Naturalmente não nos conformamos com a situação. Visitamos a cidade tipicamente portuária e brasileira: suja e desordenada. Era São Francisco. Decidimos partir a cavalo. A distância a vencer será de 100 quilômetros.

Itajaí, 12 de outubro (Estado de Santa Catarina)

Joinville e Itajaí são ligados por um caminho que segue pela planície litorânea. Outeiros pedregosos e vegetação, formam vistas encantadoras, especialmente ao longo dos riachos. Atravessamos florestas virgens do tipo tropical, com esbeltas palmeiras e gigantescas samambaias. A picada alarga-se em via ampla que leva às barrancas de um rio de águas paradas, que vêm do mar. O leito está juncado de troncos de palmeiras. A estrada parece uma aléia cortada pela faixa de águas paradas. As clareiras, onde a mata foi tombada, apresentam uma visão estranha

e desagradável. Sem perceber, o viandante para e contempla essa destruição, perpetrada pela mão do colono, nesse jardim — parque mais lindo do mundo.

Ao entardecer ganhamos as barrancas do Itapocu, pontilhadas de casas dos nativos. Estamos há poucos quilômetros do oceano. Ouve-se o murmúrio constante e surdo das ondas que se quebram nos penhascos. Tudo o mais é silêncio. Tudo é estranho e agradável, neste recanto ilhado do globo. A vida dos habitantes é simples. Feliz. Encantadora. Aqui não se sentem os sinais da civilização européia. O dono de casa em que pernoitamos serviu-nos peixe defumado e café. Não dispõe de outra coisa. Dormimos sobre esteiras, no chão úmido do casebre. Varremos o rio de canoa, em plena madrugada. Prosseguimos. A cavalgada era difícil, em vista das enchentes, causadas pelo temporal. Não havia pontes e tivemos que atravessar os rios a nado.

Viajamos um dia inteiro ao longo do litoral. A costa é arenosa. A maneira mais amena de viajar é seguir pela areia endurecida e lavada pelos vagalhões. O animal pisa como se fosse a melhor das estradas. Quando as vagas se aproximam, salta para os lados ou acompanha o seu vai-e-vém.

A viagem é magnífica, especialmente ao luar e ao som do ruído das ondas. Já caía a noite. Aproximamo-nos de um casebre e encontramos um negro embriagado. Sentado dentro da água, falava e gesticulava. Cruzamos com uma família que, carregando duas crianças, dirigia-se para o Rio de Janeiro. Era trãnsfuga da colônia Brusque. Tem centenas de quilômetros diante de si!

A cidade de Itajaí é brasileiro-alemã. Sempre surge algum imigrante polonês. São fugitivos da colônia Blumenau. Estão provisoriamente, em busca de salários. Trabalham no porto, carregando navios. Daqui geralmente vão ao Rio de Janeiro. Estavam no cais: Radziszewski, Zalewski e outros. Dos mais antigos imigrantes sobrou apenas o sapateiro Gracik. Possui oficina própria. De Itajaí cavalgamos para Blumenau através de Brusque.

Blumenau, 17 de outubro (Estado de Santa Catarina)

Brusque é um núcleo totalmente alemão. É uma cidade abastada, repleta de jardins e belas casas de material. Cientes de que as colônias polonesas ficam distantes, rumamos direto para a colônia Blumenau. Desejávamos informações e aqui ninguém nos dava a menor indicação.

Blumenau é uma cidade alemã. Tudo indica que é rica, como todas as demais colônias da redondeza. Situa-se às margens do Rio Itajaí, num vale entre montanhas. Rio acima, em seus afluentes, existem inúmeras colônias, as de Blumenau totalizam 20.000 almas. Na entrada da cidade encontramos alguns poloneses que vieram para o escritório da colonização. Entre outros encontrava-se ali o Sr. Orzechowski, colono de Massaranduba e procedente de Wloclawek. Estava ferido, pois um colono ao examinar um revolver, detonou-o casualmente. O ferido procurou recursos em Blumenau. Queria que lhe retirassem a bala, mas em vista

do feriado, foi-lhe negado o auxílio e o exame ficou para outro dia. Isto é característica típica dos brasileiros!

No dia seguinte visitamos o chefe da colônia, Sr. Sílvio Pinto Luz. Brasileiro da boa cepa, havia passado três anos na Bélgica. É figura de pouca fibra. Caracteriza-se pela bondade e desleixo. Essa é a opinião dos colonos a seu respeito. Ele próprio não estava em condições de nos fornecer informações precisas. Enviou-nos para o Sr. Kindler, um funcionário do Governo de Suwalski. Desempenha as funções de tradutor e está iniciado nos arcanos da colonização de Blumenau.

As colônias polonesas situam-se há alguns quilômetros da cidade e cercam as alemãs, em todos os sentidos. Todas localizam-se entre os afluentes do Itajaí e uma delas na foz do Itapocu-Massaranduba. Ei-las, do norte para o sul, rodeando Blumenau: Massaranduba, Rio Adda, Rio Cedro, Santa Maria, Warnów, Garcia.

São quase inteiramente polonesas, embora nas outras existam patrícios. Seus vizinhos são velhos alemães e italianos. Estes chegaram recentemente.

Massaranduba	800 famílias polonesas
Rio Adda	400 famílias polonesas
São Pedrinho	60 famílias polonesas
Rio Cedro	50 famílias polonesas
Setor Benedito (principal Col. Sta. Maria)	300 famílias polonesas
Garcia (algumas famílias alemãs, principalmente de Lodz)	
T O T A L	1.670

As famílias perdem muitos filhos. Outras não os têm. Por isso afirmam que o número de almas varia entre 5 a 6.000. Cada uma recebeu 25 ha de terra boa, casas provisórias, ferramentas e trabalho na construção de estradas.

A terra é excelente, característica das glebas que margeiam os rios em Santa Catarina. Infelizmente não podem semear centeio, por se tratar de planície, cujo nível não ultrapassa os 200 metros. A sua latitude oscila entre 26-27º sul, o que torna o seu clima saudável, embora tropical.

Pode-se cultivar milho, feijão e mandioca. Medra bem o café, a banana e a laranja. Os imigrantes queixam-se do calor e as crianças morrem.

As colônias de Blumenau diferem das outras. Não há gente nos barracos. Todos trabalham em suas propriedades.

Antigamente muitos fugiram daqui, desanimados com as montanhas, com a miséria e pelo fato de não poderem semear o centeio. Os remanescentes aprenderam a cultivar o milho e o feijão.

Aqui os colonos usam outros sistemas de preparar seus alimentos. Nas construções de estradas, ficam sob os olhares dos "feitores". Ganham 1,300 mil-réis. O colono que for pai de filhos trabalha mais dias.

Se a família possuir:

- 2 pessoas, ganha para 15 dias
- 3 pessoas, ganha para 15 dias
- 4 pessoas, ganha para 20 dias
- 5 pessoas, ganha para 25 dias
- 6 e mais, ganha para 30 dias

Como em toda a parte, aqui também não pagam em dia. Há atrasos de quatro a cinco meses. O colono recebe cartão para se abastecer num negócio. O valor do cartão corresponde à metade de seu salário. O restante pagam em dinheiro. Isto, naturalmente, quando o dinheiro chega.

Os comerciantes alemães exploram sem compaixão. Eis o quadro comparativo dos preços entre Blumenau e Desterro:

	Blumenau	Desterro
1 quilo de toucinho	800	440
1 quilo de açúcar	320	120
1 quilo de arroz	340	140
1 litro de farinha ou milho	100	?
1 litro de feijão	200	70/75

No lugar onde o transporte é mais fácil, pois as colônias estão próximas, não se concebe que tudo custe duas vezes mais caro. Isto é fruto lamentável da falta de organização no fornecimento por parte do governo. A exploração não têm limites.

Antigamente fugiam das colônias. Agora diminuíram as fugas porque cada colono tem a receber pelo trabalho e plantações nos seus lotes. Plantaram milho, semearam centeio, cultivaram feijão e organizaram hortas. É difícil abandonar tudo.

Agora começam a vencer a primeira pobreza. . . talvez no futuro terão alguma coisa! . . .

Eis a descrição da colônia.

As canhadas, povoadas por alemães terminaram no sopé da serra. Está cortada por vias tortuosas e fora aberta pela Comissão Colonizadora. A colônia ocupa um vale, em plena planície, além de Itajaí. Fomos a uma delas. É de uns 200 a 300 metros e fecha um vale. Por caminhos serpenteantes alcançamos o topo do morro. Daqui descortina-se uma cadeia de serras, cobertas de matas e no sopé um lençol verde.

No outro lado da montanha não há estrada. Por meio de uma vereda lamacenta baixamos a esse poço quente que é a planície. A fumaça atesta a presença de casas. A terra da colônia Garcia é excelente. Consideráveis fatias de mata virgem foram deitadas. Por entre os troncos vicejam o milho e o feijão. Em torno das casas, a vida é animada pela presença de galinhas. Pernoitamos na residência de um campônio procedente de Wolen. Os insetos não nos deixaram dormir. Eles são a grande praga das regiões quentes. Os colonos por um lado não podiam deixar suas propriedades e por outra parte eram explorados sem piedade. Nesta situação dramática, começaram a ameaçar os exploradores.

No dia 11 de agosto teve lugar o seguinte episódio na colônia Adda:

Um feitor alemão fez entendimentos com o “vendedor”, patrício seu. Começou a distribuir cartões aos colonos. Ali estava escrita a cifra de 30 dias, ao invés de 15. O colono levava a caderneta, pensando que se tratava da metade de seu salário. Consumia os víveres. O pagamento deveria ser efetuado no dia 11 de agosto. Os colonos foram buscar a segunda metade de seu salário, correspondente ao mês de maio. Não o receberam porque o comerciante, Frederico Ockel, apropriou-se dos mesmos.

Começou a ofensa com palavras. Passaram à briga, iniciada pelo alemão que detonou o revólver. Os colonos atiraram-se contra Ockel e contra o seu caixa Jade. Surraram-nos, levando consigo 800 mil-réis. Alguns foram presos. . .

Como conseqüência, o chefe e os funcionários temem visitar a colônia. Os comerciantes baixaram um pouco os preços. Uma surra de vez em quando faz bem, ainda que a imprensa alemã e a brasileira mostre-se revoltada, chamando os poloneses de desordeiros e revolucionários. Nos vapores-restaurantes pode se ouvir a expressão: “horribéis poloneses”.

Agora as brigas são mais ou menos freqüentes. Nos últimos dias, houve vários casos, em Cardoso, Crisciúma, etc.

Na Província de Santa Catarina, que os alemães consideram sua, as colonizações polonesa e italiana, não são vistas com bons olhos. Acredito que no futuro, haverá maiores divergências.

Ao sul, às margens do Rio Tubarão foram fundadas colônias polonesas:

Cocal, Crisciúma, Nova Orleans e Tubarão. Nas colônias italianas foram locados imigrantes poloneses. Globalmente nestas regiões existem cerca de 3.000 almas.

Há pouco tempo, houve revolta dos colonos. Enviaram para lá o exército. Durante a nossa permanência, a guarnição retornou. Os oficiais mostraram-se revoltados, porque os recrutaram para matar gente que morre de fome e tifo. Seus depoimentos levaram a imprensa a manifestar-se a respeito das revoltas. O “Jornal do Comércio”, órgão mais importante de Santa Catarina, manifestou-se:

“Ontem retornou à cidade um destacamento militar. Tinha como comandante o oficial Brasileiro de Nascimento. Atuou na recém-fundada colônia Cocal, situada ao sul, para onde o enviaram para abafar um levante de colonos, que segundo tudo indica, tem planos de avançar sobre Tubarão.

Entretanto, constatou-se que não houve nenhuma revolta, além de um conflito entre autoridades e colonos. Trata-se de uma represália justa contra aqueles que os exploram. Na briga foi ferida uma pessoa. Conforme foi constatado, os fatos acima descritos, são provocados por

funcionários governamentais. Não existe nenhuma norma na distribuição do trabalho, protegem uns em detrimento de outros.

Os infelizes colonos, lutando com mil e uma dificuldades, suportam isso com resignação. Com frequência lutam contra a fome, a maior desgraça da humanidade. Quando esses infelizes se queixam e protestam, enviam-lhes baionetas, como se a força das armas tivesse condições de vencer a fome.

Infelizes! Exigimos a imigração. Queremos que o imigrante abandone seu lar, sua terra natal e enriqueça a nossa Pátria, onde defronta-se com toda sorte de obstáculos e até chicote — esse instrumento dos tempos bárbaros, que em nossa Pátria parecia, ter sido banido...” (Jornal do Comércio, 24 de outubro).

Depois de telegramas tristes sobre a revolta dos poloneses, esse artigo é uma espécie de reparação justa e clara.

As Colônias Polonesas no Estado do Rio Grande do Sul

Ficamos somente alguns dias no Rio Grande do Sul. Apenas de passagem. Visitamos a cidade do Rio Grande e alguns núcleos da orla atlântica. Impossibilitados de visitar essas regiões, por motivos importantes, contentar-me-ei em transcrever as informações da carta do Sr. Wallau, agente da Sociedade São Rafael, em Porto Alegre e que foi enviada ao Dr. Siemieradzki. Trata-se de uma resposta sobre a interpelação deste último a respeito das colônias naquela Província. Eis o resumo da carta, feito pelo Dr. Siemieradzki:

“O número de imigrantes poloneses vindos a Porto Alegre nos últimos dois anos atinge a cifra de 12.500. Mil deles retornaram ao Rio de Janeiro, por seu próprio desejo, porque receberam a promessa de que seriam enviados a Europa. Todavia foram espalhados pelo Brasil inteiro.

Outros mil abandonaram as colônias, aguardando nos barracos o seu destino. Estão nas proximidades de Porto Alegre e exigem a repatriação. Atualmente encontra-se aqui o “Chargé d’affaire” russo de Buenos Aires, Sr. Bogdanov. Envida todos os esforços junto ao seu governo para obter os recursos necessários e repatriar os náufragos.

Entre os imigrantes circulam notícias insistentes de que o “Papa” e a “Inglaterra” (Anglicka) vão resgatá-los dessa escravidão. Algumas centenas foram para a Argentina. Os restantes 10.000, aproximadamente, foram enviados para o interior. Organizaram novas colônias oficiais: Mariano, Pimentel, Barão do Triunfo e Feliciano. Nas serras do Herval temos: São Marcos e Antonio Prado. No setor de Canoas: Alfredo Chaves, Jaguarí e Ijuí e nas proximidades da Serra do Mar: Santo Antônio da Patrulha e Santo Ângelo, próximas da cidade que leva o mesmo nome.

Todas as colônias encontram-se em terrenos montanhosos e selvas impenetráveis. As glebas são férteis e sempre afastadas dos centros urbanos. Como em toda a parte, existem grandes falhas na administração e abusos. Os armazéns exploram e são mal abastecidos. O pagamen-

to é irregular e muitas vezes desonesto. A localização em montanhas, constitui-se em descontentamento. Aproximadamente 2.000 pessoas deixaram as colônias. A situação nos barracos de início era horrível e atualmente melhorou. As hospedarias da imigração estavam abarrotadas, beirando raios da incredulidade. A cólera e o tifo eram epidemias e a comissão sanitária via-se insuficiente.

Morreram todas as crianças e muitos adultos (o Sr. Wallau cita o número de 600 a 800 pessoas nos meses de janeiro a outubro). Isso só em Porto Alegre. Citam como causa mortis: calor excessivo do verão, mudança repentina de clima, má ventilação nos barracos, falta de asseio dos imigrantes. A alimentação era forte e saudável, constante de carne fresca e pão de trigo. Para fazer frente às novas levas, o governo montou barracos na localidade de Cristal, distante 2 quilômetros de Porto Alegre. Transladaram todos para lá. Às vezes o número chegava a 1.500 hóspedes.

Os imigrantes dormem no chão. Não há camas, nem catres. Permaneciam durante algumas semanas em Cristal. Nas colônias eram alojados em hospedarias, aguardando a medição dos lotes. Durante esse tempo eram atarefados na construção de estradas e casas para os colonos. O pagamento era feito com talões. Os negociantes os recebiam como se fosse dinheiro. Sempre faziam grandes deduções, tendo em vista a irregularidade de pagamento por parte do governo. (Numa colônia em Santa Catarina, o salário de maio foi pago em outubro). Desta forma o comerciante compensava o imposto devido ao governo, que este havia imputado a eles na defesa dos colonos, contra a exploração dos comerciantes em alguns lugares.

Os colonos, transportados para o local definitivo, recebiam 80.000 braças quadradas (uma braça corresponde a 8,8 m²). Além disso ganhavam 40 ha. de terra com mata, casa, ferramentas, etc. Tinham a obrigação de pagar 300 mil-réis no decurso de 5 anos e os juros oscilavam entre 5/6% sobre a importância. Os lotes próximos às cidades ou via férrea são bem mais caros. Chegam de 800 a 4.000 mil-réis. Os imigrantes que não dispõem de recursos, simplesmente não podem nem sonhar com terras. Os proprietários exigem dinheiro, como entrada e não dão nenhum auxílio”.

O Sr. Wallau descreve os poloneses de forma negativa, especialmente aqueles que chegaram a Porto Alegre no ano passado. “Esses, escreve, principalmente os refugiados das colônias, são verdadeiro lixo. De modo geral são os piores elementos, os componentes da imigração do ano passado, oriunda do Congresso. Não querem trabalhar”. As ocupações que o Sr. Wallau encontrou nas fábricas propiciam de 16 a 30 mil-réis mensais e a manutenção. Todos abandonaram o serviço depois de uma ou duas semanas. Queixam-se do alimento, do trabalho, enquanto outros, principalmente os operários, estão contentes.

A Comissão Colonizadora de Porto Alegre, na opinião do Sr. Wallau, é analisada de forma positiva. Esforça-se, na medida das possibilidades, em afastar todos os abusos dos subordinados, corrigir as falhas administrativas e satisfazer as justas reivindicações. Nestes dias, o

cônsul Bogdanov, em companhia do Pe. Mozejewski, expulso do Congresso, visita as colônias polonesas do Rio Grande do Sul. O cônego, atualmente com residência em Detroit (Estados Unidos), foi especialmente contratado pelo governo brasileiro para tal fim. O sacerdote, que os imigrantes conheceram em Buenos Aires, é culto e esclarecido. Ele poderá fornecer notícias detalhadas.

Na falta de dados meteorológicos exatos, as melhores observações podem ser obtidas através da vegetação e dos produtos agrícolas.

Na região de Porto Alegre cultiva-se: milho (duas colheitas anuais), ervilha, arroz, feijão, centeio, cevada, batata (duas vezes ao ano), fumo, vinho, laranja, pêsego, pera, ameixa, maçã; banana, cana-de-açúcar, além de outros produtos. Conclui-se de que o clima é idêntico ao sul da Europa. Em lugares protegidos contra os ventos sulinos, medra a cana-de-açúcar. Por não suportar geadas, o seu limite é o sul. Se a compararmos a próxima província argentina de Misiones, temos que confessar de que é fraca e raquítica. O café, mais sensível à temperatura e mais delicado, não cresce aqui. A isoterma anual acusa uma temperatura superior a 20° em torno de Porto Alegre. O clima da planície é tropical, suavizando à medida que sobe às montanhas e nas regiões de matas. Nos campos do sul o clima é simplesmente insuportável. No inverno sopra um vento frio, cortante, chamado "pampeiro".

Porto Alegre exporta para o Centro e Norte do País: milho, feijão, ervilha, carne de porco, toucinho, álcool, ovos e vinho. São colocados nos mercados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Porto Alegre situa-se ao norte de uma grande baía. Margeia uma grande parte da Província e forma uma faixa de praias arenosas. Liga-se com o mar ao Sul do Rio Grande, por isso os navios que vêm do Norte ou de Pelotas, passam por esta cidade.

As serras da orla marítima perdem-se de vista. Diante de nós desvenda-se uma estepe, suave como uma mesa, raramente diversificada por algum capão de algarobeiras. A paisagem é inteiramente brasileira. A terra e a simpatia, principalmente da população espanhola, inclinam-se para o Uruguai.

Por tudo isto concluímos que os imigrantes do Rio Grande do Sul encontram-se em situação idêntica àqueles dos outros Estados. Permanecem por meio ano nos barracos, são explorados pelos negociantes, padecem a mesma desordem administrativa.

CAPÍTULO VII

As Velhas Colônias Polonesas do Paraná

Os imigrantes poloneses em número diminuto estabeleceram-se no Paraná, há 40 anos. As colônias oficiais datam de 1860. Eram governamentais ou financiadas pelo governo. Em 1870 surgiu a firma, subvencionada pelos poderes públicos, "Pereira Alves Bendaszewski". Agia energicamente e, dispondo de capitais necessários, trouxe milhares de italianos, tirolezes, franceses e por meio de Bendaszewski poloneses.*

Fixaram-se estes, nos três Estados sulinos: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Os imigrantes, pelos anos de 1872/73, encontraram Curitiba silenciosa. Era uma cidade de 1.500 habitantes. Os arredores, mais próximos estavam despovoados e sem nenhuma cultura. Os primeiros momentos não foram alegres. Depois de uma viagem marítima de 3 meses (navios a vela), eram desembarcados em Paranaguá, São Francisco e Porto Alegre.

Essa gente, maltratada pela viagem, desembarcava sem nenhum recurso, sem qualquer auxílio. Vinham com a finalidade de se fixar na lavoura. Ganhavam as terras. Não possuíam meios para sua manutenção. Levados pela necessidade, foram trabalhar na construção da estrada de ferro que demandava Curitiba. Miseráveis, desanimados, como sói acontecer com o aldeão sem terra, os "futuros" colonos, frustrados, tinham que se conformar com a sorte semelhante a dos antigos negros. Em verdade, ganhavam relativamente bem (3 mil-réis diários), mas as condições do litoral quente e insalubre, tornavam o trabalho penoso. Não havia perspectiva de dias melhores. Nessa época trabalhava na construção de estrada o Sr. Saporski. Tomou sobre si a causa de imigração. Com o auxílio de homens influentes do governo conseguiu que fossem destinados lotes de terra aos imigrantes, nos arredores de Curitiba, na atual colônia de Abranches.

Saporski trouxe da Província de Santa Catarina algumas dezenas de famílias polonesas. Não é meu escopo descrever as dificuldades que teve em seu empreendimento: revoltavam-se, preparavam aventuras

* Os agentes de Bendaszewski como na última emigração para o Brasil, em Bremen e Hamburgo, orientavam os poloneses para a América do Norte e para o Brasil. Os colonos narraram-me que trabalhavam em Galícia, Prússia e Poznan. Propalavam os milagres brasileiros. Ele contribuiu para a emigração, ganhando imensas fortunas. Os colonos pagavam o transporte abaixo do custo, cerca de 400 francos.

em Curitiba, traziam enormes dissabores ao protetor. Dessa luta surgiram as colônias nos arredores de Curitiba. As terras seguintes fixaram-se em terras do governo nas proximidades das primeiras.

Geografia do Paraná

O Paraná situa-se entre 22 e 26° latitude sul e limita-se:

A Leste com o Oceano Atlântico.

Ao Norte com São Paulo, mediante o Rio Paranapanema quase em toda a sua extensão.

Ao Oeste com o Rio Paraná, desde a foz do Paranapanema até o Rio Santo Antônio, na conflitante Província de Misiones, Argentina.

Ao Sul com o Uruguai e Santa Catarina.

Do ponto de vista climático e geográfico o Paraná pode ser dividido em três partes: 1º — Planície do Litoral, com as cidades de Antonina, Morretes e Porto de Paranaguá. Essa baixada, que medeia entre a orla e as serras, possui uma faixa de 7/8 milhas de terras alagadiças. Cultiva-se café, cana-de-açúcar e banana. O clima é tropical, insalubre e grassa a febre amarela.

2º — Serras do Mar, com algumas milhas de largura. O seu clima é semi-temperado, por se encontrar a 1.000 acima do nível do mar. É quase despovoada.

3º — É o verdadeiro Paraná. Trata-se de uma enorme extensão de terras, que vão desde as Serras do Mar até o Rio Paraná. São planaltos, cortados pelos vales dos rios que fluem para o oeste. Curitiba situa-se a 1.000 metros acima do nível do mar e São Mateus a 480 metros.

Nos arredores de Curitiba nasce o Rio Iguaçu que corre pelo planalto inclinado para o oeste. É uma das melhores artérias de comunicação. Sua foz possui quedas que impedem a navegação.

Nas barrancas do Iguaçu e seus afluentes localizam-se as colônias polonesas. O clima nas proximidades das serras é moderado. Nas planícies, no rumo oeste, vai passando gradativamente para tropical, quente.

A terra é vermelha, originária da decomposição de granitos. Há faixas de erosão. As baixadas são cobertas de matas, ao passo que os outeiros e campos são secos e arenosos.

População: O Paraná possui aproximadamente 310 mil habitantes. Em média 1 habitante por km². Do ponto de vista de nacionalidades é a seguinte a sua composição:

Alemães	10.000
Poloneses (aproximadamente)	25.000
Italianos	15.000

Outros imigrantes atingem alguns milhares. O restante da po-

pulação consta de indígenas, portugueses, mestiços de índios, negros e mulatos de toda espécie.

Colônias Polonesas

As velhas colônias circundam Curitiba, cidade de 15 mil pessoas atualmente. Formam um semi-círculo que alcança um raio de 3 a 30 quilômetros.

A cifra global é de 1.600 colônias particulares e sua população oscila entre 12 a 15 mil almas. As colônias agrupam-se em torno das paróquias e formam os seguintes núcleos:

1º — Paróquia São Miguel

(Tomás Coelho) — Vigário: Pe. Soja

- a — Polesie (Derrubada)
- b — Biskajówka (Terra de Biscaia)
- c — Stare Rosy (Roça Velha)
- d — Srednie Rosy (Roça Média)
- e — Zakupne Rosy (Roça Comprada)

2º — Paróquia Nossa Senhora das Dores

Pertence a Tomás Coelho

Vigário: Pe. Andrzejewski

- a — Barão Taunay
- b — Nova Campina
- c — Inguaz (Iguaçu-Araucária)
- d — Santa Alice
- e — Portão
- f — 2ª Parte de Polesie

3º — Paróquia de Abranches

Vigário: Pe. Dziatkowicz

- a — Abranches
- b — Orleans
- c — Dom Pedro
- d — Riviere
- e — Dom Augusto
- f — Botiatuvinha

É difícil descrever essas colônias em vista da extensão que ocupam. Só pode ser feita por aproximação. Considerando-se o semi-círculo que não ultrapassa 20 quilômetros e seu comprimento não vai além de 50, a extensão das colônias, por estimativa, deve atingir 1.000 km². A área é permeada de campos.

Os colonos poloneses dedicam-se à lavoura. O restante da população extrai e fabrica o mate. Este é o único produto de exportação e fonte de renda para a Província do Paraná.

Para melhor conhecimento das colônias vou citar excertos do meu diário de viagem.

Curitiba, 23 de agosto de 1891

Hoje visitamos a cidade e seus arredores. A cidade possui uma população de 15 mil habitantes, distribuída pelos outeiros, em meio a campos. Situa-se um pouco mais baixo do que as colônias. As ruas são largas e possui casas com mais de um pavimento. É uma cidade típica de campos. Não há calçadas e as ruas são macadamizadas, e bem conservadas. No meio dos leitos das vias correm os trilhos dos bondes, que geralmente trafegam vazios. As poucas calçadas são de pedra.

No centro da cidade existe um enorme mercado, com uma igreja de estilo gótico, diante da qual vegetam árvores raquíticas e medra uma grama campestre, pisada e abandonada. Existem montes de pedra. Pastam cavalos e muarens tranquilamente. As ruas adjacentes apresentam o mesmo abandono e desleixo. Essas são mais sujas e prolongam-se até as bordas dos campos. Não é fácil desvendar quais são as principais, porque a cidade têm a mesma imagem em todas as direções, mesmo nos detalhes. As maiores casas são ocupadas pelo comércio e pelas oficinas. Alguns negócios ostentam nomes poloneses: Szulc, Stachowski, Flizikowski. Uma delas traz em letras garrafais a inscrição: "Karczma Polska" (Bodega Polonesa).

Em tempo de chuva a cidade é lamacenta. Durante as estiagens, nuvens de poeira encobrem a cidade e a vida tranqüila. Duas vezes por semana vêm do interior as carroças com produtos a serem vendidos no mercado. Com raras exceções, são galicianos e silesianos das velhas colônias dos arredores da Capital. Nos dias de mercado Curitiba toma aspecto de cidade polonesa em tempo de feira. São poucos os poloneses residentes em Curitiba. Da última leva ficaram alguns artesãos. Seus lucros são suficientes para levar uma vida modesta.

Tomás Coelho, Fins de agosto

Esta colônia teve início com algumas famílias, há 15 anos. Provenham da Alta Silésia e da Galícia (Gorlice-Tarnów-Jaslo). Receberam terra do governo. Os lotes são dos mais diferentes tamanhos. As glebas próprias para culturas são poucos. Apenas alguns acres, em cada lote. O restante é capoeira, mato e campos. Estes últimos servem de excelente pasto, que os colonos fizeram comum.

Mediante um acordo firmado, os colonos obrigaram-se a pagar entre 130 a 200 mil-réis ao governo, no espaço de 8 anos. Caso não o conseguissem, o tempo seria prorrogado até 13 anos. Só depois desses prazos é que pagam um juro à base de 10%. Até agora são poucos os que ressarciram seus débitos. Alguns nem sequer conseguiram pagar juros. Esperam que dentro da desordem administrativa não vão pagar nada. Além da terra, obtiveram sementes de centeio e milho para o plantio. Inicialmente ganharam bons salários na construção das estradas. Com o tempo organizaram suas propriedades e alcançaram um bem-estar relativo.

O colono, que pagar o compromisso, ganha o título de propriedade. Caso queira vender, basta ir ao delegado da colônia e este anota a transação num livro apropriado. A mesma coisa acontece quando fazem empréstimo de dinheiro. A importância é anotada em livro que é uma espécie de "livro de hipotecas". Ao apresentarem o título de propriedade em ofícios de Curitiba, este é mudado para "Letras Públicas". Em tudo isso reina grande confusão. Muitos preferem libertar-se das terras do governo e adquirir de particulares. Temem que no futuro poderão ser expulsos. Não pagam impostos diretamente, com exceção do rodoviário: 1 mil-réis por roda (quatro mil-réis por uma carroça). Somente as cidades têm o direito de cobrar impostos sobre os produtos que entram. Chama-se imposto de consumo.

Visitamos a colônia. Uma enorme extensão desfralda-se diante dos olhos. Quase toda é desbastada. As casas encontram-se nas baixadas. São espalhadas. No alto ergue-se a igreja branca, tendo a seu lado a casa paroquial. As casas são individuais e distantes umas das outras. Raramente encontram-se três a quatro juntos e estas semelham uma aldeia.

O panorama parece semeado de pequenos castelos, em meio a canteio verdejante e viçoso, a campos arados para o plantio de lotes de milho maduro, da safra do ano anterior.

Andamos por uma estrada larga, ladeada de cercas à polonesa, casinhas nos morros, construções diversas e pomares de pêssegos. Essas árvores cobrem-se de flores vermelhas, pois estamos em plena primavera. Adiante, à beira do caminho, encontra-se a ferraria tipicamente polonesa. Trabalham algumas pessoas. Atravessamos uma baixada de mata e pinheiros. No caminho deparamo-nos com o Pe. Soja. Cavalgava juntamente com o sacristão.

..Entramos numa "venda" polonesa. O dono recebeu-nos com cachaça, broa e linguiça polonesa. Falta de asseio como em qualquer casa de negócios polonesa. Ao meio uma mesa e bancos pesados. Tudo respira gosto polonês!

Chegamos à casa paroquial. Visitamos a colônia juntamente com o vigário. Servimo-nos de cavalos.

Em toda a parte reina um bem-estar razoável. As casas são boas e dos mais variados estilos e tipos: pequenas, apertadas, à moda da Galícia ou típicas das cidades provincianas com varandas e até de material. A cozinha geralmente está separada. Os mais pobres cozinham sob um telhado de táboas.

Entramos na residência do Sr. Wantroba. A casa compõe-se de duas salas. Pelas paredes vêm-se quadros de santos, trazidos ou importados da Polônia, utensílios, bancos, mesa e cama. Reina ordem e asseio. Ao lado da residência, está o paiol, as estrebarias, o curral e a cozinha. O proprietário reside aqui, há seis anos...

Durante dois anos foi empregado. Depois comprou um lote de terra de 20 morgas ao preço de 450 mil-réis para pagar em parcelas. Já

pagou a dívida e hoje é dono da propriedade com mato. Economiza anualmente 250 mil.

O alimento consiste dos seguintes partos: de manhã café com leite; ao meio dia feijão, milho, broa com toucinho e à noite novamente café com leite.

A terra nestas colônias é pesada, oriunda da decomposição de serras de granito, nas baixadas é mesclada de humus. Semeiam centeio que produz mais ou menos 20 grãos, mas estes parecem requeimados. Além disso cultivam o milho que dá 100 a 180 grãos, batatas, feijão e mandioca.

A proximidade de Curitiba facilita a comercialização dos produtos, da lenha, dos cereais, etc., o que favorece o desenvolvimento da colônia.

Estabelecidos e sedimentados, começam a trazer os parentes de sua terra natal o que faz o rápido crescimento das colônias. Além disso o crescimento populacional aumenta amalucadamente, à moda americana. Ao interrogar os colonos por que há tantas crianças em toda a parte — em cada choupana existem algumas — um colono respondeu-me: “é só porque aqui faz calor, é que se reproduzem. . .” Creio que a reprodução humana tão violenta não pode ser atribuída ao calor, mas porque a mortalidade das crianças não acontece como na Polônia onde padecem de miséria. Nas duas paróquias de Tomás Coelho, com uma população de 5.500 almas, registram os livros paroquias o nascimento anual de 267 crianças, ou seja 48,5 por mil pessoas. A mortandade é mínima. Prefiro omitir a citação de cifras, pois as que tenho em mãos, retiradas de livros paroquias parecem incertas. Em todos os casos o aumento anual da população é de 3% que, acrescido dos parentes que vêm da Polônia constitui um aumento de 5%. Isso é um crescimento louco!

Uma população com tal crescimento demográfico necessita de campo de trabalho cada vez maior. Precisa de mais terra que encontra à vontade e a preços relativamente baratos. A morga custa apenas algumas dezenas de francos.

As colônias desenvolvem-se cada ano mais e alastram-se em direção Oeste, pelo vale do Iguaçu. Em vista de sua superioridade cultural afastam os brasileiros, atarefados na extração de mate e compram suas terras. Hoje, os nossos colonos estão chegando à cidadezinha de “Iguassu”. Visitamos alguns desses pioneiros, bastiões avançados que na sua marcha vitoriosa alijam os brasileiros de suas moradas antigas. Nas proximidades de Iguassu (cidade) pontifica em plena mata o barraco de Grepiski. Sua família vive nas proximidades de Curitiba. Entregou a propriedade aos filhos e ele comprou um lote de mato, corta-o e está construindo uma casa para morar. Atualmente recolhe-se num barraco, sofre muito desconforto e faz o sacrifício “para organizar uma nova propriedade” — recanto para a velhice.

Todas as colônias hoje possuem escolas, onde leciona-se em polonês e português.

Em geral a escolaridade é fraca. São os primeiros passos. Os professores comumente são colonos, gente despreparada. Interessam-se com cultura e esta é orientada pelos padres, os únicos intelectuais em nossas colônias agrícolas. O professor, além da coleta que os colonos fazem entre si para sua manutenção, recebe um auxílio governamental em torno de 480 mil-réis, mas sob a condição de prestar exame e ensinar em língua portuguesa as crianças.

Os colonos desta localidade estão se lançando para a indústria, para o comércio, abrindo casas comerciais, moinhos, bodegas. Todo o comércio da colônia está em mãos polonesas. Os mais ousados conseguiram consideráveis fortunas que somam algumas centenas de mil-réis.

O estado da colônia ostenta riqueza. Isto se comprova pelas ofertas que fazem para a construção de igrejas e para a manutenção dos padres. Nos livros paróquias podem ser vistas coletas que atingem até 100 mil-réis.

A primeira geração não aprendeu a língua portuguesa. Na vida familiar são bons, honestos, cordiais e hospitaleiros. É uma colônia integralmente agrícola, aldeia. . . “Aqui não há lugar para nobres, a terra é para o aldeão”, dizia-me com razão um colono. Atualmente não se pode pensar em termos de uma propriedade à base de empregados. Nas condições presentes cada um pode trabalhar para si, pois há terra à vontade. O capitalista intelectual só pode fazer fortuna no comércio ou especulação da terra.

Sente-se grave falta de médicos, farmacêuticos, professores, funcionários.

Os colonos são eleitores. Podem votar para o Congresso Provincial todos aqueles que moram um ano no Brasil (tornam-se cidadãos brasileiros), desde que saibam ler o alfabeto latino e assinar o nome. Apesar disto não há poloneses no Congresso!

O Estado do Paraná possui o seu Congresso, sua Constituição e seu Governador, em cujas mãos está depositado o Poder Executivo.

NÚMERO DE POLONESES NO BRASIL

O número de nossos poloneses brasileiros, especialmente os estabelecidos antigamente e em parte os novos só pode ser estipulado em aproximação.

Nos três Estados sulinos do Brasil estabeleceram-se mais de 20 mil nos últimos 20 anos, ou seja assim distribuídos:

1 — Paraná	12-15.000
2 — Santa Catarina	3.000
3 — Rio Grande do Sul *	8-10.000
Total	23-25.000

* Colônias: Conde d'Eu, Dona Isabel, Silveira Martins, Caxias, Soledade. Essas colônias são espalhadas em núcleos pequenos, em enormes áreas de terras. O número de poloneses é calculado em 10.000, mas essa cifra não foi conferida.

OS EMIGRANTES DOS ANOS 1890-1891

Segundo as listas oficiais ou mais precisamente segundo os dados detalhados da Comissão de Imigração, no ano de 1890 foram importados da Europa 107.100 imigrantes, assim distribuídos:

1 — da Itália	31.275
2 — da Rússia-Poloneses	27.125
3 — de Portugal	25.177
4 — da Espanha	12.004
5 — da Alemanha	4.812
6 — da França	2.844
7 — da Áustria	2.246
8 — da Suécia	354
9 — da Bélgica	308
10 — da Suíça	254
11 — de outros países	697
Total	107.100

No ano de 1891 foram trazidos 188.816 imigrantes. Possui o relatório discriminado, quanto a nacionalidade apenas dos primeiros 5 meses onde figuram os nossos sob a denominação de "polacos russos", com a cifra de 9.813. Até o dia 16 de junho de 1891 os poloneses ganhavam a passagem gratuita. Vi centenas deles desembarcarem nos primeiros dias de julho na Ilha das Flores no Rio de Janeiro. Certamente não exagerarei se adotar a cifra global de 11.000 imigrantes para o ano de 1891. Somados estes aos que vieram em 1890 teremos a considerável soma de 38.125 almas.

Além disso, em 1890 vieram da Alemanha e da Áustria 7.058 imigrantes, com boa porcentagem de poloneses. Destes o mínimo que pode ser considerado para os anos de 1890 e parte de 1891 será de 3-4.000 poloneses.

Dentro do acima exposto podemos considerar que o número de poloneses que imigrou para o Brasil nos anos de 1890-1891 é superior a 40.000.

Hoje portanto o número de poloneses, patrícios nossos no Brasil atinge a cifra entre 60-70 mil almas.

CAPITULO VIII

Resultado Final da Emigração ao Brasil dos Anos 1890/1891

Em resumo, de tudo o que foi dito até o presente, o resultado final da emigração aventureira maciça, a esmo que demandou o Brasil nos anos de 1890/1891, apresenta-se da seguinte forma:

1º — 8-100.00 emigrantes fixaram-se nas cidades ou foram para as fazendas de café. Destes na primeira metade do ano, faleceram 25% (crianças), isto representa de 2-2.500 criaturas. O resto perecerá, especialmente os que ficaram nas regiões insalubres do litoral (febre amarela), senão conseguirem sair de lá.

Uma parcela insignificante dos que residem nas cidades conquistará o bem estar. Do ponto de vista da nacionalidade eles estão condenados à assimilação.

2º — Cerca de 30 mil ou mais, principalmente aldeões, estabeleceram-se em colônias.

Destes:

a) 12 mil fixaram-se no Paraná, nas proximidades das velhas colônias polonesas. Destes perderam a vida nos barracos e no decurso da primeira metade do ano cerca de 10 a 12%. Se vencerem a miséria do primeiro ano (perecerá ainda uma boa porcentagem) alcançarão maior ou menor riqueza. Eles têm as maiores chances e o melhor futuro diante de si.

Do ponto de vista da nacionalidade, como agricultores, manter-se-ão agrupados, em grupos de milhares, permanecendo o que são, conservando a língua, os costumes, a vida polonesa senão para sempre pelo menos por largos anos.

b) 8.000 dos que se estabeleceram em Santa Catarina, do ponto de vista material não estão em condições de inferioridade com os do Paraná. A proximidade das colônias alemãs e italianas ameaça-os mais do que aqueles do Paraná no que respeita à nacionalidade.

c) 12.000 fixaram-se no Rio Grande do Sul, em grupos de milhares. Cerca de 1.000 deles fugiram para o Rio de Janeiro e outros mil faleceram.

Não se pode dizer nada de seguro quanto a esses grupos, bem como qual será o seu futuro, quer em Santa Catarina, quer no Rio Grande do Sul.

O FUTURO DAS COLÔNIAS POLONESAS NO PARANÁ

É evidente que as recém-fundadas colônias, nos anos de 1890-2, debater-se-ão por alguns anos com a pobreza e com a miséria, como aconteceu com as antigas colônias. Mais de um pagará a aclimação com o preço da própria vida. nestas terras americanas.

É falta séria a desinformação, o desconhecimento da língua e das condições, bem como o perambular irracional e tumultuado, a desorganização na implantação de colônias por funcionários ineptos (inaudita!). Por tudo isso terão que pagar caro, pelo menos com 1/4 de suas vidas. Apesar disto os demais estabeleceram-se em terras férteis, organizarão suas propriedades e à força formarão uma nova vida, mais cheia, mais ampla do que aquela a que estavam condenados esses párias sem terra na Polônia dos dias atuais.

Depois da primeira etapa da emigração febril, sobrevirá, como é normal, a segunda fase — a emigração calma. Essa imediatamente passará ao trabalho, ingressando diretamente no rol da vida social.

Assim foi e continua sendo com a nossa emigração para a América do Norte e da mesma maneira foi com os nossos antigos emigrantes para o Brasil. O mesmo há de suceder com a nova onda de emigrantes dos anos de 1890-1892. A população de nossa gente, composta de 20 e poucas mil almas, proveniente de todas as partes da Polônia, será a causa de uma emigração permanente, embora não seja maciça.

Não adiantou desaconselhar e não adianta fazê-lo agora. Essa onda é provocada por parentes que encontraram na América melhores meios de vida. Essa corrente fluirá sempre, ainda que de forma oculta.

As colônias polonesas no Paraná, há 15 anos contavam com alguns casebres, hoje contam com novas colônias e com mais de 3.000 residências e uma população superior a 20 mil almas. Daqui a alguns anos haverá milhares de casas e milhões de gente.

O exemplo dos Estados Unidos e do Canadá Francês, bem como da Argentina mostram que isso é perfeitamente viável.

Nas vizinhas províncias do sul do Brasil, as dezenas de colônias alemãs, organizadas em 1849, hoje constituem grandes regiões e uma população de meio milhão de almas, apesar de terem-se estabelecido em vales insalubres (Joinville, Blumenau, Itajaí). Em vista disso, como evidenciam as estatísticas, ainda que incompletas, o crescimento demográfico diminuiu na 2ª geração, bem como o fato de que a Alemanha encaminha sua emigração para o Kamerum, esta diminuiu grandemente para o Brasil. Por causa disto acham-se no setor de desenvolvimento demográfico e desenvolvimentista em condições inferiores do que os poloneses do Paraná.

As colônias polonesas desenvolvendo-se em áreas extensas de terra fértil, têm o seu futuro assegurado. Isto não são palavras ocas!

Hoje, só as velhas colônias ocupam uma área de 100 km² e uma extensão quase igual é povoada com novas colônias. Constituem juntas uma área territorial de algumas dezenas de quilômetros quadrados. É

verdade que apenas uma pequena parcela dessa terra é cultivada. Entre as colônias existem as estepes que às vezes chegam a quilômetros, e são conhecidos por "campos". Estes formam pasto coletivo, banhados inaproveitados ou matas virgens. Cultiva-se somente terra oriunda de mato, por ser mais fértil e o trabalho compensa mais do que o cultivo em terras secas dos descampados.

As colônias polonesas apresentam-se como um só organismo e do ponto de vista da nacionalidade são razoavelmente uniformes e quase inteiramente polonesas.

Os planos calculistas do Sr. Taunay de nada valeram. O governo permitiu que ele fizesse experiências para assimilar as colônias. Rasgou ele as colônias uniformes com outras nacionalidades. Foi fundada nas proximidades de Curitiba, em 1886, a colônia Antônio Prado, composta de poloneses, italianos, alemães e brasileiros. Julgavam que essas nacionalidades vão se hostilizar entre si — "comer-se" — ou então organizarão instituições comuns, formando uma coônia brasileira, com vida brasileira. A experiência falhou. Os colonos viveram em harmonia, mas em completa segregação, unindo-se aos seus patrícios de outras localidades. Dois anos atrás, igualmente foram implantadas colônias mistas. Para as colônias de São Mateus para o ambiente de famílias polonesas, enviaram 90 famílias espanholas. Os espanhóis vendo-se em ambiente estrangeiro, longe da vida castelhana, abandonaram a colônia.

É fato comprovado que nas terras sul americanas, onde o governo não está em condições de conduzir uma política de assimilação, à moda européia, onde os cidadãos livres de várias nacionalidades olham com nojo a transferência para as terras da América esse câncro (constituem excessão os recém-chegados), as colônias agrícolas, mesmo das proximidades das grandes colônias e junto a outras nacionalidades, não perderão sua nacionalidade.

Rio Vermelho (Santa Catarina) compõe-se de 2.000 poloneses, estabelecidos nas proximidades da enorme colônia alemã, de 9.000 almas de São Bento não se desnacionalizou. Formaram uma vida polonesa organizada. Falam o polonês melhor do que na Prússia Oriental, sua terra de origem. A consciência de nacionalidade desenvolveu-se melhor do que em seu país de nascimento.

Para isso agem causas inteiramente compreensíveis. Toda nacionalidade (falo de agricultores) traz para as terras americanas sua cultura, seus costumes, cada um vive dentro dos limites de sua própria vida.

O colono polonês têm em suas colônias suas próprias igrejas polonesas, escolas, moinhos, vendas, casas comerciais, casas construídas à moda polonesa carroças polonesas, cavalo com arreios poloneses. Quando vêm a cidade, Curitiba, por exemplo, dirigem-se a negócios poloneses, onde perguntam por mercadorias polonesas, vão a bodegas polonesas para encontrar-se com patrícios de outras colônias. Iriam ao médico polonês, à farmácia polonesa, à livraria polonesa, afinal elegeriam representante polonês para deputado ao Congresso, mas infelizmente há enorme falta de intelectuais e em vista disso a vida polonesa claudica.

Nas próprias colônias, os aldeões são senhores e aproveitam-se da situação: quando aparece um novo imigrante não vai trabalhar para um alemão ou um italiano, mas para um polonês na pior das hipóteses, senão puder fazê-lo por conta própria. O preço da terra aumenta rapidamente. Quem ganha com isso é o colono, pois seu capital cresce. Surge um núcleo no meio das colônias polonesas e este é o local exclusivamente para pooneses.

O governo das colônias reside nas mãos de cidadãos que ganham o seu sustento, sabendo ler e escrever (estes têm direito a votar para o Congresso Provincial) — portanto a decisão das questões domésticas e gerais da Província, está nas mãos dos colonos, do comerciante, do artífice.

Conquistando o bem-estar, com trabalho penoso, em breve chegará à cultura e, gozando da liberdade para organizar-se, em suas próprias colônias conquistará a devida influência no governo da Província.

No que diz respeito à nacionalidade os poloneses paranaenses, formam grupos coesos. Não precisam temer nada. Até o presente não falam a língua oficial, o português e, em Curitiba até comerciantes alemães aprenderam o polonês. A “inteligência” alemã, vendo a força dos poloneses, com que se deve contar a cada passo, manifesta-lhes simpatia.

Num baile, na sociedade alemã, o redator do jornal Beobachter, sr. Schneider, disse da tribuna pública que “os alemães brasileiros julgam uma vergonha a contribuição que a Alemanha deu para a divisão da Polônia”.

A manifestação foi recebida com uma vibrante salva de palmas pelo público. Numa outra reunião um professor, vindo recentemente da Europa teceu considerações pejorativas a respeito da Polônia, em nossa presença, foi imediatamente destituído de suas funções de professor do ginásio, excluído de todas as sociedades e obrigado a abandonar Curitiba.

Com o crescimento do bem estar material, crescerá a cultura e a consciência nacional. Agora as colônias recém-fundadas levam nomes brasileiros, mas integralmente poloneses: Polesie, Biskajówka, Santa Krystyna. Há nomes portugueses que são mudados para o polonês.

Comparadas com as colônias de outras nacionalidades, as polonesas do Brasil, ressentem-se de gente culta que pudesse prestar reais serviços, como médicos, farmacêuticos, professores comerciantes com capital. Ressentem-se de uma “inteligência” que além de seus afazeres profissionais tomasse sob sua responsabilidade a tarefa de agrupar organizar o poloneses e defender os interesses dos imigrantes no Congresso, na imprensa, nas sociedades.

Podendo eleger, atualmente, alguns deputados para o Congresso em Curitiba e pelo menos um representante para o Parlamento no Rio de Janeiro não o fazem, simplesmente pelo fato de não possuírem gente competente para tais cargos. Os colonos sentem essa falta.

Somente no ano passado, os nossos colonos deram os primeiros passos para uma organização com características nacionais, fundando a Sociedade Tadeusz Kosciuszko. Essa entidade por ocasião da proclamação da Constituição, em julho do ano passado, organizou um desfile de colonos, acentuando sua diferenciação de nacionalidade em igualdade de condições com os italianos e alemães.

—[]—

Uma vez que é impossível conter o nosso povo, em seu país natal, como aconteceu nos anos 1890-2, sendo essa gente obrigada a emigrar e tendo em vista que eles já formam suas colônias, agrupam-se, mantêm características de nacionalidade, julgo que isto para o país para a metrópole polonesa não deveria ser indiferente. Com isso a nossa vida nacional amplia-se, alarga-se, universaliza-se. Daqui a 100 anos, por exemplo, ao lado de centenas de outras nacionalidades, os poloneses constituirão milhões na América, África e Austrália. Será gente ligada com sentimentos tribais à Polônia. (Hoje nas Américas temos 1,5 milhão de patrícios!).

É indispensável criar laços de união com todas as colônias, saber de sua existência ajudar aqueles que são forçados a sair do país muni-los de informações seguras, para que não se percam improdutivamente, impedir de todas as formas as emigrações impensadas, cegas, ou levadas a efeito sem uma necessidade real.

Para cuidar constantemente dos problemas emigratórios é urgente a formação de um grupo de homens - inicialmente junto à redação de um órgão especializado da imprensa que pelo menos em parte pudessem ocupar-se com essas questões, formulando uma visão clara a respeito; contribuísse para que os passos fossem seguros, enérgicos e ação com planos pré-estabelecidos — para que controlasse esse problema vital, cada dia mais vital, para cuja solução apenas estamos dando os primeiros passos. Finalmente, para que contribuísse a fim de que não se repetissem mais as saídas maciças, feitas a esmo, como aconteceu com as de Poznan, após a guerra franco-prussiana para a América do Norte ou aquela do Congresso para o Brasil no decurso dos dois últimos anos.

No que diz respeito às colônias brasileiras é indispensável reforçá-las com intelectuais profissionais, que não podem sair do seio das mesmas, por falta de gente competente e escolas. Estes, além de levarem para um chão preparado pelo trabalho férreo do aldeão, o espírito polonês e reanimarem o corpo, aparentemente morto dessas colônias, levariam como ponto fundamental a organização. O foco central dessa atividade uniforme seria Curitiba ou uma das colônias.

Essa idéia começa a evoluir de forma nebulosa, em sonhos isolados e passa a tomar formas mais definidas. Cristaliza-se nas mentes de nossos irmãos brasileiros.

Pessoalmente julgaria que a melhor coisa seria a fundação em Curitiba de uma “Casa Nacional Polonesa”, onde além do comércio de produtos poloneses tão procurados pelos colonos, deveria ser fundada uma livraria, a redação de um jornal (os tipos já vieram de Varsóvia),

uma sala de reuniões, onde poderiam ser feitas apresentações teatrais (como fazem os alemães), afinal um hotel, uma farmácia. . .

As colônias hoje estão em condições de manter tal instituição em maior ou menor escala. Quem o sabe? Talvez algum capitalista polonês, depois de examinar a questão acuradamente, pudesse po-la em prática?

Isso, hoje ainda é um sonho, mas em nome da causa, poderá tornar-se realidade em futuro não muito distante. Deve-se formar uma instituição de relações permanentes entre os colonos com auxílio da Sociedade Polonesa de Navegação. Hoje centenas de navios italianos, ingleses, franceses, dinamarqueses, alemães, espanhóis, portugueses mantêm relações entre as metrópoles e as colônias espalhadas pelo mundo. Prestam serviços a ambas as partes sob todos os aspectos. Quando os poloneses desenvolverem-se em maiores colônias nas duas Américas, talvez em outras partes do globo, isso será uma verdadeira necessidade, pois o emigrante já hoje reclama várias necessidades e em todos os problemas primeiramente volta-se para a velha Mãe-Pátria.

Muitos dos atuais sonhos respaldar-se-ão numa real prestação de serviços mútuos entre a velha e as novas comunidades.

PODE SE PENSAR NA FORMAÇÃO DE COLÔNIAS NA ARGENTINA?

Não se pode sonhar com formação de colônias novas na Argentina e no Chile e dirigir para lá as levas emigratórias. *

O fruto do trabalho do Dr. Klobukowski manifesta-se nas frases que se podem ouvir a cada passo. Deve-se "organizar, fundar" colônias polonesas na Argentina e não em outras partes. Para lá deve ser orientada a nossa emigração.

O pensamento é extraordinário. Tudo, porém, esboroa nisto: A Patagônia e Neuquen são desertos (às vezes existem 50 quilômetros sem água) e acham-se distantes 150 a 360 milhas do Atlântico e a comunicação com o Pacífico através do Chile é sobremodo difícil. Contribuem para isso em grande parte as Cordilheiras, existentes em toda a linha e só em alguns pontos podem ser transpostas em direção do Oriente.

Em verdade as províncias de Buenos Aires e Entrerios são excelentes e há quem afirme que o Gran Chaco o é em parte. As estepes de Buenos Aires em nada são inferiores as da Ucrânia. A umidade do Atlântico e de La Plata, apesar dos fortes ventos das estepes (o Papmeiro), provenientes dos cumes das Cordilheiras (esses ventos impedem que as chuvas penetrem no interior das províncias além de 150 a 200 quilômetros) atingem realmente em quantidade suficiente a faixa litorâ-

* Este assunto foi lembrado pelo Dr. Estanislau Klobukowski no seu trabalho: "A Emigração Polonesa Anual", Lwów, 1890. Segundo descrições oficiais, destas que estimulam a emigração, apresentava de forma excelente (Chubut, Neuquen, Vale do Rio Negro, Terra do Fogo). O vale do Rio Negro, parte da Patagônia, Vale do L'may e Neuquen foram por nós visitados. Não se pode nem falar de lavoura. O Chile em sua parte sul é montanhoso e ao norte é povoado.

nea. Todavia para organizar lá colônias é indispensável comprar a terra de particulares ou organizações e para tal é forçoso dispor de muitos milhões. Isso só pode permitir-se um Hirst, apesar de que 50 milhões de francos não podem fazer grandes coisas, em vista dos altos preços das terras nas Américas.

Além do mais o nosso emigrante, com excessão da “febre brasileira” quando o governo brasileiro custeava as passagens, procura dirigir-se para lá onde estão seus parentes que lhe pagam a travessia. Querendo formar colônias é indispensável canalizar emigrantes, dispor de milhões para seu transporte e para a organização de seus propriedades.

Essas questões encontrariam solução fácil desde que se possuísse milhões no bolso. Ali tudo se esborroa. O mesmo pode-se dizer de todas as demais colônias em outras partes do mundo.

A QUE ASPIRAR?

Hoje devem ser atirados para longe os sonhos de organizar colônias polonesas do nada. Devem ser conhecidas acuradamente as existentes, onde os nossos patrícios com seu trabalho amalhearam milhões, onde já saíram de seu meio homens de ação, de iniciativa, onde formaram núcleos de vida e pensamento poloneses, núcleos esses espalhados pelo globo e voltar para lá a atividade, a fim de, em terreno já preparado estreitar os laços de prestação de serviços mútuos (a exemplo da Inglaterra, Alemanha e Itália). Tender para que os poloneses espalhados pelo mundo inteiro, separados por enormes distâncias que cada dia diminuem, graças ao melhoramento das comunicações, constituam uma organização e um todo em todos os campos: na indústria, no comércio, na agricultura, na ciência, para que a vida polonesa venha a tornar-se mais profunda e universal.

JOÃO KRAWCZYK

A Literatura Polono-Paranaense

(Contribuição para o estudo da criatividade literária polonesa no Brasil)

Introdução

Na vida cultural dos imigrantes poloneses, radicados no Brasil, surgiu um curioso fenômeno, que por parte dos estudiosos de problemas migratórios e suas manifestações na vida coletiva dos grupos étnicos, merece uma atenção toda especial. Trata-se do fenômeno literário, com mais precisão: criatividade literária que, qual uma flor isolada no campo árido brotara espontaneamente, e, sem cuidados ou carinho de quem quer que fosse, florescera, exalando seu perfume acre durante um período muito limitado. Devido às circunstâncias e à época em que nasceu, a criatividade polono-paranaense teve uma vida efêmera, não conseguira alcançar os cumes da arte, não deixara obras-primas, nem nomes brilhantes, porém seu acervo é de tal vulto, que ao se deparar com ela, surge a pergunta: Por que e para quem foi criada essa obra?...

O estudo desta criatividade não é fácil e, o principal obstáculo com o qual o historiador e o estudioso se encontrarão será a língua polonesa, da qual — como é óbvio — ela se utilizara. Portanto, para dissecá-la e compreendê-la, indispensável se torna o conhecimento tanto da língua polonesa como da história e da literatura do povo polonês. Munidos assim poderemos afundar-nos agora sem receio neste vasto lago de contos, lendas, poemas, casos, sátiras, ensaios e histórias que abrangem — sem exagero — todos os gêneros da criatividade literária.

Em geral, predomina um conceito baseado nas falsas premissas, de acordo com o qual atribui-se aos poloneses chegados ao Brasil, um nível cultural muito baixo. Não se pode negar que durante os primeiros anos da imigração os poloneses existentes no Brasil com instrução universitária eram muito poucos, constituíram uma parcela ínfima perante os camponeses que se dirigiam para a lavoura. Mas isto não quer dizer que esses camponeses perante aqueles pouquíssimos universitários, eram completos analfabetos. Ao contrário, se o fossem não teriam surgido dentro de poucos anos dezenas e mais tarde centenas de escolas e sociedades culturais mesmo nos mais afastados núcleos coloniais, onde o movimento cultural teve sua máxima manifestação no teatro amador

bem organizado; ou, se o fossem para quem teria sido apresentado o produto da criatividade literária?

Deixando, porém, de lado as especulações neste sentido, desejamos ocupar-nos com a resposta que deve seguir à pergunta: "Porque esta criatividade literária tomou vulto somente em língua polonesa?" A explicação imediata e mais fácil seria: "Devido a sua origem polonesa." Se ela tivesse se manifestado no agrupamento étnico inglês, francês ou grego, teria sido forçosamente inglesa, francesa ou grega. Como, o problema apresenta-se mais complexo, devemos dar-lhe uma atenção maior.

A avalanche imigratória oriunda da Polônia, provinha das três zonas de ocupação: russa, prussiana e austríaca. Em cada uma dessas zonas a administração econômica, cultural e religiosa obedecia a diretrizes diferentes, isto é de conformidade com os interesses do ocupante. Tanto a língua pátria como a religião eram alvos das perseguições impiedosas, por serem considerados pelo ocupante como escudos perigosos, atrás dos quais ocultava-se, de reação violenta, o nacionalismo polonês. A tarefa da despolonização dos territórios ocupados e do seu povo, permitiria a sua absorção pelos organismos impostos e, conseqüentemente, levaria ao desaparecimento tanto da Polônia como dos poloneses. Tal política, realizada paulatinamente mas com todo rigor, era odiada pelos poloneses.

Uma vez no Brasil, que na época era considerado um país mais liberal do mundo, os poloneses procuraram organizar-se em sociedades culturais, a fim de preservar a sua nacionalidade, negada na própria pátria pelo ocupante. Essa tarefa foi-lhes facilitada pelas próprias autoridades brasileiras, que lhes garantiram o livre uso do próprio idioma ao lado do culto religioso.

Baseando-se nesse apoio, a vida cultural proliferou de maneira espantosa em todos os setores. Um exemplo fora de comum oferece-nos a imprensa em língua polonesa que, fundada em 1892, desenvolveu-se nos quatro estados sulinos de tal maneira, que seu número entre semanários, mensários e outras publicações periódicas alcança o número de 100. O primeiro a surgir foi o semanário "Gazeta Polska", o último que perdura até hoje, é o "Lud". Entre o primeiro e o último haviam sido editados jornais de caráter informativo, religioso, educativo, político, agrícola, literário, satírico e humorístico.

Como é óbvio, com a imprensa surgiu a necessidade de pessoas habilitadas ao manejo da pena e ao fornecimento de matéria para publicação. E, prestem atenção, não se tratava de matéria qualquer. O leitor reclamava, entre outros, que o jornal fornecesse notícias locais, exigia a ventilação dos problemas que o afligiam, aqueles que deviam ser enfrentados com toda honestidade, dissecados e solucionados por pessoas capacitadas. O colono, para quem, em princípio, fora criada a imprensa, esse semi-analfabeto — como o geralmente consideravam — após o ruído do trabalho diário, à noite, ou melhor aos domingos, desejava alimentar seu espírito com notícias do Brasil, depois da pátria distante e no fim —

do mundo inteiro; depois, com o auxílio do comentarista hábil e bem orientado, refletir sobre as questões que o rodeavam. E estas eram numerosas: fundação das escolas, ereção de igrejas, melhoramentos das estradas, escoamento dos produtos agrícolas, combate às pragas, assistência médica, futuro de sua prole...

Partindo daí, o primeiro passo foi para o jornalismo, deste para a criatividade literária, o segundo.

A necessidade criou primeiramente simples correspondentes do interior, recrutados por muitas vezes dentro dos próprios colonos, que gradativamente foram substituídos por professores primários, já que esses dispunham de mais tempo e possuíam maior habilidade no manejo do lápis. Não raro eram os padres ou os agentes dos jornais que registravam os fatos ocorridos na redondeza, tais como: a morte de alguém, a peste do gado, a invasão dos gafanhotos, festas de casamento, batizado ou outro acontecimento, importante na vida pacata do campo.

Com o decorrer do tempo, alguns deles foram se aperfeiçoando na redação de relatórios de tal maneira que, depois, servindo-se de um pouco da imaginação, à qual somando outro tanto da experiência, adquirida no convívio com o homem do campo e do mato, produziram aquilo, que comumente denominamos de produção literária.

Tentativa de uma definição

Dar uma definição apropriada e exata para este fenômeno cultural que foi a criatividade literária dos poloneses no Brasil, é uma tarefa assaz temerária. Temerária, porque a definição que se nos afigura, talvez não seja adequada e por conseguinte pode levantar dúvidas e mal-entendidos. Chamá-lo de literatura, seria impor-lhe um valor excessivamente alto, e a outra definição, no nosso entender, não lhe cabe. E, se apesar de tudo deixarmos com a denominação de literatura, que qualificação dar-lhe? Polonesa? Não será justo, embora ela tenha suas raízes profundamente encravadas na cultura da velha pátria porque não têm ligação direta com a temática do povo polonês, nem com os seus problemas. Também não é literatura brasileira, pois para sê-la teria que ser criada em português, a língua materna brasileira e ocupar-se com assuntos nativistas.

Para não ficarmos no vazio e dar prosseguimento às nossas considerações, somos forçados — antes que seja encontrada uma definição mais precisa — a chamá-la de literatura polono-paranaense. Parcialmente esta denominação corresponde a verdade. Surgiu ela para servir ao polonês, radicado no Brasil, para ampará-lo, defendê-lo, animá-lo e guiá-lo, para ser-lhe companheira fiel e dedicada nas horas difíceis e amargas de abandono e desespero, muitas vezes, assim como para compartilhar com ele das poucas alegrias e sucessos esporádicos.

Da grande plêiade de nomes procuramos evidenciar apenas alguns, os mais importantes, que de uma ou de outra forma chegaram a se destacar neste setor, contribuindo para o desenvolvimento cultural de seus compatriotas, vinculados, já de maneira direta à terra brasileira.

Ocupar-nos-emos somente com os que, além de endereçar sua obra ao leitor desvinculado da velha pátria, sentiram-se também eles próprios enfeitados pelos encantos da nova pátria de tal maneira que uniram seu futuro e seu destino com o futuro e o destino da terra brasileira. Se esse afeto que eles sentiram pela nova pátria podemos denominar de amor, procuraram exprimi-lo em língua que lhes era materna, já que ainda não haviam dominado adequadamente o idioma da terra. E fizeram-no com a mentalidade e o coração eslavos, não menos sensíveis e ardorosos do que tantos outros de descendência latina. Muitos outros autores, embora tivessem se ocupado por longos anos com assuntos brasileiros e criado obras de real interesse para o leitor na Polônia, deixamos de incluir neste trabalho, por fugirem — em nossa opinião — do enquadramento denominado por nós: “literatura polono-paranaense”.

O meio

O tipo da corrente imigratória, procedente da Polônia, na sua essência, era agrícola, pois para a lavoura é que se destinava. Os poucos com instrução, acima da média, procuravam arranjar-se nas cidades, onde a vida era mais fácil e onde as suas aptidões poderiam ser melhor aproveitadas. Curitiba era o lugar de sua preferência. Ali havia colônia polonesa bastante numerosa e no meio de patrícios muitos sentiam a ilusão de estar na própria pátria. Alguns médicos, farmacêuticos, dentistas, depois marceneiros, padeiros, sapateiros, comerciantes e operários, apesar de representarem diferentes graus de instrução, constituiram uma classe unida e solidária sob diversos pontos de vista. Poucos professores, representavam uma elite culta. Existia uma “livraria polaca”, na Praça Tiradentes, ponto de reunião das pessoas cultas. O número de sociedades variava de acordo com a época, sendo que a mais antiga era a de Tadeusz Kosciuszko, depois vinha Szkola Ludowa (Escola Popular), Związek Polski (União dos Poloneses), Junak, o teatro amador polonês ZAS, o colégio polono-brasileiro H. Sienkiewicz, a sociedade cultural Oswiata, Centralny Związek Polaków w Brazylii (União Central dos Poloneses no Brasil), Związek Rolników Polskich (Associação dos Agricultores Poloneses), e uma meia dúzia de escolas polono-brasileiras, nas quais ensinavam professores formados ou amadores. Em cada sociedade atuava um grupo de amadores do teatro, esforçando-se em popularizar este meio de difusão de cultura. Nasciam e desapareciam dezenas de jornais em língua polonesa, eram publicadas revistas satíricas de vida efêmera, mensários de cunho cultural-literário, todos condenados à morte prematura. Dos que tiveram a vida mais prolongada destacam-se Gazeta Polska w Brazylii (cerca de 50 anos), Swit (A Alvorada) (mais de uma década), Polska Prawda w Brazylii (A Verdade Polonesa) (cerca de 15 anos) e Lud (O Povo) que continua saindo desde 1921). Todos eles mantinham entre si polêmicas calorosas, as vezes acirradas, acusando-se mutuamente, divergindo em vários assuntos e todos eles procurando a verdade; apresentavam ideologias básicas, únicas, orientações as mais práticas, capazes de servir de salvação para o mundo e toda a humanidade. Ao seu redor formavam-se grupos e grupinhos de adeptos fervorosos e intransigentes, defensores das causas, embora perdidas, porém insubstituíveis.

Três eram os elementos, que exerciam uma poderosa influência atrativa sobre os poloneses: a) sociedades com sua vida clubística e social; b) teatro amador, no qual podiam dar evasão às suas aptidões artísticas; e c) imprensa, pela qual transmitiam suas idéias liberais de livre-pensadores, ateístas, religiosas, filosóficas ou qualquer outras, para todos os gostos e para todos os fins.

As sociedades ou agremiações constituíam palco de uma atividade social agitada com seus lados positivos ou negativos, reuniões, bailes, datas comemorativas, construção ou ampliação de suas sedes, colônias de férias, auxílio funeral — enfim toda uma política em torno da sociedade e seus probleminhas. Objetivos mais elevados, propunha-se a realizar o teatro amador, em torno do qual agrupavam-se pessoas de aspirações artísticas, para quem o palco constituía a mais alta manifestação da arte e da cultura. Sacrificavam eles seu precioso tempo, parcos recursos materiais, todas as suas energias e a paixão, num único objetivo de tornar acessíveis ao público as melhores obras teatrais da literatura polonesa e estrangeira.

A imprensa em língua polonesa (repetimos: em língua polonesa — pois servia única e exclusivamente aos interesses dos imigrantes poloneses, chegados ao Brasil), aproveitava-se de qualquer oportunidade para registrar todos esses acontecimentos de cunho social ou cultural, explorando-os até ao máximo, dando lhes comentários de conformidade com a própria orientação. Não raro, as páginas desses jornais transformavam-se em campos de verdadeiras batalhas verbais, travadas com ardor ferrenho pelos polemistas, portadores as vezes dos mais estranhos programas sociais. Conforme a época, os componentes da coletividade polonesa dividiam-se entre clericais e anticlericais ou chamados progressistas e neutros, que mantinham entre si prolongadas polêmicas acirradas, servindo-se de mais complicada argumentação a fim de fazer prevalecer seu ponto de vista. Escândalos por mais insignificantes que fossem, assumiam proporções exageradas, servindo de pasto para elementos de ambições mórbidas ou frustradas.

Tal ambiente de agitação permanente, representava, sem dúvida alguma, uma espécie de escola na qual se formavam os futuros mestres da pena, os quais no manejo adequado da linguagem viam a possibilidade de atingir seu objetivo: o de chegar à compreensão do leitor e derrotar seu adversário. A palavra escrita tinha poderes ilimitados, quem a dominava com perfeição podia considerar-se dono da situação. Portanto o constante aperfeiçoamento da linguagem, a paciente burilagem do estilo e o esforço no sentido de tornar cada vez mais clara e precisa a expressão de suas idéias, contribuíram de maneira relevante para a formação de futuros escritores polono-paranaenses.

Classificação quanto aos gêneros

Vários gêneros foram tentados no campo da literatura polono-paranaense. Cada autor numa tentativa de experimentar as suas possibilidades via-se impellido de seguir vários caminhos literários, a partir da simples correspondência e a terminar na poesia. Podemos afirmar

sem recorrer ao exagero, que todos ou quase todos os gêneros literários tiveram sido tentados e praticados neste modesto campo da intelectualidade polono-paranaense. Um simples exame da imprensa em língua polonesa, editada desde a data de sua fundação (1892) até os dias de hoje, é uma prova eloqüente desta afirmação. A partir da simples e ingênua correspondência, enviada para o jornal por autor anônimo, até a mais expressiva poesia de fino sabor ou uma novela em prosa num estilo claro e preciso, desenrola-se toda a evolução desta criatividade.

Uma classificação embora superficial permite nos ter uma visão geral sobre os gêneros praticados e registrados em vários jornais em diversas épocas. Assim na **crônica** e **reportagem**, relacionados diretamente com a vida do colono polonês, seu trabalho e problemas, ligados com o progresso da região por ele habitada, destacaram-se os padres: Jan Wislinski Jan Palka, Franciszek Sokol, Wojciech Sojka, assim como os professores: Michal Sekula, Stanislaw Hessel, Konrad Jeziorowski, Eugeniusz Gruda.

Os **historiadores**, que abordaram o passado brasileiro e a temática da imigração polonesa, são representados pelos nomes: Pawel Nikodem, Jan Chorosnicki, Pe. Jan Palka, Jozef Stanczewski.

Na **crítica literária** destacaram-se pelo objetivismo, agudeza penetrante e linguagem ferina: Jan Chorosnicki, Stefan Benradt.

No **jornalismo** atuaram: Jan Chorosnicki, Pawel Nikodem, Józef Stanczewski, Jozef Issakowicz, Pe. Jan Palka, dr. Szymon Kossobudzki, Jan Hempel, Seweryn Hartman, Jan Krawczyk.

Nas **memórias** registraram-se Edmundo Sebastian Wos Saporski, Adam Buyno.

No terreno da **poesia** encontramos os nomes de Tadeusz Milan Grzybczyk, Dr. Szymon Kossobudzki, Jozef Stanczewski, Wojciech Breowicz, Jan Krawczyk.

No setor de **conto e novelística** produziram obras: Jan Chorosnicki, Jozef Issakowicz, Wladyslaw Federowicz, Roman Wachowicz, Rafal Karman, Jan Krawczyk.

A **sátira** foi praticada por Jan Chorosnicki.

A **reportagem-relatório** tem seu representante na pessoa de Kazimierz Karman.

No terreno de **Filosofia sócio-política** destacou-se principalmente Jan Hempel.

Em certas épocas Curitiba contava com mais de 10 mil membros da coletividade polonesa, gozando deste modo do privilégio de ser considerada a sede de sua vida cultural. Ali é que se arquetetavam os planos para salvação do imigrante polonês, atraído por elementos inescrupulosos, e depois lançado em regiões inóspitas do vasto território brasileiro, como por exemplo em Águia Branca, município de Colatina em Espírito Santo, Faxinal de Catanduvas ou Rio das Cobras, no Paraná e Santa Ro-

sa, no Rio Grande do Sul. Gente honesta e esclarecida opunha-se energeticamente à política imigratória do governo polonês, vendo nela apenas o interesse de algumas companhias colonizadoras particulares, enquanto milhares de colonos poloneses sucumbiam no sertão vítimas do impaludismo e outras doenças tropicais.

Os problemas de colonização, de educação, de desenvolvimento cultural, de organização social, somados a muitos outros de não menor importância, engajavam muitos na luta polemizante, numa guerra, em que se utilizavam de todo seu domínio do vernáculo, de argumentação lógica e convencedora.

Em oposição ao que acontecia em Curitiba, a vida no interior tinha um caráter mais calmo, mais lento, chegando a cair em certas regiões em marasmo. O único intelectual do mato ou campo naquela época, o professor da escola primária, reunia em torno de si os colonos para ler-lhes essas longas elaborações polemizantes, discutia com eles o valor das verdades ou mentiras nelas contidas e, depois, em conjunto, redigiam para o respectivo jornal um abaixo-assinado, em louvor ou em protesto da publicação.

Passados mais de trinta anos, não é fácil nos dias de hoje, tão diferentes em todos os aspectos, avaliar com precisão o valor daquelas elaborações longas e por vezes intrincadas, repletas de diversos problemas da época, problemas que em geral afligiam a coletividade polonesa. Algumas podem nos parecer hoje insignificantes, até ridículas, enquanto outras interessantes como documentário do passado. Mas seja como for, todas elas não deixam de representar um testemunho vivo e palpante da época que passou, época embora agitada, estava repleta de atividades em todos os setores: social, educacional, cultural, literário, artístico e teatral.

Quanto à literatura polono-paranaense, ela constitui um capítulo especial na vida cultural da coletividade polonesa no Brasil. O duelo de palavras nas páginas de quase todos os jornais da época, a troca de opiniões sérias ou as mais disparatadas, as polêmicas cuja intensidade variava de conformidade com o assunto, contribuíram sensivelmente para o crescimento do interesse pela leitura, o que por sua parte deu impulso para a criatividade literária.

ORGANIZAÇÃO DA CLASSE

Um dos professores de núcleos coloniais, interessado vivamente com a unificação e orientação sadia do movimento cultural da coletividade polonesa no Brasil, jornalista nas horas vagas e escritor ao mesmo tempo, Josef Issakowicz, estabelecido na época em São Mateus do Sul, escrevera na Gazeta Polska de 18-5-1937, o seguinte:

“... Nós também temos os nossos próprios polono-brasileiros, principalmente os poloneses paranaenses. Num vasto mosaico populacional de 40 (naquela época) milhões de habitantes deste país, possuímos nossas ilhotas e arquipélagos de poloneses, que, afinal de contas, representam alguma coisa...”

E, após a constatação de que nesses organismos isolados da etnia polonesa processam-se manifestações da consciência coletiva, a qual devia ser encarada com todo o realismo, chega a conclusão, de que essas manifestações em forma da vida cultural, mereciam possuir um organismo próprio:

“... algum centro principal, que congregasse todos os adeptos tanto da literatura como da arte, que entre outros, tivesse por objetivo dar amparo e assistência aos novos talentos. Nela devia-se concentrar a totalidade da nossa criatividade literária e artística da imigração. Não se trata de querer fundar uma agremiação igual a tantas outras existentes, da sociedade de escritores, poetas e artistas ou coisa semelhante ao Pen-Clube ou uma Academia, mas simplesmente de uma instituição, onde cada um dos jovens talentos pudesse, com toda confiança, dirigir amostras de seus trabalhos para a devida apreciação e crítica...” “... Constituiria isso uma plataforma comum, sobre cujas bases poderia se desenvolver a nossa literatura e, quem sabe, as belas artes...”

A idéia, embora tivesse ido ao encontro do desejo de muitos, ainda não havia encontrado terreno propício para a sua realização. Sua falta sentia-se no entanto cada vez mais; a agremiação deste tipo poderia ter prestado serviços inestimáveis para o fortalecimento do movimento. Os professores tinham a sua associação (Zrzeszenie Nauczycielstwa Polskiego w Brazylii), os lavradores a Associação dos Agricultores Poloneses, os adeptos do teatro a sua instituição denominada ZAS (Zastęp Amatorów Sceny — Conjunto dos Amadores do Teatro), os comerciantes estavam prestes a fundar uma organização da classe, enquanto sobre todas essas entidades sociais ou profissionais exercia o seu controle geral a Associação Central dos Poloneses no Brasil (Centralny Związek Polaków w Brazylii).

O maior obstáculo para realização desse objetivo consistia principalmente na falta da imprensa especializada, de cunho literário-cultural, ou pelo menos suplementos deste tipo, mantidos pelos jornais já existentes. Outro fator importante, que não pode ser omitido nestas considerações e que pesou muito na falta de criação da entidade da classe foram as distâncias, que separavam as pessoas das mesmas afinidades artísticas ou espirituais. Numa época em que todas as energias se concentravam no aumento do nível instrutivo das escolas, mantidas as expensas da coletividade polonesa, o assunto da organização da classe dos escritores, era prematuro. Mas que a criatividade literária não era apenas um “hobby” de meia dúzia de pessoas e sim uma preocupação séria, encontramos vestígios disso nos jornais da época. O semanário Lud, na edição de 28 de janeiro de 1933 publicou as bases do concurso literário, iniciativa da agremiação estudantil de descendência polonesa — Sarmacja. Foram constituídos três prêmios: 1º — para conto ou novela sobre a vida dos poloneses no Brasil; 2º — um ensaio intitulado “O que eu sei sobre a Polônia”; e 3º — um trabalho crítico sobre um dos livros, lido ultimamente, da literatura brasileira ou polonesa. O júri compunha-se de: Vice Cônsul da Polônia, em Curitiba, Sr. Teodor Cybulski, do redator do semanário Lud, Pe. Jan Palka, do orientador nos assuntos educacionais dos

poíoneses no Brasil, Sr. Kostanty Lech, do Sr. Włodzimierz Radomski, um dos professores do colégio polono-brasileiro H. Sienkiewicz, pessoa que nas horas vagas dedicava-se à criatividade literária.

No fim do ano 1937, a Associação dos Professores Poloneses no Brasil, proprietária de uma pequena editora de livros didáticos, havia dirigido uma carta a todos os que já haviam publicado trabalhos literários, solicitando que os enviassem para a Associação que, reunindo-os num volume, publica-los-ia numa antologia da literatura polono-brasileira. A carta fora assinada por Włodzimierz Radomski, poeta e um dos idealizadores do empreendimento. Enquanto procedia-se o recolhimento do material, foi baixado o decreto do presidente G. Vargas sobre a nacionalização, que pôs tudo água abaixo.

Durante o Estado Novo, que liquidou a imprensa estrangeira no território nacional, os escritores e poetas polono-paranaenses viram-se obrigados a silenciar. Mais tarde, alguns, procuraram a imprensa polonesa nos Estados Unidos ou na Argentina, publicando nela seus trabalhos, porém já sem tanto empenho e sem tanta convicção que caracterizavam sua obra anterior. Com o irrompimento da segunda guerra mundial alguns viajaram para as forças armadas polonesas na Grã-Bretanha, tomando parte ativa nos campos de batalha na África ou na Europa.

Até o ano de 1945, quando novamente surgiu no Brasil a imprensa em língua polonesa, não se registrou nada de importante no setor literário. Essa criatividade retomou seu ritmo com o aparecimento do semanário Lud e, recém-fundado O Semeador (ambos em Curitiba), de Kurier Polski, Przegląd Polski e Skarpa, mensários editados em São Paulo. Caracterizou-se ela pela pujança e certa maturidade, surgiram novos nomes e houve indícios bastante animadores, de que readquiriria dentro em breve a antiga importância na vida dos poloneses, radicados nos Estados sulinos da federação.

Por volta dos anos 1960-1961, por iniciativa de Paweł Nikodem, Michał Sekula, Jan Krawczyk e Wojciech Breowicz, surgiu finalmente há tantos anos esperada entidade da classe, com a denominação de Círculo de Escritores e Jornalistas Poloneses no Brasil, a qual aderiram na sua fase inicial mais de 60 pessoas, todas residentes no Brasil, alguns há anos, outros recentemente estabelecidos. A entidade foi fundada em Curitiba e teve por sede a sociedade Tadeusz Kosciuszko, tendo-se depois filiado à ela.

A época, porém, já não era a mesma que precedeu a nacionalização. A humanidade havia sofrido com a segunda guerra mundial um golpe duro, muita gente foi abalada pelos sofrimentos próprios e de seus próximos, os refugiados da guerra perambulavam pelo mundo a procura de novas pátrias. Cairam muitos dos valores humanos e a sua substituição pelos outros dependia, tanto do tempo, que cicatriza as feridas, como do lento processo das interrelações entre os povos desenvolvidos e subdesenvolvidos.

A coletividade polonesa não foi incólume a essas mudanças e, se o fosse, os anos duros de nacionalização haviam produzido nela seus

efeitos. Os velhos iam envelhecendo mais ainda e, com esse processo inevitável iam se afastando dos problemas atuais, vitais para a geração que tomava seu lugar. Esta, professava idéias novas, mais avançadas, próprias aos tempos modernos, tinha horizontes mais largos e noção das mudanças que se operavam em todos os setores da vida humana. Além disso tinha acontecido o inevitável: o choque entre as gerações — a velha e a nova, que teve seu desfecho principalmente na vida clubística. Enquanto os velhos, apesar de todas as circunstâncias ainda se sentiam poloneses e, tradicionalmente ligados fortemente com tudo que representava a sua velha pátria, os novos tinham plena consciência das suas obrigações com a pátria brasileira.

Em tais condições não poderia haver conciliação entre as duas correntes, duas orientações tão opostas. E não havendo conciliação não haveria também a cooperação. As divergências surgiram no próprio seio do círculo. Enquanto uns pretendiam manter a ilusão de antes do Estado Novo, pondo acima de tudo a polonidade, outros queriam transformar a entidade em arma política, a fim de alcançar os objetivos alheios à agremiação. O objeto principal de servir aos poloneses radicados no Brasil para o qual havia sido fundado o Círculo, fora relegado ao plano secundário e depois esquecido. Assim a falta de união e a manutenção do objetivo real, foram as causas do desmoronamento da entidade. Sua vida foi efêmera e, praticamente ela não deixou nenhuma ressonância na coletividade polonesa. E, mesmo se estivesse fadada a desempenhar uma função de importante relevância, os processos que se operavam no seio da etnia polonesa, não teriam permitido que sua vida fosse prolongada talvez por mais de uma década. O processo de integração da coletividade com a vida nacional, tanto no campo sentimental como cultural, havia entrado já na sua fase final.

OS QUE MAIS SE DESTACARAM

Por falta de dados biográficos e carência de arquivos especializados, é impossível precisar quem surgiu primeiro no campo literário ou a quem cabe o mérito de seu incentivador. Fato comprovado, no entanto, é, que em certas épocas havia muitos, que se dedicavam a este tipo de criatividade. Fica, porém, bem claro, que esta literatura fora feita por amadores e não profissionais. Ainda hoje existem muitos escritores por esse mundo afora, que não podem viver unicamente da literatura. A imprensa em língua polonesa no Brasil, mal pagava para o sustento de seus redatores e a remuneração, em inúmeras ocasiões, fora insuficiente. Essa grande plêiade de verdadeiros abnegados da pena, escavos da sua pátria e vítimas de seu talento, criavam suas poesias, contos ou peças teatrais pelo mais puro e sublime amor à palavra escrita, amor pela cultura.

Jamais em tempo algum fora organizada a lista de nomes dos que exerciam sua atividade no campo literário e, hoje, torna-se difícil a sua confecção. Durante esse tempo de esquecimento alguns caíram no olvido, outros desapareceram e sua obra sumiu por falta de registros adequados. E dos que se salvaram, alguns oferecem dificuldades no que toca a sua classificação, junto com a obra que deixaram publicada. Não

raro foi usado pseudônimo, um simples apelido ou nome qualquer para despistar a atenção dos leitores da pessoa do verdadeiro autor. Existem obras cuja autoria levanta dúvidas, pois não se sabe a quem deve se atribuí-las. Sabe-se por exemplo, que Jan Chorosnicki, muitas de suas sátiras em prosa e verso assinava com nome de Iwan Ponury (Ivã, o Lúgubre), Rafal Karmann utilizava-se simplesmente do pseudônimo Pinior (O Pinheiro), enquanto Tadeusz Grzybczyk assinava-se como Tadeusz Milan. Mas a quem atribuir as crônicas assinadas por Kalasanty Wloczykij e Balbina Wloczykijowa (sua esposa), publicadas periodicamente no semanário Lud nos anos 1930-1934? Ambos são fictícios, quanto a isso não existe dúvida alguma, no entanto as crônicas representam uma fonte inestimável para o historiador da vida e costumes dos colonos poloneses no Brasil, principalmente no interior paranaense e catarinense. Supõe-se que, atrás destes nomes fictícios esconde-se a pena de Josef Stanczewski, que por volta daqueles anos exercia a profissão de professor ambulante, portanto tinha acesso às colônias mencionadas nas crônicas e podia ao vivo registrar o linguajar dos colonos, suas crenças e superstições assim como a preocupação pelos problemas diários da vida interiorana. E dúvidas semelhantes, existem muito mais que, com o correr do tempo, tornar-se-ão mais duvidosas ainda e finalmente indecifráveis.

Com o intuito de evitar prováveis erros, limitamo-nos neste trabalho a mencionar os nomes de autores e suas obras, sobre os quais não pairam dúvidas de espécie alguma. Pode se lhes opor algumas restrições quanto ao estilo, valores linguísticos e artísticos, porém não deve se negar-lhes o mérito de terem cumprido a sua missão no campo de criatividade literária.

Obedecendo a ordem alfabética, desejamos ocupar-nos, em primeiro lugar, devido a sua grande cultura, sendo realista e criticismo prático, com o qual aborda certos assuntos, com a pessoa de:

BENRADT, Stefan

Nasceu na Polônia (data desconhecida), chegou ao Brasil adulto, onde exerceu a profissão de agrimensor. Demonstrou em várias oportunidades seu grande interesse pelos assuntos culturais da coletividade polonesa. Publicou no semanário Lud (1931) vários artigos, referentes aos problemas coloniais e de colonização, chegando a criticar escritores poloneses (B. Pawłowicz) que nos seus romances sobre o Brasil criaram um quadro desvirtuado da realidade, interpretando de maneira errada os fatos existentes neste país. Revelou-se neste campo como observador agudo, crítico sagaz e conhecedor perfeito da vida do interior.

BREOWICZ, Wojciech

Nasceu em 1902, na Polônia. Chegou ao Brasil em 1934, tendo exercido profissão de professor primário na região do Ivã. Ainda na Polônia havia aderido ao movimento de poetas populares (campesinos), discriminados pelo simples fato de viverem no campo. No Brasil, continuou mantendo esta linha, publicando seus trabalhos na Polska Prawda, Gazeta Polska e Lud. Seu estilo caracteriza-se pela falta de firmeza perante os problemas de ordem social e ideológica, ora é pomposo e pa-

tético, ora assume aspectos de realismo trágico. É decorrente, sem dúvida de sua convivência nos lugares isolados da civilização e experiências adquiridas como pai de família, para cujo sustento tinha que trabalhar muito, embora com pouco sucesso. A consciência de uma vida inútil e vã perante vários problemas influenciaram na formação de seu caráter e sua obra poética. Impossibilitado de exercer a profissão de professor primário, devido a nacionalização, decretada pelo presidente G. Vargas viu-se na iminência de procurar outros meios de vida. Fugindo de uma série de dificuldades apresentou-se como voluntário às forças armadas da Polônia, na Inglaterra, onde permaneceu até o fim da guerra. De volta ao Brasil, publicou seus trabalhos na imprensa de língua polonesa em Curitiba e São Paulo. Publicou na Polônia num volume "Poesias Escolhidas" (Wybór Poezji) e memórias "Três Etapas" (Trzy Etapy).

Veio a falecer em Curitiba, em 1966.

CHOROSNICKI, Jan

Nasceu em 1875, na Polônia, tendo chegado ao Brasil por volta dos anos 1911-1912. Desde os primeiros anos dedicou-se ao magistério, exercendo a profissão inicialmente no interior e depois na capital paranaense, sendo um dos fundadores do Colégio Igauçu. Observador perspicaz, dotado de grande senso humorístico, publicou sátiras ferinas, na Gazeta Polska. Dono dum estilo claro, certo e mordaz conseguiu tanto amigos e admiradores quanto adversários. Nas sátiras visava principalmente as falhas da sociedade polonesa, apontava sem temor os indivíduos inescrupulosos, que sob o falso manto de patriotismo e polonidade pretendiam levar vida parasitária no organismo da coletividade. No posto de redator da Gazeta Polska, que ocupou vários anos, deu vazão ao seu talento de crítico e contista de grandes possibilidades. A experiência adquirida no exercício da profissão de professor, possibilitou-lhe retratar com grande fidelidade o convívio e relação entre si, do professor primário e os colonos. Os personagens de sua obra são reais, vivos de carne e osso, por vezes chocantes demais para serem esquecidos mesmo após simples leitura da obra. Pela sua atuação no campo jornalístico, obteve da Academia Polonesa de Literatura o laurel acadêmico, como reconhecimento à sua obra .

Além de várias sátiras e algumas peças teatrais, publicou:

MOJE NIESAMOWITE WSPOMNIENIA (As Minhas Memórias Si-
nistras — Gaz. Polska, 1928.

PONAD TECZA (Acima do Arco Iris) — Gaz. Polska, 1932-1933.
Faleceu no ano de 1954, em Curitiba.

FEDEROWICZ, Wladyslaw

Nasceu em 1887, na Polônia. Desde muito cedo largou-se pelo mundo, curioso de conhecê-lo melhor através de suas próprias vivências. Durante certo tempo trabalhou no Chile, na construção de minas, vindo depois a se estabelecer no Brasil, precisamente no Estado de Goiás. Como agrimensor percorreu grande parte do sertão do Brasil Central, onde experimentou a vida primitiva e cruel tão característica de certas regiões

brasileiras. Um narrador fluente, observador atento e dono de espírito analítico — eis os predicados de Federowicz como escritor. Sua lendas indígenas, o folclore do caboclo, as credences e costumes do sertanejo possuem um cunho de autenticidade palpitante real e brutal, que prendem a atenção do leitor desde a primeira até a última página. Num estilo claro e preciso, em poucas pinceladas apresenta quadros reais da vida do sertão.

Publicou:

Z BIEGIEM RZEKI TOCANTINS (Ao Correr do Rio Tocantins) — Edit. Swit, 1927.

ODPUST W SERTONIE (A Festa no Sertão) — Gaz. Polska, 1931.

TRAGEDIA KABOKLA (A Tragédia Cabocla) — Gaz. Polska, 1931.

BRZEGIEM ZATOPIONEJ PUSZCZY (Ao Longo da Selva Submersa) — Gaz. Polska, 1932.

DZIKI CZLOWIEK (O Homem Selvagem) — Gaz. Polska, 1932.

CZARODZIEJ (O Bruxo) — Gaz. Polska, 1932.

CAMARADA — Gaz. Polska, 1933.

PARECIS — Gaz. Polska, 1936.

Na Polônia saiu de sua autoria MIERNIK W INTERIORZE (O Agrimensor no Interior) in IMIGRACJA POLSKA W BRAZYLI (A Imigração Polonesa no Brasil), Varsóvia, 1971, uma publicação polono-brasileira. O autor, apesar de idade avançada, goza de relativa saúde, morando em Silvânia, Estado de Goiás.

GRZYBCZYK, Tadeusz (Milan)

Continua desconhecida a data de seu nascimento. Sabe-se, no entanto, que veio da Polônia para o Brasil na idade de vinte e poucos anos, por volta de 1905. Por um período curto exerceu a atividade de agrimensor, passando depois a ser professor de uma escola primária, em Afonso Pena, tornando em seguida a obter nomeação para um cargo público. No entanto a inadaptabilidade às obrigações e os deveres, fê-lo renunciar à vida estável e de relativo conforto, indo refugiar-se no seu retiro em Afonso Pena, a poucos quilômetros de Curitiba. Instalado numa casinha modesta no meio de um bosque, entregou-se as meditações solitárias, viveu ali a maior parte de sua vida. Enamorado da exuberante natureza paranense, transpôs a sua beleza para as páginas de poesia, a qual dedicava-se em diversas oportunidades. Seu estilo claro, conciso e simples a primeira vista é riquíssimo de espiritualidade e parábolas metafóricas. Na mocidade produziu "Wianki Paranskie" (As Grinaldas Paranaenses), uma peça teatral versificada junto com a coletânea de poesias, editados num volume. Passavam-se anos seguidos sem que ele produzisse uma linha sequer, entregue totalmente a sua "dolce far niente", limitando-se apenas a emitir idéias filosóficas, consideradas por seus conterrâneos e compatriotas, como extravagantes, demasiadamente etéreas e desprovidas de substâncias essenciais que fazem a vida de um homem. Em certos momentos, talvez sob o impulso de algum pensamen-

to, punha mochila nas costas, de bastão na mão iniciava uma longa caminhada em direção da Serra do Mar, como se alguma coisa imperiosa estivesse o compelindo para lá. Excêntrico, alheio aos valores materiais, lá no meio da serra, ao pé dos frondosos pinheiros sentia-se totalmente integrado com a natureza que o cercava de todos os lados. Naqueles raros momentos de elevação espiritual era capaz de improvisar poemas de rara e sutil beleza. O produto desta extase diante das maravilhas da natureza, copiados por seus amigos, foram reunidos sob o título de "Sonetos de Itambé" e conservados para posteridade. Nos derradeiros anos de sua vida foi residir em casa de seus amigos, em Araucária, vindo a falecer em 1962.

Foram publicados:

WIANKI PARANSKIE (As Grinaldas Paranaenses).
Curitiba, 1921.

KONNA PRZEJAZDZKA (Passeio a Cavalos)
Almanaque do Lud, 1957.

ITAMBÉ — Almanaque do Lud, 1957.

BALLADA ITAMBENSKA (A Balada do Itambé)
Almanaque do Lud, 1960.

BASN (A Fantasia)
Almanaque do Lud, 1962.

HEMPEL, Jan

Nasceu em 1877, na Polônia. Chegou ao Paraná em 1904, dedicando-se com ardor ao trabalho social e cultural. Membro das organizações do socialismo polonês e seu grande adepto, fugitivo da polícia tsarista, procurou transmitir suas idéias aos seus compatriotas, radicados no Paraná. De início lecionou na Escola Popular (Szkoła Ludowa), em Curitiba, passando depois para exercer a função de redator do semanário Polak Brazylji (O Polonês no Brasil), editado por Kazimierz Warchalowski. Sob a sua orientação o jornal adquiriu um nível cultural elevadíssimo para a época. Livre-pensador convicto, defensor ferrenho dos seus ideais socialistas, idealista independente e intransigente nas suas opiniões, dentro em breve entrou em choque com o proprietário do jornal, que professava idéias diferentes. Obrigado a abandonar o posto do redator retornou a Polônia. Durante a última guerra os destinos o levaram à Moscou, onde, a mando de Stalin, foi executado.

O seu trabalho, mais importante em nosso caso, foi:

KAZANIA POLSKIE (Os Sermões Poloneses) — Curitiba, 1905
— uma espécie de catecismo civil para os poloneses no Brasil, interessados na evolução das coisas e no progresso da vida em todos os sentidos.

KARMAN, Rafal

Nasceu em 1878, na Polônia, tendo chegado ao Brasil em 1896. Desde a sua juventude até a idade mais avançada passou a vida no inte-

rior paranaense, tendo apenas vivido os derradeiros anos em Curitiba. Assuntos particulares, atividade no comércio de erva-mate, assim como funcionário servindo a várias firmas, obrigaram-no a manter contatos com os mais diversos tipos humanos desde colonos poloneses e caboclos, até as pessoas de importante destaque na vida econômica e política paranaense. Observador curioso e ouvinte atento, desde cedo começou a fazer anotações daquilo que observava em seu redor. Os cadernos de anotações cresciam com o tempo, as observações enriqueciam-se de novos fatos e assim foi aumentando o extranho arquivo das viagens do sr. Karman. Um dia sentiu ele a necessidade de transmitir os casos ouvidos durante as viagens para um círculo maior de ouvintes. Assim nasceram seus famosos casos e lendas, colhidos nas longas noites de acompanhamento, nos hotéis obscuros das cidades do interior, ou nas embarcações, das quais havia se servido no Rio Paraná. Sua narrativa é simples, como é simples a linguagem de contador de casos, são histórias ligadas ao passado, cheias de imprevistos, e acontecimentos estranhos. Encontramos nos seus trabalhos tipos curiosos, andarilhos irriquietos, caboclos astutos e agrimensores poloneses de aspecto patriarcal, uma espécie de profetas bíblicos. Publicou-os sob diversos pseudônimos a partir do Sotnhador e terminando em Pinior, o pinheiro polonizado.

Faleceu em 1966, em Curitiba.

Trabalhos publicados:

- WSPOMNIENIA Z KANDYDY (Reminiscências de Cândida) — Almanaque de Gaz. Polska, 1936.
- KURITYBA PRZED 60-CIU LATY (Curitiba de antes de 60 anos) — Alm. Gaz. Polska, 1934.
- CUDOWNA LEKARKA Z DRUGIEGO SWIATA (A Miraculosa Médica de Outro Mundo) — Alm. Gaz. Polska, 1934.
- CO WIDZIAL STARY ANDRADE NA DRUGIM SWIECIE (O que Viu o Velho Andrade no Outro Mundo) — Alm. Gaz. Polska, 1934.
- A CZY FRANCUZ ODDAL (E o Francês Devolveu?) — Alm. Gaz. Polska, 1935.
- GAWEDA O SERTONACH (A Narrativa sobre os Sertões) — Alm. Gaz. Polska, 1935.
- SOWIZDRZAL PARANSKI (O Malazarte Paranaense) — Alm. Gaz. Polska, 1936.
- BRAZYLIJSCY RADZIWILOWIE PANIE KOCHANKU (Os Radziwill na versão Brasileira) — Alm. Gaz. Polska, 1938.
- W PUSZCZY (No Sertão) — Alm. Gaz. Polska, 1938.
- WANNA NA FAZENDZIE (A Banheira na Fazenda) — Alm. do Lud, 1956.
- WYCIECZKA Z GUARAPUAWY DO PATO BRANCO (A Excursão de Guarapuava a Pato Branco) — Alm. do Lud, 1956.
- PRZEWOZNIK DUCHA SWIETEGO (O Barqueiro do Espírito Santo) — Alm. do Lud, 1956.

PRZYGODY MIKOLAJA TURKA I NIEUDANA WYPRAWA PO ZŁOTO GASPARA W CONCEIÇÃO (As Peripécias de Nicolau, o Turco e a Mal Sucedida Expedição de Ouro do Gaspar em Conceição) — Alm. do Lud, 1957.

TESTAMENT WUJA PIOTRA I ODWRACANIE WALOROW (O Testamento do Tio Pedro e o Desvirtuamento dos Valores) Alm. do Lud, 1959.

PRZEDZIWNY SEN MIODOWICZA W CANANEIA (O Estranho sonho de Miodowicz em Cananéia) Alm. do Lud, 1960.

CO OPOWIADAL LAURINDO VELHO (O que Contou o Laurindo Velho) (Przeglad Polski, 1961.

SIECZKIEWICZ I JEGO CZTERY NIESZCZESCIA (Sieczkiewicz e seus Quatro Infortúnios) P. Polski, 1961.

ZAKLETY KAMP (O Campo Encantado) — P. Polski, 1963.

JAK LOS PRZEZNACZENIA ZAPROWADZIL IMC PANA DOBROTNIICKIEGO DO PARANY (Como o Destino Trouxe o Sr. Dobrotnicki para o Paraná) Alm. do Lud, 1962.

CO OPOWIADAL STARY JABAQUARA (O que Contava o Velho Jabaquara) P. Polski, 1963.

STRASZNA NOC W ITAYPUITE (A Noite Sinistra em Itaypuite) P. Polski, 1963.

ZNACHORZY I ZAMAWIACZE (Os Curandeiros e os Benzedeiros) P. Polski, 1963.

ZMARNOWANY SKARB (O Tesouro Desperdiçado) Alm. do Lud, 1964.

DOM PEDRO II NA KANDYDZIE I ABRANCHES (Dom Pedro II nas Colônias Cândida e Abranches) Alm. do Lud, 1964.

CUDA W STARYM KOSCIOLKU W ABRANCHES (Os Milagres na Velha Igreja de Abranches) Alm. do Lud, 1964.

KURYTYBA W ROKU 1874 (Curitibano no ano 1874) Alm. do Lud, 1964.

JAK POWSTALO JOGO DO BICHO (Como foi Criado o Jogo do Bicho) Alm. do Lud, 1965.

UROCZYSKA W PARANIE

(Os Lugares Encantados do Paraná)

Alm. do Lud, 1965.

POLOWANIE NA TAPIRA (A Caça do Tapir)

Alm. do Lud, 1966.

STRASZNY SKOK W LODZI PRZEZ WODOSPAD

(O Perigoso Salto de Canoa através da Cascata)

Alm. do Lud, 1966.

JAK PODROZOWANO W PARANIE W 1872 R.

(Como se Viajava no Paraná em 1872)

Alm. do Lud, 1966.

KOSSOBUDZKI, Szymon, Dr.

Nasceu em 1869, na Polônia. Veio ao Brasil como fugitivo político, perseguido pela polícia czarista por ter professado idéias socialistas e conspirado contra o regime russo. Exerceu profissão de médico e foi professor de medicina na Universidade Paranaense. Foi figura das mais proeminentes na vida da coletividade polonesa no Brasil, Membro de diversas sociedades, procurou dar-lhes maior impulso no campo cultural, interessando-se também pela vida particular de seus compatriotas. Durante longos anos foi editor e redator do semanário *Swit*, considerado o mais progressista de todos que haviam sido publicados em língua polonesa no Brasil. Nas horas vagas dedicava-se à poesia, encontrando nela refúgio de suas perturbações. Criou obras originais, tendo também traduzido para o polonês o poema de Olavo Bilac "O Caçador de Esmeraldas", publicado no mensário *Kultura*, em 1933.

Faleceu em 1934, em Curitiba.

Publicou num volume a coletânea de poesias: *TU I TAM (Aqui e Ali)* — Curitiba, 1927.

KRAWCZYK, Jan (João)

Nasceu em 1916, na Polônia, chegando ao Brasil, em 1928. Alguns anos viveu no interior gaúcho, depois em Porto Alegre e, finalmente em Curitiba. Conhecedor da vida do colono polonês, tomou-o por personagem principal de seus trabalhos literários, não se descuidando também da vida do caboclo. Após primeiras tentativas na poesia, cujo produto publicou no semanário *Polska Prawda* (1935-1937), optou pela prosa, como veículo mais adequado de expressar suas idéias. Durante um curto período foi redator do mensário para a juventude, *Młody Paranczyk* (1937). Colaborou e colabora com diversos jornais de língua polonesa no Brasil, nos Estados Unidos e na Polônia, assim como também com a imprensa nacional.

Publicou:

DZIKUSKA (A Selvagem) — *Gaz. Polska*, 1937.

MARIETTA — *Gaz. Polska*, 1937.

ZDOBYWCY (Os Conquistadores) — *Gaz. Polska*, 1938.

- NA STEPIE (Na Estepe) — Alm. da Gaz. Polska, 1939.
- ZIELONE PIEKLO (O Inferno Verde), romance — Sem. Siewca, 1950.
- ZLOTA GORA (A Montanha de Ouro), romance — Siewca, 1952.
- KABOKLO (O Caboclo) — Siewca, 1956.
- UDANY POSCIG (A Perseguição Bem Sucedida) — Siewca, 1957.
- POSZUKIWACZE DIAMENTOW (Os Garimpeiros) — Siewca, 1957.
- BOGINI WOD (A Deusa das Águas), lenda indígena — Siewca, 1957.
- TAJEMNICZA KOCHANKA (A Amante Misteriosa), lenda indígena — Siewca, 1957.
- JAK POWSTALA NOC (Como Foi Criada a Noite), lenda indígena Siewca, 1957.
- ZLY DUCH LESNY (O Mau Espírito da Floresta), lenda indígena. Siewca, 1957.
- NIEWDZIECZNY SZCZEP (A Tribo Ingrata), lenda indígena. — Siewca, 1957.
- UKARANY JAPIM (O Japim Castigado), lenda indígena. — Siewca, 1957.
- CANARANA, lenda indígena. — Siewca, 1957.
- PATY-TUNA, lenda indígena. — Siewca, 1957.
- UCIECZKA (A Fuga). — Siewca, 1958.
- UPIOR ZNAD CZARNEJ RZEKI (O Espectro do Rio Preto) (Conto assinado com o pseudônimo de Andrzej Zawrotny). Przegląd Polski, 1960.
- TAJEMNICA IGARAPE (O Segredo do Igarapé) — Idem, idem. Przegląd Polski, 1961.
- TONGA — P. Polski, 1961.
- DOLINA LUDZI SZCZESLIWYCH (O Vale dos Felizes) — P. Polski, 1961.
- NAPAD (O Assalto) — P. Polski, 1961.
- BENEDITA — P. Pols, 1962.
- POSUCHA (A Seca) — P. Polski, 1962.
- HISTORIA O PIEKNEJ NAIPI I DZIELNYM KAROBIE (A História da Bela Naipi e o Destemido Caroba) — Alm. do Lud, 1962.
- PO DESZCZU (Após a Chuva) — P. Polski, 1963.
- PAN Z BRODKA I MOTYLE (O Senhor de Cavanhaque e as Borboletas) — Alm. do Lud, 1963.
- REWOLUCJA, LAS I KOLONISCI (A Revolução, a Floresta e os Colonos) — Alm. do Lud, 1964.
- SPOTKANIE W CAATINDZE (O Encontro na Caatainga) — P. Polski, 1964.
- KREW I WODA (Sangue e Água) — P. Polski, 1964.

DELEGADO — P. Polski, 1964.

KSIAZKI, JEDWABNIKI I PIERWSZY WIERSZ (Os Livros, Os Bichos de Seda e a Primeira Poesia) — Alm. do Lud, 1965.

MURZYN (O Negro) — Skarpa, 1965.

MINUANO (todos os capítulos deste romance) — Lud, 1965.

ANTA (todos os capítulos deste romance) — Lud, 1968.

Além disso traduziu para o polonês e publicou no semanário *Przegląd Polski*, editado em São Paulo, autores da literatura brasileira: Alberto Rangel, Acides Maia, Aurélio Pinheiro, Humberto Campos, Joel Silveira, Herberto Sales, Monteiro Lobato, João Simões Lopes Neto. Na Polônia publicou livro "Ivagone" sobre os índios brasileiros.

NIKODEM, Pawel

Nasceu em 1892, na Polônia. Após viver alguns anos na Argentina, transferiu-se para o Brasil onde permanece até hoje. Foi proprietário, editor e redator da *Gazeta Polska w Brazylii*, o primeiro jornal semanal, fundado em língua polonesa, o qual, quando sob a sua orientação alcançou um nível bastante elevado, servindo de exemplo como um jornal pode servir bem, tanto à massa imigratória, como ao país que os acolheu. Jornalista consciencioso dos seus deveres e historiador por convicção, dedicou sua pena e seus conhecimentos aos problemas relacionados inteiramente com a nova pátria. Daí seus trabalhos possuírem cunho de pesquisa séria e apaixonada pelas coisas do passado brasileiro.

Publicou:

WYPRAWA SANABRII (A Expedição de Sanabria), esboço histórico — *Gaz. Polska*, 1935.

GUAIRA — ODKRYCIE PARANY (Guaira — A Descoberta do Paraná) — estudo histórico — Lud, 1960.

HIERONIM DURSKI — Biografia. — Alm. do Lud, 1965.

O PIERWSZYM KAZIMIERZU POD ROWNIKIEM (Sobre o Primeiro Casimiro no Equador) Estudo histórico. — P. Polski, 1960.

DIAMENTY I ZLOTO W BRAZYLI (Os Diamantes e o Ouro no Brasil) — P. Polski, 1960.

SEBASTIAN EDMUND WOS SAPORSKI — Biografia. — Alm. do Lud, 1966.

GARIMPEIRO QUELUZ — P. Polski, 1963.

RAFAL KARMAN — Biografia. — Alm. do Lud, 1967.

RYSICZ, Jan

Desconhecida é a data de seu nascimento na Polônia e a chegada ao Brasil. Durante longos anos trabalhou como agrimensor no interior paranaense, morando em Guarapuava, Marechal Mallet e Ponta Grossa. Exerceu a profissão de desenhista no Brasil Railway Company, desempenhando mais tarde a função no 4º Comissariado de Terras, em Ponta Grossa. Atividade literária, principalmente as divagações no campo poético, constituirá para ele refúgio das lides diárias. Espírito inquieto e sonhador, é levado a tecer considerações sobre o bem e o belo, e

a procurar as respostas para os problemas que o afligiam. A maioria dos seus trabalhos permanece inédita, a que foi publicada, sumira-se junto com as publicações na quais foram inseridas. Salvaram-se apenas poucos versos. Faleceu em 1964, em Ponta Grossa.

SOKOL, Franciszek, padre

Nasceu na Polônia, esteve no Peru e depois fixou-se no Brasil, exercendo sacerdócio em Colatina, município no Estado do Espírito Santo e em Abranches, no Paraná. Publicou no semanário Lud (1935-1936) uma série de narrativas sob o título geral de GAWEDY O WSZYSTKIM (Estórias sobre Tudo) nas quais focaliza diversos problemas tanto da sua vida particular como os dos colonos poloneses, no meio dos quais teve que desempenhar as suas funções. Suas narrativas foram escritas num estilo leve, gracioso e atraente, dosado de um pouco de humor, o que torna a leitura interessante. Constituem elas uma fonte de conhecimentos sobre os imigrantes poloneses.

STANCZEWSKI, Jozef

Nasceu na Polônia, sendo a data desconhecida. Chegou ao Brasil logo após o término da primeira guerra mundial, escolhendo o Paraná como o terreno de suas atividades. Na qualidade de professor itinerante teve oportunidade de percorrer o interior paranaense e catarinense, familiarizando-se com a vida dos colonos. Foi ele, sem dúvida, o autor de uma série de crônicas em forma de cartas, publicadas pelo Lud e assinadas por Kalasanty Wloczykij e depois a sua esposa, Balbina Wloczykijowa. Transpira dessas crônicas um profundo conhecimento dos problemas diários do homem do campo. Um dos seus trabalhos mais importantes é aquele, no qual ele se ocupa com a influência que o português exercera sobre o linguajar do colono polonês. Faleceu na Polônia por volta dos anos 1935-1936, na véspera de seu retorno para o Brasil.

Publicou:

POD KRZYZEM POLUDNIA (Sob o Cruzeiro do Sul) — poesias
Curitiba, 1925.

JASELKA PARANSKIE (O Presépio Paranaense) — peça para
o teatro. Curitiba, 1923.

POLACY W POLUDNIOWEJ AMERYCE (Os Poloneses na Amé-
rica do Sul) — Curitiba, 1925.

PRZEKLADY Z LITERATURY BRAZYLIJSKIEJ (Traduções da Li-
teratura Brasileira) — Curitiba, 1925.

WPLYW JEZYKA PORTUGALSKIEGO NA JEZYK KOLONISTOW
POLSKICH (A Influência do Portugues Sobre o Linguajar
dos Colonos Poloneses) — Curitiba, 1925.

A POLÔNIA NA LITERATURA BRASILEIRA — Coletânea de au-
tores brasileiros. — Curitiba, 1927.

WACHOWICZ, Roman (Romão)

Nasceu em 1904, em Araucária, Paraná. Durante longos anos
exerceu a profissão de professor no interior gaúcho, catarinense e para-

naense. Desde muito cedo revelou inclinação pelas letras, tendo publicado seus trabalhos em diversos jornais de língua polonesa, principalmente no semanário Lud. Sua criatividade literária constitui um caso tipicamente, fora de comum. Brasileiro por nascimento, educação, cultura e sentimentos, conhecedor profundo do idioma pátrio, expressa suas idéias em língua dos seus antepassados, o polonês. E o faz com grande desenvoltura, fluência e dedicação de um verdadeiro apaixonado. É verdade que não se utiliza da língua propriamente literária, mas do linguajar do povo do qual descende, mas de tal forma viva e atraente, que a torna literária. É a língua da região montanhosa da Polônia, de onde procedem seus avós, é a língua falada da época de sua chegada ao Brasil. Escolhida pelo autor propositalmente, permite-lhe travar contato direto com o leitor sem artifícios e com simplicidade. Sua narração, quando descreve a vida dos colonos reveste-se de um colorido todo especial, vivo, transformando-se as vezes num poema, embora rústico, mas cheio de matizes multicores, que penetram ao fundo da alma. Sua mocidade transcorreu nas margens do Rio Iguaçu, no meio dos colonos e dali é que ele tira as suas forças de criação, ali é que encontra a inspiração. Sua segunda paixão é o teatro, ao qual dedicou parte de sua vida. Escreveu várias peças das quais, a mais importante talvez, "Pierwszy Lotnik w Paranie" (O Primeiro Aviador no Paraná) foi levada ao palco por diversas vezes, tanto em Curitiba como no interior, sempre com grande sucesso. Dedicou-se, também, ao estudo da imigração polonesa ao Brasil.

Publicou:

SZERSZENIE W RAJU (As Vespas no Paraíso) — Lud, 1963.

MARAGATOS — Lud, 1967.

STRZEPY HISTORYCZNE (Fragmentos da História) — Lud, 1971.

MEMÓRIAS DE KOSCIANSKI (em tradução para o português)
— in Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa, 1971.

DWIE MATKI (As Duas Mães) — Lud, 1972.

ZONGOLLOWICZ, Witold

Seu verdadeiro nome: Stanislaw Czarnecki. Nasceu em 1876, na Polônia. Desde a juventude membro do Partido Socialista Polonês "Proletariat", ala revolucionária, tomou parte ativa na conspiração e atentados contra as autoridades czaristas, em consequência do que foi preso e exilado para a Sibéria. Anistiado alguns anos depois e de volta à Varsóvia novamente envolve-se na conspiração com um espírito irrequieto e audaz. Preso e processado, com nove companheiros é condenado à morte pelo enforcamento. Na véspera da execução numa fuga espetacular, ele e seus companheiros de infortúnio, refugiam-se sob o disfarce e nomes falsos, no estrangeiro. Com nome de Zongollowicz permanece alguns anos na Bélgica, depois na França, donde finalmente transfere-se para o Brasil (1917). Em Curitiba liga-se à Szkoła Ludowa (Escola Popular), sociedade com tendências progressistas. Ali, com outros adeptos da arte, funda Oberza Piesniarska (A Estalagem Cançãoeira), na qual atua por longos anos. De baixa estatura, porém de energia inesgotável exerce certa

influencia sôbre o ambiente em que atua como autor e como ator. De parceria com W. Duszczak, outro ativista social publica o mensário satírico sob a denominação *Lesny Czlowiek* (O Homem do Mato), no qual quase toda a matéria é de sua autoria. Sem se preocupar com o estilo e valores artísticos da sua obra, procurou criá-la de acordo com a necessidade do momento, por isso possui ela um cunho de obra imatura, apressada e de pouca validade para a posteridade, a não ser para o historiador. Nos versos contados ou declamados, monólogos e curtas peças teatrais vergasta e crítica o desleixo, o alcoolismo e o desinteresse pela cultura, o ambiente no qual convive. Deixou mais de 400 poesias, na sua maioria inéditas, tendo publicado apenas uma pequena coletânea de versos sob o título: "Z Za Krat Pawiaka" (De Dentro das Grades), relacionada com seus anos passados na prisão, como preso político e terrorista. Faleceu em 1927, em Curitiba.

ZWEDROCKI, Michal

Não existe vestígio algum, que possa lançar luzes sobre a sua pessoa. Ficou no anonimato como tantos outros, cujos destinos tiveram sido ligados de maneira direta ou indireta com a etnia polonesa e sua vida cultural. Embora seu nome não consta de nenhuma lista ou relação dos professores primários poloneses no Brasil, presume-se que tenha exercido esta profissão por um certo tempo. Encontramos apenas um conto de sua autoria, cujo enredo desenrola-se no meio dos colonos.

SPOR O WOLY (Litígio pelos Bois) — Gaz. Polska, 1932.

PALAVRA FINAL

A campanha de nacionalização, desenvolvida pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, embora tenha trazido reais benefícios para a coletividade polonesa, causou-lhe, também, danos irreparáveis. Não nos compete julgar, quais foram os maiores: benefícios ou danos — parece nós, no entanto, que devido aos danos sofridos, a história completa sob todos os pontos de vista de um estudioso apaixonado da imigração polonesa, sua fixação e assimilação no meio brasileiro, jamais será escrita. Talvez estejamos errados, mas as dificuldades que encontramos ao confeccionar este trabalho, querem convencer-nos de que estamos certos. Desapareceram arquivos de muitas sociedades e de particulares, os que porventura ainda existem, não são completos. Dezenas de jornais em língua polonesa, que vicejavam abundantemente em Curitiba, Ponta Grossa, São Paulo, Porto Alegre, Ijuí e Guaraní das Missões, constituindo uma prova visível e testemunho irrefutável da pujante vida cultural da massa imigratória polonesa, são conhecidos apenas pelo nome. A fonte primordial, intacta, verdadeira e inesgotável desta vida agitada, desapareceu para sempre. Que este punhado de nomes e de sua (em parte apenas) obra, aqui reunidos, representem uma singela homenagem aos incansáveis batalhadores pela elevação cultural da coletividade polonesa no Brasil.

TEXTOS E DOCUMENTOS

Documentação dos Arquivos Brasileiros referente às Colônias Pilarzinho e Abranches

Ruy Christovam Wachowicz

TEXTOS E DOCUMENTOS

Documentação dos Arquivos Brasileiros
referente às Colônias Filasinas
e Abranques

Ruy Constantino Wanderley

A documentação histórica relativa aos primórdios da imigração polonesa para o Brasil encontra-se dispersa em várias entidades oficiais e particulares de vários Estados brasileiros. Na Província de Santa Catarina, que abrigou temporariamente a primeira leva de imigrantes poloneses chegados ao Brasil e dirigidos inicialmente para a Colônia Príncipe D. Pedro no vale do rio Itajaí, encontram-se dois arquivos que abrigam a respectiva documentação. A **Sociedade Amigos de Brusque**, que por ocasião do centenário da cidade do mesmo nome, agrupou ao seu acervo valiosa documentação relativa às colônias Príncipe D. Pedro e a Itajaí-Brusque, contém documentação relativa à tentativa de fixação dos poloneses na região. O **Arquivo Público do Estado de Sta. Catarina**, que por ocasião do levantamento dessa documentação encontrava-se em mudança e em consequência não pesquisado, deve conter a correspondência mantida pelo governo da então Província de Sta. Catarina, o Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e o agrimensor Sebastião Edmundo Wos Saporski, principal responsável pela vinda dos primeiros grupos de agricultores poloneses para o Brasil. O **Arquivo Nacional** no Rio de Janeiro, embora não contenha uma rica documentação a respeito, possui também vários documentos esclarecedores, sobretudo quanto à correspondência trocada entre o Ministério da Agricultura e os governos de Sta. Catarina e Paraná. O **Arquivo Público do Estado do Paraná** é que no entanto possui no seu acervo a mais numerosa documentação sobre os pioneiros imigrantes poloneses, estabelecidos nas colônias municipais de Pilarzinho e Abranches, no município de Curitiba. A Municipalidade de Curitiba, responsável que foi pela obtenção dos terrenos a esses imigrantes no seu "roció", abriga no **Arquivo da Câmara Municipal**, documentação referente sobretudo à escolha dos terrenos e na sua respectiva medição. Finalmente o **Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense** possui um álbum relativo à pessoa de Sebastião Edmundo Wos Saporski, com fotografias de alguns documentos que ao que tudo indica foram fotografados no Arquivo Público de Sta. Catarina.

Os mais importantes documentos encontradas nos acervos dessas entidades vão aqui transcritos, alguns deles quase na íntegra, obedecendo à ortografia da época e em ordem cronológica. As abreviaturas de referência encontradas ao final de cada texto significam as iniciais dos nomes das respectivas instituições onde foram encontradas.

IHGEP — Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense.

SAB — Sociedade Amigos de Brusque.

APEP — Arquivo Público do Estado do Paraná.

AN — Arquivo Nacional.

CMC — Câmara Municipal de Curitiba.

- 61 — Aviso do Ministério dos Negócios da Agricultura Comércio e Obras Públicas ao Presidente da Província de Sta. Catarina. 11/5/1869.

Tendo o Padre Antonio de Zielinski vigário da Freguezia de São Pedro Apóstolo e Edmundo Wollo (sic) de Saporski residente na mesma freguezia pedido terras n'essa Província ou na do Paraná para o estabelecimento de Polacos compatriotas seus que pretendem emigrar a esta Colonia Brusque para o Brazil convem que V. Exa. exija dos peticionários não só que escolham a localidade em que terão de fixar-se, como também declararem precisamente com elles alguns dos Agentes do Governo, no caso de decidir-se apresentar-lhes o auxilio do transporte. Deus Guarde a V. Exa. Joaquim Antão Fernando Leão. cópia existente no IHGEP.

- 02 — Comunicação feita pelo presidente da Província de Sta. Catarina a Sebastião Saporski.

Palácio do Governo da Província de Sta. Catharina, em 20 de Maio de 1869. — Remeto a Vmce. cópia do Aviso do Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, datado de 11 do corrente a fim de que Vmce. me remeta com brevidade os esclarecimentos pedidos a seu respeito no dito Aviso. Deus Guarde a Vmce. — Carlos Augusto P. de Abreu. Cópia existente no IHGEP.

- 03 — Officio do diretor da colônia Itajahy — Brusque ao Presidente da Província de Sta. Catharina. 31/8/1869.

Tenho a honra de submeter à V. Excia. o orçamento incluso, calculado para as despesas á fazer com 94 colonos novos, de nação polacos, aqui chegados no corrente mês de Agosto, e peço respeitosamente á V. Excia. que se digne de mandar consignar na Thezouraria da Província, pagável ao procurador da Colonia em Desterro, Snr. Fernando Hackradt, a quantia de Rs 7:894\$500, especificada no dito orçamento. Também ajunto uma relação nominal dos colonos chegados no decurso deste trimestre; para os 60 primeiros colonos já tive a honra de submeter à V. Excia. o orçamento especificado com o officio nº 41 de 18 de Junho no importe de Rs. 5:054\$000, cuja quantia já recebi inclusa naquella, que me foi paga á conta do Trimestre presente. Constando que já foram dirigidos á esta Colonia mais 22 familias de colonos novos, peço respeitosamente á V. Excia., que se digne de mandar consignar em breve o importe do orçamento supra de Rs. 7:894\$500, como também o resto do orçamento trimestral, que junto com o officio nº 38 de 1 de Julho tive a honra de apresentar á V. Excia. Deus Guarde V. Excia. Ilmo e Exmo Senhor Coronel Joaquim Xavier Neves. Dgino. Vice Presidente da Província de Sta. Catharina. O Diretor: F. von Klitzing. Arquivo da SAB.

- 04 — Officio do Ministério dos Negócios da Agricultura, Commercio e Obras Públicas, ao Presidente da Província do Paraná. 22/9/1869.

Tendo o Vigário da Freguezia de S. Pedro Apóstolo, na Província de Santa Catarina, Antonio Zielinski e Edmundo Wlo (sic) Saporski manifestado desejo de fazer dirigir immigrants Polacos, compatriotas seus para terras situadas aos lados da estrada de Mato Grosso a partir de Palmeira no Valle do Iguassú, convém que V. Exa. com a possível brevidade informe circunstanciadamente a respeito do estado das mencionadas terras e da conveniencia que possa haver em fundar n'ellas um nucleo de população. Joaquim Antonio Fernandes Leão. Seção dos Ministérios, simbolo IA⁶ 42. AN.

- 05 — Officio do Ministro da Agricultura ao Presidente da Província de Sta. Catarina. 22/9/1869.

De posse de um officio datado de 21 de Agosto último declaro que convem informar circunstanciadamente acerca das terras lateraes á estrada de Mato Grosso, a partir de Palmeiras no valle do Iguassú para que possa o Governo Imperial tomar em consideração o pedido feito pelo Vigário da Freguesia de S. Pedro Apóstolo, Antonio de Zielinski e Edmundo Wolo (sic) de Saporski relativamente ao projetado estabelecimento de Polacos compatriotas seus, devendo, entretanto, V. Exa. fazer-lhes sciente de que o Governo Imperial limitar-se-ha a

vender lhes terras, nem fazer lhes adiantamento algum, visto serem imigrantes espontaneos. D.G.V. Exa. Seção dos Ministérios simbolo la6 43. An.

- 06 — Resposta da Prefeitura da Província do Paraná ao officio do Ministério da Agricultura.

Em aviso de 22 de Setembro do anno findo, exigiu V. Exa. informações circumstanciada a respeito do estado das terras situadas aos lados da estrada que projecta abrir para Matto Grosso a partir de Palmeiras no valle do Iguassú e da conveniência que possa haver em fundar nellas um nucleo de população. Tendo havido grande demora em obter os dados dos funcionários e autoridades do interior da Província, só agora me é permitido cumprir a ordem de V. Exa. apresentando em original, todas as informações colhidas acerca do assumpto de que trata. Entre ellas se dignará V. Exa. encontrar a que prestou o Engo. Antonio Pereira Rebouças Filho, que conhecendo a localidade onde demoraõ aquellas terras, pois que percorreu-a quando procedeu a exploração para a abertura da estrada para Mato Grosso, ministra minuciosos e positivos esclarecimentos. Do Conselheiro Diogo Veijo Cavalcanti de Albuquerque. A.E. de Leão. Livro para o registro de toda a correspondencia com o Ministério da Agricultura. 1869-1872. APEP.

- 07 — Requerimento de Sebastião Edmundo Saporski ao Presidente da Província de Sta. Catharina solicitando atestados. 22/6/1870.

Ilmo e Exmo Snr. Presidente da Província. Diz Sebastião Edmundo Saporski, agente da imigração Polaca, que a bem de seu direito precisa que Vossa Excellencia Ilma lhe ateste: 1º a chegada de 16 familias Polacas, 78 pessoas do Itajahy em Agosto 1869 com o navio **Victoria**, commandante "Redlich". 2º a presente residencia, **colonia Brusque** nesta província desses individuos Polacos, especialmente mencionados no mappa seguinte. Pqa Vossa Excellencia Ilma se digne deferir. E.R.Me. Desterro em 22 de junho de 1870. Sebastião Edmundo Saporski.

Despacho do Presidente: Ateste o Snr. Diretor da colonia de Itajahy. Palácio do Governo da Província de Santa Catharina em 26 de junho de 1870. (Assin) Ferra. Corrêa.

Despacho do Diretor da Colonia: Em observância do Despacho do Exmo. Sr. Presidente da Província exarado neste requerimento atesto: 1º que as 16 familias Polacas constantes da relação junta ao mesmo requerimento chegarão à Villa de Itajahy em Agosto de 1869, 2º que todas ellas se achão estabelecidas na Colonia Itajahy. Secretaria do Governo da Província de Santa Catharina, em 25 de julho de 1870. (Ass.) João Correa dos Santos.

Despacho do Presidente: Ateste o Snr. Diretor da colonia Itajahy. Palácio Diretor da Colonia. Palácio do Govo. da Provcia. de Sta. Cath. Cópia existente no IHGEP.

- 08 — Mappa das familias Polacas conforme as cabeças morandas na Colonia Brusque, Província Sta. Catharina chegados na Villa do Itajahy com o navio Victoria em Agosto de 1869. (Anexo ao requerimento de Sebastião Edmundo Saporski do Presidente da Província de Sta. Catharina em 22/6/1870.

			somma de todos os membros da familia
1 — Nicolao Wos	e mulher,	1 menino	3
2 — Francisco Pollak	idem	5 idem	7
3 — Bonaventura Pollak	"	4 "	6
4 — Thomas Szynowski	"	2 "	4
5 — Simão Purkott	"	2 "	4
6 — Felipe Kokott	"	1 "	3
7 — Miguel Prudlo	"	2 "	4
8 — Simão Otto	"	3 "	5
9 — Domin Stempka	"	1 "	3
10 — Casper Gbur	"	3 "	5
11 — Balcer Gbur	"	7 "	9
12 — Valentino Weber	"	4 "	6

13 — Antonio Kania	"	—	"	2
14 — Francisco Kania	"	3	"	5
15 — A mai do precedente com seu filho	"	—	"	2
16 — Andreas Pampuch	"	5	"	7
Josepho Purkott, solteiro				1
Julianna Wos, solteira				1
Stephano Kachel, solteiro				1
				78

Total 78

09 — Requerimento de Sebastião E. Saporski ao Presidente da Província do Paraná, 12/8/1870.

Ilmo e Exmo. Snr. Presidente do Paraná. Temos a liberdade d'enviar à Vossa Excellencia Ilma a inclusa lista das famílias Polacas, oitenta pessoas, que emigrão no anno passado para o Brasil e forão mandados á sua presente residencia Colonia de Brusque na Província de Santa Catharina, para que pudesse-lhes ser concedida a muito humilde pedida d'elles o transporte d'essa Província para a do Paraná. P. q. Vossa Excellencia Ilma. se digne servir. Curitiba em 12 de Agosto de 1870. Seb. E. Saporski.

Despacho: Indeferido. Palacio da Presidencia do Paraná, 25 de outubro de 1870. A.E. Leão.

Offícios-1870, vol. 16 APEP.

10 — Lista das famílias Polacas conforme as cabeças, morandas na Colonia de Brusque, Província de Sta. Catharina, chegadas á Villa do Itajahy em Agosto de 1869. (Este documento estava anexo ao requerimento do Saporski 12/8/1870).

		Somma das pessoas de cada familia	
1 — Nicolao Wosch e mulher	1 menino	3
2 — Francisco Pollok e do	5 do.	7
3 — Benaventura Pollok e do	4 do.	6
4 — Thomas Szynowski e do	2 do.	4
5 — Simão Purkott e do	2 do.	4
6 — Felipo Kokot e do	1 do.	3
7 — Miguel Prudlo e do	2 do.	4
8 — Simão Otto e do	3 do.	5
9 — Domin Stempka e do	1 do.	3
10 — Caspar Gbur e do	3 do.	5
11 — Balcer Gbur e do	7 do.	9
12 — Valentino Weber e do	4 do.	6
13 — Antonio Kania e do	—	2
14 — Francisco Kania e do	3 do.	5
15 — A mai do precedente com seu filho	—	2
16 — Andreas Pampuch e mulher	5 do.	7
17 — Julia Wós, solteira	—	1
18 — Stephan Kachel, solteiro	—	1
19 — Josepho Purkott, idem	—	1
20 — Francisco Motzko e mulher (depois chegados)	—	2
	Total	80

Offícios — 1870, vol. 16. APEP

11 — Do Diretor das Colônias Príncipe D. Pedro e Itajahy ao Presidente da Província de Sta. Catharina. 6/9º1870.

Em cumprimento do officio de V. Exa. datado de 22 do mez próximo passado que acompanhou o telegrama do Exmo. Snr. Presidente da Prov. do Paraná, acerca da pretensão do Polaco Sebastião Saporski. Tenho a honra informar a V. Exa. que os Polacos colonos estabelecidos anteriormente nesta colonia em lotes urbanos, hoje se achão na de Príncipe D. Pedro nos lotes ruraes, dirigi-me no Districto e na residencia d'elles perante suas famílias e os perguntei se querião ir para a Província do Paraná, e se elles tinhão encarregado o dito Saporski de os procurar outra Província no Brasil e finalmente na

Colônia Príncipe Dom Pedro estavam contentes e satisfeitos ou não. Todos unanimemente responderão que Saporski os tinha trazido sempre enganados, prometendo-os mundos e fundos, e que também nesta Colônia recebeu de cada um d'elles Rs. 8\$000 á 10\$000 dizendo-lhes que hia fallar com Sua Magestade Imperial, a fim de serem transportados para a Província do Rio Grande do Sul e que hoje não querem saber nada do tal Saporski por se acharem estabelecidos nos seus lotes e contentes com sua sorte. E o que cumpre informar a V. Exa. a respeito dos polacos colonos. João Detsi.

Offícios — 1870, vol. 17. APEP.

- 12 — Offício do Vice Presidente da Província do Paraná, Agostinho Ermelino de Leão á Repartição de Terras. 25/10/1870.

Para seu conhecimento transmitto-lhe cópia da informação que ministrou-me o Exmo. Presidente da Prov. de Sta. Catarina em relação ao Polaco Sebastianão que dirigio a esta Presidencia uma petição que nesta data indeferi, manifestando o desejo de estabelecer-se nesta Província com 80 seus compatriotas.

Livro de Registro de toda a correspondencia relativa a Terras Publicas e Colonisação. APEP.

- 13 — Offício do Presidente da Província do Paraná Venancio José d'Oliveira Lisboa á Comissão de emigrantes em Paranaguá. 1/5/1871.

Cumpre que Vmces fação seguir para Antonina, logo que ahi chegarem vindos de Santa Catarina, os colonos constantes da relação junta. Para o transporte d'esses colonos reclamem Vmces do gerente da Companhia Progressista as passagens que forem preciso.

Offícios 1871, vol. 16. APEP.

- 14 — Do responsável pela empresa de navegação do vapor "São Francisco" em Paranaguá, ao Presidente Dr. Venancio José d'Oliveira Lisboa. 26/9/1871.

Tenho a honra de offerecer á consideração de V. Exa. a lista nominal dos colonos que do porto de Itajahy foram transportados para esta cidade no vapor "São Francisco", com cujas passagens despendi a quantia de oitocentos e dez mil reis — Rs 810\$000 conforme a lista que me foi enviada pelo agente da empresa n'aquella villa, e por ella saberá V. Exa. que nada foi cobrado pela grande bagagem que no geral elles trazem. No vapor Marumby seguem para Antonina gratuitamente, e quando elle falta, o Capitão do Porto tem prestado passagem, como fez aos imigrantes vindos do norte. Espero da solicitude de V. Exa. que ordenará o pagamento do despendido.

Offícios — 1871, vol. 16. APEP.

- 15 — Itajahy 22-1871. Relação dos passageiros que com recibo desta Agencia seguem a bordo do Paquete a vapor S. Francisco. Comandante Isac para os portos abaixo declarados. Para receber na Província do Paraná.

NOMES

Cato Bera e 5 filhos	42\$000
Carolina Estevão Chor e 1 filho	18\$000
Catharina Coupá e 4 filhos	36\$000
Maria Penvcot e 3 filhos	30\$000
Boaventura Paler Sra. e 5 filhos	48\$000
Paulina Elné	12\$000
Barth Xique	12\$000
Anna Gueburge e 3 filhos	30\$000
André Pauquet Sra e 5 filhos	48\$000
Jacob Nabval Sra e 5 filhos	48\$000
Francisco Panei e 4 filhos	48\$000
Ignacio Mieller, Sra. e 4 filhos	48\$000

* Observe-se como que os sobrenomes poloneses foram escritos pelo capitão do vapor S. Francisco que transportou do porto de Itajahy para o de Paranaguá.

Elisabette Buquett e 1 filho	12\$000
Estella Protuó e 2 filhos	24\$000
Suzana Nabreque e 3 filhos	30\$000
Ma. Kanier e 1 filho	18\$000
Rosa Attan e 2 filhos	24\$000
Ma. Luiasse e 2 filhos	24\$000
Ma. Rosse e 1 filho	18\$000
Ma. Prodelingre e 3 filhos	30\$000
Anna Bus e 7 filhos	54\$000
Garte Walter e 1 filho	18\$000
Benrando Filha Sra. e 2 filhos	36\$000
Francis Palle Sra. e 4 filhos	48\$000
Je. Riff e Sra.	24\$000
	<hr/>
	810\$000

Paranaguá, 26 de Setembro de 1871

Manuel Antonio Guimarães

Offícios. 1871, vol. 16. APEP.

- 16 — Abaixo assinado dos colonos da colonia Itajahy, entregue ao diretor da mesma Major João Detsi em 14/9/1871 com 106 assinaturas.

Nós abaixo assinados colonos da Colonia Itajahy na grande crise em que atualmente se acham as colonias por falta absoluta de moeda, não tendo vindo ha perto de um ano dinheiro algum para essas colonias e não podendo nós, ainda querendo, quasi nunca mais ganhar dinheiro e, enfim não podendo nos com viveres só satisfazer ainda aos nossos mais indeclináveis misteres, tomamos na dura necessidade, em que estamos, cheios de confiança a liberdade de recorrer a Va. Sa. nosso incansável e digno Senhor Diretor, pedindo-lhe Digne-se fazer constar nossa miséria ao Governo de S.M. para que esse mesmo Governo sempre tão generoso para com os estrangeiros Digne-se, achando justa a causa, mandar-nos outra vez para serviços de estrada as quantias, que Va. Sa. achar indispensáveis, para nos podermos existir aqui com nossas familias e para que se apoderar também desta Colonia este fatal espírito de desanimo e descontentamento que fez sair antes os Irlandeses e ingleses e agora toda a população polaca, estando nos firmes para ficar, si nos restarem os meios absolutos para podermos viver aqui nós e nossos filhos. (seguem-se as 106 assinaturas). Arquiv SAB.

- 17 — Officio do Ministro da Agricultura ao Presidente da Província do Paraná. 14/9/1871.

Tendo chegado ao conhecimento do Governo Imperial o facto de abandonarem alguns colonos estabelecidos na Província de Sta. Catarina, seus lotes de terras aliciados por promessas feitas por parte de pessoas residentes na Província a cargo de V. Exa. recomendo-lhe que providencie no sentido de se não reproduzir esse facto. T.M.F. Pereira da Silva.

Livro 235 — Offícios do Ministério dos Negócios da Agricultura Commercio e Obras Públicas. 1871. APEP.

- 18 — Officio do Ministro da Agricultura ao Presidente da Província de Sta. Catarina. 14/9/1871.

Tendo n'esta data expedido ordem ao Presidente da Província do Paraná para providenciar no intuito de evitar a emigração de colonos d'essa para a Província, recomendo a V. Exa. que no mesmo sentido tome as medidas necessárias a fim de evitar que os colonos abandonem seus lotes de terra. D.G.V. Exa. Seção dos Ministérios simbolo la6 43. AN.

- 19 — Officio do Presidente da Província do Paraná ao Ministro da Agricultura Theodoro Machado Freire Oliveira da Silva. — 7/10/1871.

Accuso o recebimento do Aviso de V. Exa. datado de 14 do mez findo, no qual V. Exa. communica-me ter chegado ao conhecimento do Governo Imperial o facto de abandonarem alguns colonos estabelecidos na Prov. de S. Catharina seus lotes de terras, aliciados por promessas feitas por parte de pessoas residentes nesta Província. Cumpre em resposta participar a V. Exa. que provi-

denciarei no sentido de se não reproduzir esse facto. Livro de Registro de toda a Correspondencia com o Ministério da Agricultura. 1869-1872. APEP.

- 20 — Officio do Presidente da Província do Paraná, Venancio José d'Oliveira Lisboa ao Tenente Coronel Joaquim Antonio Guimarães.

Communico a Vmce em resposta ao seu officio de 13 do corrente, que, n'esta data expedi ordem para lhe pagar pela Colletoria d'essa cidade a quantia de 1:181\$700 em que importarão as despesas feitas com os colonos polacos. Aproveito a occasião para agradecer-lhe os serviços que prestou na commissão de que foi por esta Presidencia encarregado. 18/10/1871.

Livro de Registro da Correspondência relativa a Terras Públicas e Colonição — 1869-1871. APEP.

- 21 — Officio do diretor das colonias Príncipe Dom Pedro e Itajahy João Detsi ao Presidente da Província de Sta. Catarina Joaquim Bandeira de Gouvêa. 20/10/1871.

Accuso recebido o officio de Va. Exa. datado de 7 do corrente que acompanhou cópia do Aviso do Ministério da Agricultura, Commercio e Obras Públicas com data de 26 do mez proximo passado á cerca da emigração de colonos da Colonia Príncipe Dom Pedro; para a Província do Paraná. Tenho a honra informar a V. Excia que na Colonia havia 97 polacos; em 22 de Agosto do anno próximo passado o Exmo. antecessor de V. Excia. remetteo a esta Directoria um telegrama do Presidente da Província do Paraná em que perguntava se os ditos polacos não tinham mandado um seu patricio de nome Sebastião Saporosky para occupar transferi-los para aquella Província, em officio de 6 de Setembro informei a Sua Excia. do que me responderam aquellos colonos. Em Outubro chegarão mais 46 polacos, foram recebidos muito bem e igualmente tratados, dentro de 6 dias já todos estavam nos lotes que para eles tinham sido recolhidos e logo foram empregados em serviços coloniais; pouco tinha decorrido da instalação delles, começaram se queixar contra os tiradores de madeiras, as boiadas destes estragaram as plantações dos colonos; a este respeito pedi providências por mais de uma vez; queixaram-se também de não ter uma escola para educar os seus filhos e uma Capella para ouvirem Missa; para esses dois melhoramentos pedi a V. Excia. e ao Governo Imperial em 19 de Dezembro do anno passado, em mez de Maio do corrente ano, estando eu com licença no Rio de Janeiro pedi ao Governo Imperial e em 29 de Julho insisti com V. Excia. para o mesmo fim; só em 29 de Julho instei com V. Excia. para o mesmo fim; só em 20 de Setembro último, V. Excia. se dignou mandar-me o Aviso do Ministério d'Agricultura, Commercio e Obras Públicas em que me autoriza a criação de uma escola e construção da Capella. Estes colonos polacos vendo também que o serviço quasi se achava parado por falta de orçamento técnico e por não haver Engenheiro ou Agrimensor habil para o fazer e como lhes constasse que na Província do Paraná achava-se muito serviço de estradas e como já da Colonia Blumenau tinham emigrado para aquella Província muitos colonos em Abril do corrente ano, achando-me eu no Rio de Janeiro os referidos polacos mandaram dois de seus companheiros na referida Província e ali trataram suas mudanças e no mes de Julho tudo levei ao conhecimento de V. Excia. a este respeito. O motivo imperioso ao meu ver é que colono nenhum poderá parar na Colonia Príncipe Dom Pedro enquanto ai existirem as serrarias de madeiras, que aumenta diariamente a entrada de especuladores ligados com outros piores que é um Leo Arnoldi, etc. Se o Governo Imperial atender mandar acabar com as ditas serrarias a Colonia pode prosperar e ficar uma das melhores, por ter todas condições necessarias. Aqui tem se passado escrituras fraudulentas, vendendo e comprando terras sem estarem quites com a Fazenda. V. Excia. tem conhecimento disto pelo meu officio de 27 de Junho, igualmente pedi providências a este respeito á Autoridade Civil da Vila de Itajahy, nada se tem feito, os especuladores de madeiras cada vez mais acorçoados e os colonos soffrem d'elles, ficando desgostosos e querem emigrar. Deus Guarde á V. Excia. Ilmo e Exmo. Snr. Dr. Joaquim Bandeira de Gouvêa — DDD Presidente da Província de Santa Catarina. Arquivo da SAB.

- 22 — Requerimento dos colonos da colônia Pilarzinho ao Presidente e Vereadores da Câmara Municipal de Curitiba, 7/11/1871.

Elisabette Buquett e 1 filho	12\$000
Estella Protuó e 2 filhos	24\$000
Suzana Nabreque e 3 filhos	30\$000
Ma. Kanier e 1 filho	18\$000
Rosa Attan e 2 filhos	24\$000
Ma. Luiasse e 2 filhos	24\$000
Ma. Rosse e 1 filho	18\$000
Ma. Prodelingre e 3 filhos	30\$000
Anna Bus e 7 filhos	54\$000
Garte Waller e 1 filho	18\$000
Benrardo Filha Sra. e 2 filhos	36\$000
Francis Palle Sra. e 4 filhos	48\$000
Je. Riff e Sra.	24\$000
	810\$000

Paranaguá, 26 de Setembro de 1871

Manuel Antonio Guimarães

Officios. 1871, vol. 16. APEP.

- 16 — Abaixo assinado dos colonos da colonia Itajahy, entregue ao diretor da mesma Major João Detsi em 14/9/1871 com 106 assinaturas.

Nós abaixo assinados colonos da Colonia Itajahy na grande crise em que atualmente se acham as colonias por falta absoluta de moeda, não tendo vindo ha perto de um ano dinheiro algum para essas colonias e não podendo nós, ainda querendo, quasi nunca mais ganhar dinheiro e, enfim não podendo nos com viveres só satisfazer ainda aos nossos mais indeclináveis misteres, tomamos na dura necessidade, em que estamos, cheios de confiança a liberdade de recorrer a Va. Sa. nosso incansável e digno Senhor Diretor, pedindo-lhe Digne-se fazer constar nossa miséria ao Governo de S.M. para que esse mesmo Governo sempre tão generoso para com os estrangeiros Digne-se, achando justa a causa, mandar-nos outra vez para serviços de estrada as quantias, que Va. Sa. achar indispensáveis, para nos podermos existir aqui com nossas famílias e para que se apoderar também desta Colonia este fatal espírito de desanimo e descontentamento que fez sair antes os Irlandeses e ingleses e agora toda a população polaca, estando nos firmes para ficar, si nos restarem os meios absolutos para podermos viver aqui nós e nossos filhos. (seguem-se as 106 assinaturas). Arquiv SAB.

- 17 — Officio do Ministro da Agricultura ao Presidente da Província do Paraná. 14/9/1871.

Tendo chegado ao conhecimento do Governo Imperial o facto de abandonarem alguns colonos estabelecidos na Província de Sta. Catarina, seus lotes de terras aliciados por promessas feitas por parte de pessoas residentes na Província a cargo de V. Exa. recomendo-lhe que providencie no sentido de se não reproduzir esse facto. T.M.F. Pereira da Silva.

Livro 235 — Officios do Ministério dos Negócios da Agricultura Commercio e Obras Públicas. 1871. APEP.

- 18 — Officio do Ministro da Agricultura ao Presidente da Província de Sta. Catarina. 14/9/1871.

Tendo n'esta data expedido ordem ao Presidente da Província do Paraná para providenciar no intuito de evitar a emigração de colonos d'essa para aquella Província, recomendo a V. Exa. que no mesmo sentido tome as medidas necessárias a fim de evitar que os colonos abandonem seus lotes de terra. D.G.V. Exa. Seção dos Ministérios simbolo la6 43. AN.

- 19 — Officio do Presidente da Província do Paraná ao Ministro da Agricultura Theodoro Machado Freire Oliveira da Silva. — 7/10/1871.

Accuso o recebimento do Aviso de V. Exa. datado de 14 do mez findo, no qual V. Exa. communicame ter chegado ao conhecimento do Governo Imperial o facto de abandonarem alguns colonos estabelecidos na Prov. de S. Catharina seus lotes de terras, aliciados por promessas feitas por parte de pessoas residentes nesta Província. Cumpre em resposta participar a V. Exa. que provi-

denciarei no sentido de se não reproduzir esse facto. Livro de Registro de toda a Correspondencia com o Ministério da Agricultura. 1869-1872. APEP.

- 20 — Offício do Presidente da Província do Paraná, Venancio José d'Oliveira Lisboa ao Tenente Coronel Joaquim Antonio Guimarães.

Communico a Vmce em resposta ao seu officio de 13 do corrente, que, n'esta data expedi ordem para lhe pagar pela Colletoria d'essa cidade a quantia de 1:181\$700 em que importarão as despezas feitas com os colonos polacos. Aproveito a occasião para agradecer-lhe os serviços que prestou na commissão de que foi por esta Presidencia encarregado. 18/10/1871.

Livro de Registro da Correspondência relativa a Terras Públicas e Colonização — 1869-1871. APEP.

- 21 — Offício do diretor das colonias Príncipe Dom Pedro e Itajahy João Detsi ao Presidente da Província de Sta. Catarina Joaquim Bandeira de Gouvêa. 20/10/1871.

Accuso recebido o officio de Va. Exa. datado de 7 do corrente que acompanhou cópia do Aviso do Ministério da Agricultura, Commercio e Obras Públicas com data de 26 do mez proximo passado á cerca da emigração de colonos da Colonia Príncipe Dom Pedro; para a Província do Paraná. Tenho a honra informar a V. Excia que na Colonia havia 97 polacos; em 22 de Agosto do anno próximo passado o Exmo. antecessor de V. Excia. remetteu a esta Directoria um telegrama do Presidente da Província do Paraná em que perguntava se os ditos polacos não tinham mandado um seu patricio de nome Sebastião Saporsky para occupar transferi-los para aquella Província, em officio de 6 de Setembro informei a Sua Excia. do que me responderam aquellos colonos. Em Outubro chegarão mais 46 polacos, foram recebidos muito bem e igualmente tratados, dentro de 6 dias já todos estavam nos lotes que para eles tinham sido escolhidos e logo foram empregados em serviços coloniais; pouco tinha decorrido da instalação delles, começaram se queixar contra os tiradores de madeiras, as boiadas destes estragaram as plantações dos colonos; a este respeito pedi providências por mais de uma vez; queixaram-se também de não ter uma escola para educar os seus filhos e uma Capella para ouvirem Missa; para esses dois melhoramentos pedi a V. Excia. e ao Governo Imperial em 19 de Dezembro do anno passado, em mez de Maio do corrente ano, estando eu com licença no Rio de Janeiro pedi ao Governo Imperial e em 29 de Julho insisti com V. Excia. para o mesmo fim; só em 29 de Julho instei com V. Excia. para o mesmo fim; só em 20 de Setembro último, V. Excia. se dignou mandar-me o Aviso do Ministério d'Agricultura, Commercio e Obras Públicas em que me autoriza a criação de uma escola e construção da Capella. Estes colonos polacos vendo também que o serviço quasi se achava parado por falta de orçamento técnico e por não haver Engenheiro ou Agrimensor habil para o fazer e como lhes constasse que na Província do Paraná achava-se muito serviço de estradas e como já da Colonia Blumenau tinham emigrado para aquella Província muitos colonos em Abril do corrente ano, achando-me eu no Rio de Janeiro os referidos polacos mandaram dois de seus companheiros na referida Província e ali trataram suas mudanças e no mes de Julho tudo levei ao conhecimento de V. Excia. a este respeito. O motivo imperioso ao meu ver é que colono nenhum poderá parar na Colonia Príncipe Dom Pedro enquanto ai existirem as serrarias de madeiras, que aumenta diariamente a entrada de especuladores ligados com outros piores que é um Leo Arnoldi, etc. Se o Governo Imperial atender mandar acabar com as ditas serrarias a Colonia pode prosperar e ficar uma das melhores, por ter todas condições necessarias. Aqui tem se passado escrituras fraudulentas, vendendo e comprando terras sem estarem quites com a Fazenda. V. Excia. tem conhecimento disto pelo meu officio de 27 de Junho, igualmente pedi providências a este respeito á Autoridade Civil da Vila de Itajahy, nada se tem feito, os especuladores de madeiras cada vez mais acoroçados e os colonos sofrem dêles, ficando desgostosos e querem emigrar. Deus Guarde á V. Excia. lmo e Exmo. Snr. Dr. Joaquim Bandeira de Gouvêa — DDD Presidente da Província de Santa Catarina. Arquivo da SAB.

- 22 — Requerimento dos colonos da colônia Pilarzinho ao Presidente e Vereadores da Câmara Municipal de Curitiba, 7/11/1871.

Os colonos Francisco Kanha, Bernardo Filo, Boasi Mazoseoke, Martim Campo, Francisco Pollac, Vicente Rumbuch, Phelipo Cocot, Thomas Senofskey, Fabian Bartzik, Simon Purgott e Simon Otto, veem pedir a V. SSas. para que na conformidade da lei Provincial do anno passado, se dignem mandar entregar aos Suppes. os lotes de terras medidos no lugar denominado Pilarsinho sob nºs 5, 6, 39, 40, 53, 54, 51, 52, 65, 66, 67, 68, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, que se acham devolutos, devendo os ditos lotes serem distribuidos pela ordem em que se acham colocados os Suppes. R. Me. (Ass.) Francisco Kania, Lernas Fila, Blazeus Macziosek, Martim Kampa, Franciszek Pollak, Wicent Pam-puch, Filip Kokott, Tomas Sinowski, Simon Purkott, Simon Otto.

- 23 — Telegrama do Ministro da Agricultura ao Presidente da Província do Paraná. 1/11/1871.

Gabinete do Ministro d'Agricultura 1º de Novembro de 71. He certo que os colonos Polacos que forão de Santa Catharina para essa província andão esmolando e nada teem em que se occupem? Informe V. Exa. com urgência e tome as medidas necessárias para que isso não aconteça. Assinado T.M.F. Pereira da Silva.

Offcios 1871, vol. 18. APEP.

- 24 — Telegrama do Agente Consular de Alemanha da estação de São Francisco ao Exmo. Sr. Presidente do Paraná. 11/9/1873.

POLONESES EM D. FRANCISCA P/ O PR.

Comunico a V. Exa. que n'esta cidade, acham-se centos e tantos colonos prussianos polacos que da D. Francisca para Curitiba querem seguir, mas faltalhes os meios e alimentos. Muitas da familias desses colonos, tem os seus parentes n'essa cidade aos que desejão reunir-se a vista do que V. Exa. determinará o que for devido. Assinado a rogo dos colonos — O Agente Consular Henrique Demtter.

Offcios — 1873, vol. 18. APEP.

- 25 — Officio da Camara Municipal de Curitiba ao Presidente da Província Frederico José Cardoso de Araujo Abranches de 1 /10/1873.

A Camara Municipal d'esta Capital tem a honra de accusar o recebimento do officio de V. Exa., datado de 29 de agosto p. findo, em que ordena que esta Camara informe se nos arrabaldes d'esta cidade existem terrenos devolutos e qual o preço por que os póde obter, sendo estes de propriedade particular. Esta Camara tem demorado a satisfazer a supracitada ordem de V. Exa., não por negligência, mas sim por se lhe ter difficultado a obtenção de informações. A maior parte dos proprietários de terrenos nas circunvizinhanças d'esta Capital não quer vendel-os, Francisco de Paula França propõem-se a vender um terreno de matas que possui limitrofe com o rocio d'esta cidade, no quarteirão do Botiatuvinha, com 500 braças de frente e meia legua de fundo, por 16:000\$000. João Antonio Ferreira Borges e Arlindo Ferreira Borges, possuem outro terreno de mato que querem vender por 15:000\$000 também meia legua distante d'esta cidade, contendo 750 braças de frente e meia legua e fundo. Mariano de Almeida Torres também propõem-se a vender um terreno, contendo 250 hectares pelo preço de 12:000\$000 r. Estes terrenos achão-se todos unidos e são próprios p/lavoura. Mariano Schwarz quer vender um terreno que possui de campo e mato, no lugar denominado Cajurú dividido com o rocio d'esta cidade, com 730 hectares, contendo uma casa coberta e telhas em bom estado, pela quantia de 14:000\$000 r. João José de Freitas Saldanha possui á tres leguas d'esta cidade no quarteirão do Ribeirão da Onça, um terreno de matas com 400 braças de frente e 800 de fundo, com uma casa coberta de telhas, tendo madeiras de serne e hervaes, que vende por 6.000\$000 r. São estas Exmo. Snr. as informações que esta Camara póde colher e transmittir a V. Exa.

Offcios — 1873, vol. 20 APEP.

- 25 — **COLÔNIA ABRANCHES**

Lançamento de uma indicação apresentada pelos Snrs. Vereadores Ferreira de Moura e Almeida Torres e aprovada em sessão de 25 de outubro do corrente anno. (1873).

Tendo chegado ultimamente a esta Capital 75 famílias de imigrantes polacos que espontaneamente procurão estabelecer-se no rocío que pertence ao patrimonio d'esta Camara, indicamos que para escolha dos Snrs. Vereadores — Capitão Antonio Enes Bandeira e Antonio Marçal d'Oliveira, fiscal Aurelio Joaquim Ribeiro de Campos e piloto Balduino Luiz de Souza para o fim de serem revistos e restabelecidos os marcos do rocío conforme os antigos termos de medição que lhes serão presentes por cópia autêntica preferindo o terreno da barra do correço que desagua no Bariguhy onde finalisou antigamente a medição pelo lado do matto virgem ou matto grosso como então chamarão. Outrossim que os ditos imigrantes polacos se dê lotes de uma área de cinco mil braças quadradas sobre a linha que partir do dito correço a sahir no campo a rumo das vertentes do Juvevê quanto possivel for aviventando-se os marcos que se encontrem nos sitios que mencionão os ditos termos de medição e ficando novos nos lugares de onde os tiverem subtraído. A despeza que com semelhante serviço forem dispensavel fazer será satisfeita pelo procurador d'esta Camara que para isso fica autorizado. Indocamos mais que para o referido fim se officie ao Agente Official da Colonização de imigrantes Capitão João Baptista Brandão de Proença para fazer parte da Comissão indicada, dando a esta Camara um histórico de todo o trabalho. Salas das sessões, 25 de Outubro de 1873. Ferreira de Moura, Joaquim Ventura d'Almeida Torres. Está conforme. O Secretário da Camara Innacio Alves Corrêa Carneiro.

Certifico que o livro das actas da sessão da Camara de 25 do corrente, consta ter sido approvado a indicação acima, por cópia, menos quanto ao número de braças quadradas que foi por indicação do Snr. Enes Bandeira e aprovado pela Câmara reduzindo a duas mil e quinhentas braças de terreno, ficando com direito, depois de edificadas estas, a igual número de braças, como prescrevem as posturas da Camara. Paço da Camara, era ut-supra. O secretário. Ignacio Alves Corrêa Carneiro.

Livro dos Termos de Verificação dos Marcos do Rocío — 25/10/1873. Arquivo da CMC.

- 27 — Termo de Verificação dos marcos que servem de divisão e padrões nos limites do Rocío d'esta cidade de Curityba, Capital da Provincia do Paraná, como abaixo se declara.

Aos quatro dias do mez de Novembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos, setenta e três, nesta paragem denominada — **Correço das Pedras**, que a um lageado que deságua no Bariguhy pela sua margem esquerda (...) medissem e demarcassem lotes de 2.500 braças quadradas para cada uma das setenta e cinco familias de imigrantes Polacos que ultimamente chegarão à esta Capital em demanda de terras e trabalho, devem taes lotes ficar quanto possivel à margem da linha divisoria, que serve de antigo limite do Rocío d'esta cidade (...) ouvido e consultado as pessoas antigas e moradores nas circunsvizinhaças d'esta paragem, as quaes por conhecimento pessoal e antiga tradição mostrãos os marcos que forão collocados desde o anno de 1963 pelos Officiaes do antigo Senado da Camara Municipal (...) Naquelle dia logo que atravessarão com a picada o Capão do Ahú, antigamente denomindo de Buva (...) Em cumprimento as instruções contidas na indicação e officio retro lançados a Commissão fez medir e demarcar os lotes necessários para estabelecimento das setenta e cinco familias de imigrantes Polacos, ficando taes lotes mesmo sobre a linha divisória do Rocío e à direita da picada que fez abrir de Noroeste a Sueste (...) Em observancia ás instruções da mesma Camara a Commissão, fez collocar oito (8- marcos de cerne de Cambará na direcção da picada (...) Estes marcos e todos os mais que ainda se fincarem terão a inscrição — 1873 — Rocío C.M., aberta á fogo com uma marca de ferro (...) A Commissão faltaria ao seu dever si não consignasse neste acto o seu agradecimento ao Sr. Sebastião Edmundo Vós Saporski pelo auxilio que prestou a Commissão e empregados da Camara, como agrimensor, e pela boa vontade e interesse com que procedeu a medição e demarcação de lotes á seus Compatriotas, auxiliando n'este importante serviço ao Fiscal da Camara (...)

Livro dos Termos de Verificação dos Marcos do Rocío. 25/10/1873. Arquivo da CMC.

28 — Offício que a Comissão encarregada da revisão e verificação dos marcos do Rocio dirigiu à Câmara Municipal de Curitiba.

Illm.os Snres. Curityba, em 10 de Novembro de 1973

Os membros da Comissão encarregada da revisão e verificação dos marcos, que servem de padrois á demarcação e medição que fizeram os Officiaes da antiga Camara, na direcção do Noroeste, para o Rocio e patrimonio da Camara Municipal, á partir do rio Juvevê, do lugar onde então existirão três uvaraneiras que sempre forão reconhecidas e respeitadas como padrão, nos limites do mesmo Rocio, á rumo de Sudoeste á Noroeste, partindo do pellourinho que existiu em frente do edificio edificado a poucos annos e que serve de paço d'essa mesma camara, na estensão de 1.500 braças dahi ás nascentes do mesmo rio Juvevê, como tudo consta do termo de medição feita em 01 de Maio de 1693.

Considerando que no mencionado termo se declara que medirão setenta cordas de 25 braças que fazem 1.750 e que havião desaparecido não só as três uvaraneiras, como também um marco de pedra que consta por tradição ter sido antigamente collocado na direcção das ditas uvaraneiras e distante d'ellas 250 braças, no alto do Campo do Bacachiry. Considerando, que a demarcação da linha do Rocio não partiu para o Noroeste primitivamente do dito alto do Campo do Bacachiry mäs sim das nascentes do Juvevê, onde estarão as três uvaraneiras, ferindo todas o rumo de sudoeste á Nordeste, e plantados junto a um capãozinho que foi derribado depois que ali foi estabelecida a Colonia Argelina, nas nascentes do dito rio Juvevê, na distância de 1.500 braças, como se evidencia do referido termo de 1 de Maio de 1693. Considerando que em tais conjuncturas, difficil lhes seria verificar a antiga demarcação do Rocio, partirão d'esta cidade na direcção da estrada da nova Colonia de S. Venancio, e procurando o lugar onde existiu uma marco chamado dos **Cerdosos**, ali fizeram assentar a bussola e auxiliados nesse serviço pelo Sr. Sebastião Edmundo Vós Saporski, tomarão o rumo de Noroeste e forão n'essa direcção até o Bariguy, como tudo melhor consta do livro destinado para lançamento dos termos de revisão e verificação dos marcos do Rocio, remettido ultimamente pela Camara para esse fim, e melhor se ve do termo lavrado a 4 do corrente mez n'esse mesmo livro de f. 2 á f. 7v. o qual contém o histórico de todo o trabalho da Comissão se desvanecem em terem bem e conscienciosamente correspondido á expectativa d'essa Camara, procedendo, como procederão, com toda a imparcialidade e justiça, não se forrando, antes arrostando, os compromissos que naturalmente provenião do cumprimento de seu dever que o fizeram guiados pela antiga tradição que tinham e indagações que fizeram de pessoas insuspeitas e fidedignas, como tudo extensamente consta do referido livro e que elles têm a honra de enviar a essa Camara. Os membros da Comissão tem profunda convicção de se terem bem compenetrado de seu importante dever, fazendo o possível para discriminar o antigo dominio da Camara com relação á linha de demarcação de seu Rocio, do das terras de propriedade particular, que lhe são contiguas, e demorão á par da linha que traçarão por uma picada balisada desde o Bariguy até a Colonia Argelina.

Concluem declarando que sabem bem perfeitamente que por maior que fosse a sua rectidão e imparcialidade nesse serviço, jamais conseguirão conciliar o interesse dos particulares, **que têm invadido o patrimonio da Camara**, com os do municipio que essa Camara representa, e persuadem-se que a proposição enunciada é de tal modo exacta que ainda não lhes consta ter por aqui algures alguém descoberto a magica arte de agradar a todo o mundo, e si houvesse um tão feliz achado deveria seu autor ser bem gratificado.

Finalmente se comprazem em declarar que reivindicarão e readquirirão legalmente uma parte importante do Rocio d'esta Capital, onde brevemente verão prosperar a nova Colonia Polaca, cujos membros expontaneamente vierão em demanda de terrenos e trabalho attrahidos pelo nosso bello clima. Em attenção á imparcialidade tolerancia e justiça com que tem administrado esta bella Provincia o **Exmo. Dr. Frederico José Cardozo D'Araujo Abranches**, os membros da **Comissão**, bem certos de que essa Camara compartilhará suas ideias, propõe que a nossa Colonia seja denominada — **COLONIA ABRANCHES** — Deus Guarde a V.V.S.S. Illmos. Snres. Presidente e mais vereadores da Camara Municipal d'esta Capital.

João Baptista Brandão de Provença

Antonio Enes Bandeira
Antonio Marçal de Oliveira
Aurelio Joaquim Ribro. de Campos
Balduino Luis de Souza

Livro dos Termos de verificação dos Marcos do Rocio. 25/10/1873. Arquivo da CMC.

- 29 — A Camara Municipal de Curitiba acata a sugestão do nome a ser dado à nova Colônia.

“7ª sessão em 10 de novembro de 1873 — Resolve mais a Camara denominar Colonia Abranches, toda a area de terreno em que se acha o nucleo de imigrantes polacos, actualmente estabelecidos entre os quarteirões do Ahu e Pilarzinho, dando ciencia desta resolução bem como de todo o trabalho da Comissão incumbida de estabelecer esses colonos á S. Excia. Snr. Presidente da Provincia.

Boletim do Archivo Municipal de Curityba, Actas das Sessões da Camara, Curitiba, 1960, p. 30.

- 30 — Comunicação que o 1º escriturário Gustavo Augusto de Castro fez á Contadoria do Thesouro da Fazenda da Provincia do Paraná.

Nº 741 — Tendo o Governo Imperial posto á disposição do Presidente a quantia de 10:000\$000 para ser empregada em auxiliar á colonização expontanea que se encaminha para esta Provincia, julgo que não ha inconveniente em ser entregue á Camara Municipal desta capital a quantia de 2:000\$000 que pede no incluso officio como indenisação das despesas que fez com o estabelecimento de várias famílias de emigrantes polacos na colonia — Abranches. A ordem do Thesouro nº 67 de 19 de Novembro último augmentou com a referida quantia de 10:000\$000 o credito da verba — Terras Publicas e Colonisação do exercicio corrente. Contadoria da Thesouraria da Fazenda do Paraná em 30 de Dezembro de 1873 o 1º Escriturário — Gustavo Augusto de Castro. nº 522 — Contadoria: Contadoria, 31 de Novembro de 1873. O Contador Alfredo Munhoz.

Offcios 1873 — vol. 23. APEP.

- 31 — Officio da Câmara Municipal de Curitiba ao Presidente João José Pedrosa. 10/12/1873.

Tendo esta Camara, no intuito de facilitar e proteger a immigração, estabelecido a colonia Abranches, onde foram accomodadas as diversas famílias de imigrantes polacos, aos quaes, adiantadamente foram distribuidas 174 cartas de data com 435:000 braças quadradas de terreno, importando cada carta na quantia de 10\$200; a Camara vem convencida como esta, dos sentimentos de justiça de V. Excia., solicitar um auxilio de 2:000\$000, como endemnisação das despesas com o estabelecimento daqueles imigrantes.

Offcios 1873 — vol. 25. APEP.

- 32 — Comunicação do Presidente Frederico J. C. A. Abranches ao Agente da Colonisação de Imigrantes da Capital.

Comdo. a Vmce., pa. conhecimento e fins devidos que, n'esta data expedi ordem a Thesouraria da Fazenda, no sentido de ser-lhe entregue a quantia de 70\$000 rs: de que opportunamente prestará contas a fim de ocorrer aos de que carece a Capella de N. S. Sant'Anna na Colonia Abranches.

Livros de registros de Officios dirigidos a diversos — 1873 a 1873 f. 31. APEP.

- 33 — Informe à Tesouraria da Fazenda de 26/11/1874.
Remetendo os documentos sob nºs 1 á 30 da despeza feita com os concertos da Capella de Sant'Anna, na impª de 1'320\$190 e pedindo pagamento da quantia de 620\$910, e quitação da de 700\$000 rs.

Livro Protocollo de 1871 — 1876. APEP.

34 — Officio do Ministro dos Negócios da Agricultura ao Presidente da Província do Paraná. 12/4/1874.

Communico a V. Exa. que nesta data expeço as convenientes ordens para que da Província de Santa Catharina seja transportado para essa o Padre Maria-rio Gizenski a fim de exercer o cargo de Capellão dos colonos estabelecidos em Abranches, conforme solicitam os ditos colonos no requerimento que V. Exa. me enviou com o seu officio de 22 do mez proximo findo. Ao dito Padre Gizenski mandarà V. Exa. abonar a gratificação annual de quinhentos mil reis. (Rr. 500\$000) a contar de 1 de junho proximo futuro. D.G.V. Exa. José Fernandes da Costa Pereira Júnior.

SUPERINTENDÊNCIA DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO POLONESA AO PARANÁ

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente — Osvaldo Obrosiak
Vice-Presidente — Antônio Gawronski

MEMBROS:

Sociedade União Juventus — Curitiba
Pres. Paulo Filipake

Sociedade Popular José Pilsudski — Curitiba
Pres. Feliks Kuznicki

Supol — Curitiba
Pres. Rizio Wachowicz

Sociedade Cultural e Agrícola — Araucária
Pres. José Knopik

Sociedade São José — Rio Verde Acima — Araucária
Pres. José Gurski

Sociedade Beneficente Cultural Iratiense — Irati
Pres. Vadeco Filipak

Sociedade União Beneficente Náutica — S. Mateus do Sul
Pres. João Zacharias Guis

Sociedade Sãomatuense — São Mateus
Pres. Agostinho Caminski

Centro Cultural Católico Agrícola — Campo Largo
Pres. Arnaldo Rosa Portela

CONSELHO DIRETOR

Presidente — Vicente Flenik
Vice-Presidente — Francisco Dranka
Supervisores Financeiros — Edward Czerwonka
Feliks Golas

DEPARTAMENTOS

Cultural — Coordenador Jan Krawczyk
Histórico — Coordenador Técnico Ruy C. Wachowicz
Promoções — Coordenador Rizio Wachowicz
Divulgação — Miecislau Surek

34 — Offício do Ministro dos Negócios da Agricultura ao Presidente da Província do Paraná. 12/4/1874.

Communico a V. Exa. que nesta data expeço as convenientes ordens para que da Província de Santa Catharina seja transportado para essa o Padre Maria-rio Gizenski a fim de exercer o cargo de Capellão dos colonos estabelecidos em Abranches, conforme solicitam os ditos colonos no requerimento que V. Exa. me enviou com o seu officio de 22 do mez proximo findo. Ao dito Padre Gizenski mandará V. Exa. abonar a gratificação annual de quinhentos mil reis. (Rr. 500\$000) a contar de 1 de junho proximo futuro. D.G.V. Exa. José Fernandes da Costa Pereira Júnlor.

SUPERINTENDENCIA DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO POLONESA AO PARANÁ

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente — Osvaldo Obrosiak
Vice-Presidente — Antônio Gawronski

MEMBROS:

- Sociedade União Juventus — Curitiba
Pres. Paulo Filipake
- Sociedade Popular José Pilsudski — Curitiba
Pres. Feliks Kuznicki
- Supol — Curitiba
Pres. Rizio Wachowicz
- Sociedade Cultural e Agrícola — Araucária
Pres. José Knopik
- Sociedade São José — Rio Verde Acima — Araucária
Pres. José Gurski
- Sociedade Beneficente Cultural Iratiense — Irati
Pres. Vadeco Filipak
- Sociedade União Beneficente Náutica — S. Mateus do Sul
Pres. João Zacharias Guis
- Sociedade Sãomatuense — São Mateus
Pres. Agostinho Caminski
- Centro Cultural Católico Agrícola — Campo Largo
Pres. Arnaldo Rosa Portela

CONSELHO DIRETOR

Presidente — Vicente Flenik
Vice-Presidente — Francisco Dranka
Supervisores Financeiros — Edward Czerwonka
Feliks Golas

DEPARTAMENTOS

Cultural — Coordenador Jan Krawczyk
Histórico — Coordenador Técnico Ruy C. Wachowicz
Promoções — Coordenador Rizio Wachowicz
Divulgação — Miecislau Surek

GRÁFICA VITÓRIA
CURITIBA